



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

TAMAR ALESSANDRA THALEZ VASCONCELOS

As subjetividades e feminilidades no Coração Nazareno:

Um estudo etnográfico em um Maracatu de Baque Solto Feminino de Nazaré da Mata

Recife

2016

TAMAR ALESSANDRA THALEZ VASCONCELOS

As subjetividades e feminilidades no Coração Nazareno:

Um estudo etnográfico em um Maracatu de Baque Solto Feminino de Nazaré da Mata

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lady Selma Ferreira Albernaz

Recife

2016

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

V331s Vasconcelos, Tamar Alessandra Thales.
As subjetividades e feminilidades no Coração Nazareno : um estudo etnográfico em um Maracatu de Baque Solto Feminino de Nazaré da Mata. – 2016.
135 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^ª. Dr^ª. Lady Selma Ferreira Albernaz.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2016.
Inclui Referências e anexos.

1. Antropologia. 2. Maracatu. 3. Mulheres na cultura popular. 4. Cultura popular. 4. Maracatu rural. 5. Gênero. I. Albernaz, Lady Selma Ferreira (Orientadora). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-199)

TAMAR ALESSANDRA THALEZ VASCONVELOS

As subjetividades e feminilidades no Coração Nazareno:

Um estudo etnográfico em um Maracatu de Baque Solto Feminino de Nazaré da Mata

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia e aprovada em 29/08/2016.

Aprovada em 29 / 08 / 2016

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Lady Selma Ferreira Albernaz (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPE

Prof^a Dr^a Laure Marie-Louise Clémence Garrabé (Examinadora Titular Interna)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPE

Prof^a Dr^a Jaileila Menezes de Araujo (Examinadora Titular Externa)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esta pesquisa a mim e a todas as
pessoas que me cercaram nestas páginas
da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Lady Selma Ferreira Albernaz pelas orientações, estímulo e confiança. Ao corpo docente e discente do programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco – PPGA pelas contribuições com este mestrado.

A Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM) e as mulheres do Maracatu Coração Nazareno (Eliane Rodrigues, Mauricélia, Mestra Gil, Marinalva, Vanessa, Fernanda, Antônia, Gilcélia, Marta, Hilda, Lucicleide, Maria Cristina, Deysielle, Marliete e Mariinha) por sempre abrir as suas portas para me receber desde a minha Especialização em história até a conclusão deste mestrado em Antropologia. De fato, a AMUNAM é uma grande família. A Salatiel, envolvido na produção do Maracatu Coração Nazareno, pela grande disponibilidade em me ajudar.

Aos maracatuzeiros Anderson, Bi, Barachinha, Cabeça, João Paulo e José Modesto pela disponibilidade e paciência em me contar as suas histórias nesta tradição. Foi de fundamental importância para esta pesquisa.

Aos meus pais Carlos e Thereza por estarem presentes em todos os ciclos da minha vida (sempre com amor, cuidado e carinho). Ao meu irmão Leonel que, mesmo a distância, sempre me apoiou. Aos meus tios padrinhos Eva e José pelo constante incentivo e pela ajuda contando a história da família para cumprir os créditos da disciplina: Família e Gênero. Ao estímulo e companheirismo das minhas primas Flávia e Joice. A minha prima Ana Paula e Ana Carolina pelo estímulo, mesmo que a distância. Aos pequenos primos Marcelo, Heitor, Vando e Bárbara por alegrar os meus dias.

Ao Heitor (amor, namorado e amigo) pela força que me faltou na reta final. Mostrou-me a importância de ter esperança e não desistir da caminhada, por mais dura que seja.

Aos meus queridos amigos que moram perto e longe – eles sabem que estou falando justo deles. Gratidão por tudo.

RESUMO

O objetivo desta investigação é compreender as relações de gênero envolvendo um Maracatu de Baque Solto formado apenas por mulheres. Mais precisamente, como elas vivenciam as suas feminilidades em uma tradição de origem masculina típica da Zona da Mata Norte de Pernambuco, ao mesmo tempo em que participam da defesa dos direitos das mulheres. A etnografia baseia-se em observação participante (período de observação) no Maracatu Coração Nazareno, sediado em Nazaré da Mata – PE. A observação resultou num conjunto de atividades (observação da organização durante o período pré-carnaval na sede, a jornada carnavalesca na Zona da Mata e Grande Recife e as suas movimentações durante ao longo do ano) e foi complementado por entrevistas. A pesquisa de campo seguiu em três etapas: 1. Levantamento dos dados bibliográficos, institucionais, produções do maracatu Coração Nazareno (CD's/cartilhas/fotografias) e material jornalístico; 2. Observação da organização interna correspondendo ao período pré-carnaval, apresentações do Carnaval e em outros momentos durante o ano que julguei importantes; 3. Entrevistas com as integrantes do Maracatu Coração Nazareno, da AMUNAM e com alguns mestres homens de outros grupos. Os resultados indicam que este Maracatu (enquanto uma recriação) possui um conjunto de singularidades que influenciam na dinâmica do Baque Solto. Nessas particularidades, as mulheres do Coração Nazareno imprimem ao folguedo feminilidades que costumeiramente não estão presentes nos demais grupos, trazendo novos elementos ao contexto dessa tradição. Assim, modificando o horizonte da escrita tão comum nas demais literaturas.

Palavras-chave: Gênero. Maracatu Rural. Mulheres. Cultura Popular.

ABSTRACT

This present work proposes to understand the relations of gender in a *Maracatu de Baque Solto*, the only one *Maracatu* formed exclusively by womens, and also, more especifically; how they live their feminilities in a tradition that had been originally created by men in the *Zona da Mata Norte de Pernambuco*, at the same time that they are fighting for the rights of the womens. The ethnography method used was the participant observation, going along with the *Maracatu Coração Nazareno*, sited in *Nazaré da Mata-PE*. This research observed a group of activities produced by this *Maracatu*: their organization during the period of pre-carnival at their head office, their carnival journey at the *Zona da Mata* and *Grande Recife* and movimentations during the year, being complemented by interviews in the end. The field research followed three fases: 1. collection of bibliographic data, institutional, *Maracatu Coração Nazareno* productions (CD's, booklets, photos) and journalistic materials. 2. The internal observation of the group, during their organization time in the period of pre carnival and carnival and others presentations during the year, that I've judged relevant. 3. Interview with members of the *Maracatu Coração Nazareno*, from *AMUNAM*, as well with some men, masters from other groups of *Maracatu*. The result of this present work shows that this especifically *Maracatu* (as a variation of the original one) has its set of singularities and directly influences the *Baque Solto* dynamic. At this particularities, the women of *Coração Nazareno* imprints to the *Folgado* their feminilities, that by costum, are not present at the others groups of *Maracatu*, thereby, bringing a new element to the context of this tradition and increasing a new horizon to the literature of this area.

Keywords: Gender. Maracatu Rural. Womens. Popular Culture.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 O CAMPO DE PESQUISA	20
2.1 A TRAJETÓRIA DO CAMPO DE PESQUISA NA CONSTRUÇÃO DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.2 MOTIVAÇÕES E EXPERIÊNCIAS SOBRE O CAMPO DE PESQUISA.....	32
3 O MARACATU DE BAQUE SOLTO	35
3.1 UMA MISTURA DE LAZER E COMPROMISSO	35
3.2 AS MULHERES NO MACARATU DO BAQUE SOLTO	42
4 UMA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES	50
4.1 A ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES DE NAZARÉ DA MATA – AMUNAM	50
4.2 O MARACATU CORAÇÃO NAZARENO DE NAZARÉ DA MATA	59
5. A JORNADA CARNAVALESCA DE UM MARACATU DE MULHERES	70
5.1. O PRÉ-CARNAVAL: A ORGANIZAÇÃO INTERNA	72
5.1.1. <i>A oficina de produção: as indumentárias</i>	73
5.1.2. <i>A produção artística</i>	75
5.2 O CARNAVAL: AS APRESENTAÇÕES ITINERANTES PELA ZONA DA MATA NORTE E GRANDE RECIFE	75
5.2.1. <i>Na sede</i>	78
5.2.2. <i>No ônibus</i>	82
5.2.3. <i>Na fila</i>	84
5.2.4. <i>Nos desfiles</i>	87
5.3 O PÓS-CARNAVAL: AS ATIVIDADES REALIZADAS PELO MARACATU AO LONGO DO ANO	95
5.3.1 <i>Apresentações fora do ciclo Carnavalesco</i>	95
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102
GLOSSÁRIO	110
ANEXOS	114

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta investigação é compreender as relações de gênero envolvendo um Maracatu de Baque Solto formado apenas por mulheres. Mais precisamente, como elas vivenciam as suas feminilidades em um folguedo de origem masculina típica da Zona da Mata Norte de Pernambuco, ao mesmo tempo em que participam da defesa dos direitos das mulheres.

A etnografia baseia-se em observação participante (período de observação) no Maracatu Coração Nazareno, sediado em Nazaré da Mata – PE. A observação resultou num conjunto de atividades (observação da organização durante o período pré-carnaval na sede, a jornada carnavalesca na Zona da Mata e Grande Recife e as suas movimentações durante ao longo do ano) e foi completado por entrevistas. A pesquisa de campo seguiu em três etapas: 1. Levantamento dos dados bibliográficos, institucionais, produções do maracatu Coração Nazareno (CD's/cartilhas/fotografias) e material jornalístico; 2. Observação da organização interna correspondendo ao período pré-carnaval, apresentações do Carnaval e em outros momentos durante o ano que julguei importantes; 3. Entrevistas com as integrantes do Maracatu Coração Nazareno, da AMUNAM e com alguns mestres homens de outros grupos. Os resultados indicam que este Maracatu (enquanto uma recriação) possui um conjunto de singularidades que influenciam na dinâmica do Baque Solto. Nessas particularidades, as mulheres do Coração Nazareno imprimem ao folguedo feminilidades que costumeiramente não estão presentes nos demais grupos, trazendo novos elementos ao contexto dessa tradição. Assim, modificando o horizonte da escrita tão comum nas demais literaturas.

A ideia de estudar as mulheres do Baque Solto teve início com a pesquisa de conclusão de curso de Especialização em História do Século XX¹, cujo objetivo era investigar a participação das mulheres no Maracatu Rural. A partir daí, identificar onde elas estão localizadas e o que fazem no folguedo, elaborando um comparativo entre um Maracatu tradicional (Estrela de Ouro de Aliança) e um maracatu de mulheres (Coração Nazareno de Nazaré da Mata). Como fruto desta pesquisa inicial surgiu o livro “A Mulher no Maracatu Rural”². Os diversos aspectos

¹Meu orientador foi Severino Vicente da Silva é professor adjunto do programa de história da UFPE, atuando no programa de pós-graduação em história da UFPE.

²“A Mulher no Maracatu Rural” é o título do livro do 4º volume da coleção Maracatus e Maracatuzeiros publicado em dezembro de 2012 pela Editora Reviva.

envolvendo as mulheres do Coração Nazareno causaram-me novas inquietações que poderiam ser melhores explorados posteriormente. Estas inquietações giraram em torno do real objetivo desse maracatu e como ele se relaciona com os demais. Então, decidi dar continuidade ao estudo sobre as mulheres do Coração Nazareno, desenvolvendo um olhar mais aprofundado sobre novas questões.

É um estudo baseado analiticamente nas relações de gênero, que se desdobrou nas feminilidades subjetivas observadas neste maracatu de mulheres. Esta pesquisa mostrou-se desafiadora, pois existem poucos ou quase nenhum trabalho sobre esta temática no maracatu de Baque Solto. Isto indica ser pertinente uma análise mais aprofundada, identificando as suas feminilidades no contexto patriarcal da Mata Norte e em qual direção vai à crítica envolvendo-as dentro da tradição do Baque Solto ao ser fundado um maracatu de mulheres. Neste sentido, a AMUNAM encontra-se diretamente relacionada ao folguedo, pois parte dela toda a sua organização e estruturação.

O Maracatu Rural é uma mistura de compromisso e lazer, de religiosidade e diversão. É um conjunto de práticas que envolvem elemento de outros folguedos da região, como por exemplo, o Cavalinho. Faz parte de um complexo processo de sincretismo religioso, uns falam em Candomblé, outros fala em Umbanda e outros em catolicismo popular. Possuem sambadas e ensaios, onde os mestres, o terno, os brincantes e a população interagem antes das apresentações carnavalescas. Os personagens principais são: Caboclo de Lança, Caboclo de Pena ou Arreamar, Mestre Caboclo e o Mestre do apito. O personagem que possui maior número dentro de um grupo é o Caboclo de lança, composto majoritariamente por homens. As mulheres compõem o “miolo” do maracatu que é composto pelo binal e a corte. E sua maioria é associada à Associação dos Maracatus de Baque Solto, localizado em Aliança. Eles iniciam com a festa do terreiro no mês de setembro, depois seguem para os três dias de carnaval e finalizam com o carnaval de páscoa, fechando o ciclo carnavalesco.

O Coração Nazareno diferencia-se dos demais maracatus nos seguintes aspectos: é um Maracatu criado pela Associação das mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM); não possuem sambadas e ensaios (o único elemento que ensaia é o terno junto com a mestra Gil); as mulheres são de diferentes orientações religiosas, possuem duas Damas do Paço, suas loas são voltadas para as reivindicações sociais e necessidades das mulheres, não são registradas na Associação dos Maracatus de Baques Soltos, não fazem o Carnaval de Páscoa e o peso das arrumações

(indumentárias) das caboclas é mais leve (em torno de 18 kg). Então, trata-se de uma dinâmica diferenciada, ou seja, uma recriação dentro da tradição do Baque Solto.

Ao considerar que o Maracatu Coração Nazareno possui uma formação diferenciada do tradicional existente em Pernambuco e que o fator central é a sua composição feminina, levamos a questionar se este maracatu produz reais modificações na tradição do Baque Solto. Por ser um folguedo de origem masculina e com uma masculinidade ainda muito forte, o Coração Nazareno é posto em xeque por muitos homens e mulheres da região. É importante também verificar até que ponto estas mulheres estão contestando o patriarcado e mexendo com a tradição das relações de gênero que remete ao Baque Solto.

As mulheres do Coração Nazareno acreditam que estão “quebrando tabus” brincando em personagens antes proibidos, tornando-se protagonistas na tradição do Baque Solto. Segundo a Mestre Gil, elas não querem ocupar o lugar dos homens, querem apenas dividir a brincadeira com eles. Para Mauricélia, “[...] a questão do maracatu é a questão do desafio, é a quebra dos paradigmas, do tabu. Só porque é homem, só ele tem que fazer; e aí surgiu o Coração Nazareno.”³

Depois de 12 anos, as mulheres do Coração Nazareno ainda recebem muitas críticas por conta da sua formação. Geralmente as críticas partem de muitos homens brincantes (principalmente os mais velhos) que ainda não as considera um “Maracatu de verdade”. É importante notar que a diferença existente entre elas e os demais maracatus é de fundamental importância para entendermos como este é visto pelos homens e as suas críticas sobre elas.

O grande desafio desta pesquisa foi trazer um novo olhar. Tentar observar novas questões sob outros ângulos com a ajuda da Antropologia. Em uma das minhas visitas a Associação das Mulheres de Nazaré da Mata – AMUNAM (principal local da pesquisa de campo), ouvi Gilcélia Barbosa da Silva falar: “Tamar, você já conhece a gente, já sabe de tudo, vai tirar de letra”⁴. Senti-me contente com a receptividade dela, mas ao mesmo tempo me senti perdida enquanto

³Entrevista concedida por Mauricélia Lino de Freitas (trabalhadora na AMUNAM), no dia 11 de junho de 2012, em Nazaré da Mata.

⁴Comentário feito por Gilcélia Barbosa da Silva (trabalhadora na AMUNAM e brincou de Rainha e era musicista do Maracatu Coração Nazareno na Nazaré da Mata) no pátio da AMUNAM, no dia 27 de outubro de 2015, em Nazaré da Mata.

pesquisadora iniciante com inúmeras questões em minha mente. O que demandou mais tempo de campo em busca de mais respostas e precisão nas investigações.

A pesquisa de campo foi realizada no período de janeiro a março de 2015 com um novo retorno de outubro a novembro de 2015 e foi direcionada para a construção de uma etnografia e seguiu em três etapas: 1. Levantamento dos dados bibliográficos, institucionais, produções do maracatu Coração Nazareno (CD's/cartilhas/fotografias) e material jornalístico; 2. Observação da organização interna correspondendo ao período pré-carnaval, apresentações do Carnaval e em outros momentos durante o ano que julguei importantes; 3. Entrevistas com as integrantes do Maracatu Coração Nazareno, da AMUNAM e com alguns mestres homens de outros grupos. Nestes três momentos foi composto o diário de campo com registro que foi visto com muitas inquietações. A maioria das entrevistas foi realizada na AMUNAM. Outras foram realizadas em suas residências, entre as apresentações durante o Carnaval (e também em outras oportunidades durante o ano) e na sede do Maracatu Estrela Dourada de Buenos Aires (quando conversei com alguns mestres e outros brincantes). Algumas observações foram feitas em sambadas no Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança, sitio Chã de Camará.

Cardoso de Oliveira (2006) enfatiza o caráter constitutivo do “olhar, ouvir, escrever”, onde o “olhar” e o “ouvir” são funções básicas para a pesquisa empírica e o “escrever” é um momento fecundo para as interpretações. Nessa perspectiva, a observação participante foi indispensável para a elaboração do material etnográfico sobre as mulheres do Coração Nazareno.

O levantamento institucional foi na Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM) que possui um relevante acervo sobre a sua organização, fundação e atividades, como: relatórios institucionais, revistas, cartilhas, jornais, fotografias, Cd's, monografias, dissertações e tese. Muito do material jornalístico sobre o Maracatu Coração Nazareno está digitalizado para facilitar a sua divulgação e inscrição em editais públicos. Esse material se encontra reunido na sala principal da sede juntamente com os troféus e premiações conquistados ao longo destes 28 anos de Associação e 12 de Maracatu Coração Nazareno.

Do levantamento bibliográfico, pesquisei nas seguintes instituições: a Biblioteca central da UFPE, Biblioteca Setorial do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, a Biblioteca Setorial do Centro de Artes e Comunicação da UFPE e a biblioteca da Universidade Católica

de Pernambuco. Nesses locais foi possível o acesso à grande parte dos escritos sobre o Maracatu de Baque Solto, Cultura Popular e de Gênero.

A cerca dos resultados, pude verificar que o Baque Solto anda é uma tradição muito masculina e permeado por significados e práticas de gênero. Apesar de um significativo aumento da participação das mulheres na brincadeira, ela pouco alterou as estruturas das relações sociais. A posição dos participantes no folguedo como um todo, varia de acordo com o seu sexo, papéis, funções e identidades de gênero. No que tange ao Maracatu Coração Nazareno, a elas cabem uma estrutura mais leve – ao pé da letra. A dança é leve e rápida, as indumentárias pesam menos, elas afirmam que vieram trazer leveza a uma brincadeira pesada e violenta. A feminilidade é acionada de forma a evidência o cuidado, o afeto, a sensibilidade, demonstrando uma essencialização da mulher, porém é uma conclusão delicada, pois se trata de mulheres que possuem agência e levantam a bandeira de luta pelos direitos da mulher e contra violência. A princípio, me pareceu inconsciente, mas pude perceber que é a forma como elas encontraram de inserir o Coração Nazareno na tradição e na sociedade.

O Coração Nazareno ainda necessita da aprovação dos homens para adquirir legitimidade e aumentar a sua aceitação diante da sociedade. Aos homens cabe o prestígio, o poder, a capacidade de liderança, a virilidade, a força e o destaque na brincadeira. A mulher, a fragilidade, a natureza, a sensibilidade, o cuidado e a leveza. As relações de poder entre os homens e as mulheres na tradição continuam desiguais. “É fácil perceber que esses sentidos terminam marcando as mulheres de forma negativa, bem como atuam de modo muito eficaz na “essencialização” de atributos social e ideologicamente construídos”. (ALBERNAZ; LIMA, 2013, p. 506) O Coração Nazareno adquiriu prestígio por ser o único maracatu formado apenas por mulheres diante da mídia e 2016 recebeu o título do Ministério da Cultura de honra ao mérito Cultural, porém, diante da tradição, ainda é marcado por desigualdades de gênero.

As visitas ocorreram em vários momentos durante o ano de 2015, no período: pré-carnavalesco, carnavalesco e ao longo do ano. As minhas visitas a AMUNAM foram mediante contato prévio com Salatiel Cícero⁵. Ele trabalha na AMUNAM e na produção do Coração Nazareno e foi de fundamental importância nesta pesquisa, pois possui um amplo conhecimento sobre o funcionamento da AMUNAM e do Maracatu. No decorrer da pesquisa ele me mantinha

⁵O meu único interlocutor homem que trabalha na AMUNAM e na produção do Maracatu Coração Nazareno.

informada sobre a agenda do Maracatu e os materiais jornalísticos mais recentes. Ele me ajudou a selecionar as mulheres e meninas que entrevistei, onde o critério de seleção foi à função e posição ocupada por essas mulheres no maracatu.

A minha primeira visita foi em novembro de 2014 para assistir a uma apresentação do Coração Nazareno em Nazaré da Mata, no encontro dos Maracatus Rurais do Festival Canavial. No dia seguinte, fui convidada pela Eliane Rodrigues para participar de uma pequena apresentação (vestida de Cabocla de Lança) para um grupo das Nações Unidas que estava presente fazendo filmagens. Neste encontro com as mulheres da AMUNAM e do Coração Nazareno, mostrei a minha intenção em continuar desenvolvendo a pesquisa com elas, que me receberam muito bem. Não pouparam esforços para me ajudar no que precisasse. Então, pude reafirmar os laços.

No período pré-carnavalesco, existe uma grande mobilização interna para inscrever o maracatu nos editais de eventos, de fomentos e nas prefeituras para participarem do Carnaval. A captação dos recursos é importante para pagar o ônibus que transporta o Maracatu durante as apresentações, materiais de primeiros socorros, alimentação e as despesas com o alojamento. Neste período, elas costumam fazer inscrição de novas meninas para compor o quadro do grupo. Um grande incentivo para as meninas e mulheres que brincam são os cachês, pois, segundo Salatiel, a instituição faz questão de pagar por cada apresentação como uma forma de estimular a participação e a permanência delas no folguedo.

Esse Maracatu não possui ensaios e sambadas. Apenas o terno (conjunto musical) e as musicistas (instrumentos de sopro) ensaiam junto com a mestra Gil⁶. O período pré-carnavalesco concentra-se na oficina de produção, localizada na AMUNAM. Na oficina são produzidas e guardadas as indumentárias do Maracatu. Nesse espaço as mulheres se reúnem para discutir sobre o maracatu. Sobre o desenho da gola de cabocla, o bordado da saia da rainha, o estandarte, a organização das meninas etc. O Coração Nazareno troca as suas roupas a cada dois anos, mudando cores e formatos. Reaproveitam materiais e compram novos. Lavam e colocam para secar todas as roupas, várias vezes durante o ano. É uma organização que dura o ano inteiro. Algumas oficinas de “corte e costura” são oferecidas pela instituição para a criação e reparos. É um local de muita conversa e descontração onde pude realizar longas entrevista com algumas das principais lideranças.

⁶Ver glossário dos personagens.

Durante o carnaval as observações concentraram-se em Nazaré da Mata. Outras foram feitas durante as apresentações itinerantes na Zona da Mata e no Recife. Elas percorrem, em um ônibus alugado, diversas cidades (Nazaré da Mata, Buenos Aires, Itaquitinga, Lagoa de Itaenga, Condado, Tracunhaém, Alto Três Carneiros/Jaboatão dos Guararapes e Casa Amarela/Recife. Apenas não esteve presente em Casa Amarela, Buenos Aires e Lagoa de Itaenga), e possui uma grande organização, com: transporte, alimentação e alojamento. O alojamento é na AMUNAM, onde parte das integrantes do maracatu passam os quatro dias de carnaval. Outras, que moram próximas à sede, dormem em casa. Elas costumam se organizar e sair muito cedo para se apresentarem primeiro. Isto se deve a uma regra importante nas apresentações que é a ordem de chegada. Quem “colocar primeiro a bandeira” fica com a posição, fazendo o Coração Nazareno sempre se apressar para ser o primeiro da fila⁷.

O dia mais importante do seu calendário é o Encontro dos Maracatus Rurais de Nazaré da Mata na segunda de carnaval. Esse encontro reúne mais de 30 grupos de Maracatus Rurais da Região da Mata Norte. Nazaré da Mata possui o maior número de grupos registrados. Os demais encontros acontecem de sábado a terça. Os locais visitados pelo Maracatu Coração Nazareno no Carnaval 2015 foram: Buenos Aires, Casa Amarela (Recife), Lagoa de Itaenga, Nazaré da Mata (Encontro dos Maracatus Rurais de Baque Solto), Condado, Itaquitinga, Tracunhaém, Três Carneiros - Corredor Comunitário (Jaboatão dos Guararapes), Nazaré da Mata (Encerramento). Ocorrendo também antes das datas oficiais (como no caso do Recife Antigo). Eliane Rodrigues de Andrade Ferreira, a presidente e coordenadora executiva da AMUNAM, costuma estar sempre presente na maioria das apresentações. Vale ressaltar que o Maracatu Coração Nazareno não participa dos concursos carnavalescos.

Dos eventos que aconteceram durante o ano, pude estar presente em dois deles. No dia 8 de março de 2015 participei do programa “espaço da mulher” com a Eliane Rodrigues na Alternativa FM (AMUNAM), onde falávamos sobre a mulher e a cultura popular. Foi uma importante oportunidade para debater sobre as mulheres no Maracatu de Baque Solto e de conversar com Eliane nos bastidores sobre a fundação da AMUNAM e do Coração Nazareno. Em 23 de julho de 2015 ocorreu uma apresentação do Maracatu Coração Nazareno no Festival de Inverno de Garanhuns. Elas costumam estarem presentes nesse evento que acontece todos

os anos. Nesta apresentação participei como apoio, realizando fotografias e ajudando as meninas com as indumentárias.

As entrevistas e conversas informais, gravadas ou não foram realizadas na sua maioria em Nazaré da Mata, na Associação das Mulheres de Nazaré da Mata. Algumas entrevistas foram realizadas em Buenos Aires e Aliança, localizadas na Zona da Mata Norte de Pernambuco⁸. Além deste grupo, conversei com homens (em alguns casos entrevistei-os) de outros Maracatus de Baque Solto⁹. Este último momento das entrevistas foi realizado entre outubro e novembro de 2015.

O seminário “Gênero e Patrimônio Cultural”, que ocorreu em dezembro de 2015, na Caixa Cultural Recife, ajudou-me a refletir sobre o protagonismo feminino no cenário cultural pernambucano e a importância das mulheres em contextos relacionados à preservação patrimonial. Neste evento estiveram presentes algumas integrantes do Maracatu Coração Nazareno. A Mestre Gil compôs uma mesa contando um pouco da sua história e experiência como a única mestra de Maracatu de Baque Solto. O tema da mesa era: “Os desafios do protagonismo da mulher na salvaguarda do patrimônio cultural (Maracatu Nação, Maracatu de Baque Solto e Cavalo Marinho)”. Juntamente com a Mestre Gil, as palestrantes eram: Lady Selma Albernaz (PPGA/UFPE), Beatris Brusantin (UNICAP), Maria Alice Amorin, Mestre Joana Cavalcanti (Maracatu Nação Encanto do Pina) e Nice Teles (Cavalo Marinho Estrela Brilhante), sob a coordenação de Suênia Pinto (SecMulher/PE).

No que se referem às entrevistas, estas resultaram em 25 no total, entre integrantes do Maracatu Coração Nazareno e da AMUNAM; e alguns mestres (homens) de outros grupos de Baque Solto. Meu primeiro contato com as mulheres da Associação e do Maracatu ocorreu em 2010. Desde então, continuei mantendo contato com elas. A minha relação sempre foi muito boa com as meninas e mulheres. Esforcei-me para explorar esta etapa da pesquisa junto aos mestres. Quando necessário, o nome dos mestres serão mantidos no anonimato. Debrucei-me na análise de cada uma das falas com o intuito de identificar as relações de gênero, o que muda e o que permanece nas feminilidades das mulheres e as críticas envolvendo este maracatu de mulheres.

⁸Ver anexo 1 dos Mapas.

⁹ Ver anexo 3 do quadro dos Mestres interlocutores de outros Maracatus da Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Ao longo do percurso da pesquisa de campo deparei-me com algumas dificuldades, dentre elas: impossibilidades, em certas ocasiões, de me deslocar até Nazaré da Mata; de encontrar algumas mulheres, só sendo possível em suas residências; encontrar as meninas e mulheres reunidas (só sendo possível nos dias das apresentações) e conversar sobre o Coração Nazareno com alguns mestres.

Em algumas situações me senti o “Outro” quando conversava com as meninas que eu não conhecia, com os mestres e com a população em Nazaré que tomava contato nas sambadas de outros grupos de Maracatu Rural. Em alguns momentos percebia a relação com a cor da pele, o modo de me vestir e o modo de falar. Curioso me sentir o “outro” no papel da pesquisadora em Nazaré da Mata, que frequento há mais de 12 anos.

Outro momento de estranhamento vivido foi quando toquei nos cabelos da boneca Calunga na terça de Carnaval de 2015 e recebi um “Não pode tocar!!!” bastante incisivo. Depois deste momento, sendo coincidência ou não, o maracatu começou a “desandar”. O ônibus quebrou duas vezes na saída de Nazaré da Mata para Três Carneiros em Jaboatão dos Guararapes, começou a “chover grosso” e ocorreu uma briga entre moradores no meio do Maracatu e as meninas começaram a correr e o grupo “desmantelou-se”. A princípio foi uma grande surpresa, por conta das inúmeras histórias que ouvi e li acerca da boneca Calunga. Em entrevistas concedidas por algumas integrantes em 2012, para a edição do livro “A Mulher no Maracatu Rural”, o Coração Nazareno seria um “maracatu alegórico” sem rituais. Em novas entrevistas concedidas em 2015, a Dama do Paço afirmou fazer rituais de “calço” (banhos com ervas) da boneca desde 2013. No geral, as mulheres que brincam no Coração Nazareno são de diferentes orientações religiosas. Segundo Cleide, a boneca não pode ser tocada de forma alguma por pessoas de fora e, talvez por delicadeza, não relacionou o ocorrido a mim.

Um ponto importante nesta pesquisa foi o grande envolvimento emocional que senti, pois esta temática me acompanha há alguns anos. Eu brinco quando digo que o Maracatu Rural me encontrou em Nazaré quando fui estudar a minha graduação de História em 2004. Depois veio a experiência de Chã de Camará em 2006, convivendo mais de seis meses com os mestres, crianças, homens e mulheres brincantes da tradição. Logo em seguida a ideia da pesquisa e o seu atual aprofundamento. Falo um pouco acerca dessa trajetória no primeiro tópico do capítulo 2. Falar sobre uma brincadeira que de início não era o meu tema de pesquisa deixou-me com o olhar pouco investigativo e mais emotivo, por vezes esquecia que estava em campo como

pesquisadora e rapidamente retomava as atenções necessárias. Elas possuem um grande respeito e carinho por mim, devido ao convívio e ao trabalho desenvolvido anteriormente. A dificuldade maior era de mim para elas do que o contrário.

Outro ponto importante e desafiador, como afirma a antropóloga Marilyn Strathern (2014), fala “sobre a imprevisibilidade das informações adquiridas de um material que acreditamos (equivocadamente) ter compreendido” (STRATHERN, 2014, p. 12). Neste sentido, aponto para as modificações dos rumos da pesquisa ao longo do mestrado. Esta nova imersão provocou alterações das impressões que eu possuía das pesquisas anteriores, mostrando um novo olhar e uma nova crítica sobre elas. O que a princípio era um estudo baseado nas mudanças provocadas por este maracatu na tradição, hoje esse estudo vem questionar essas reais mudanças. Esta modificação na perspectiva é a grande contribuição dessa pesquisa.

Este trabalho é resultante do levantamento bibliográfico, etnográfico e sistematização da pesquisa de campo. As observações do campo seguiram as orientações de um quadro analítico que me guiou. A ideia, aqui, é estabelecer uma discussão teórica com a literatura antropológica sobre as subjetividades femininas neste maracatu de mulheres e, entender em qual direção vai à crítica envolvendo este maracatu na tradição do Baque Solto. Tanto de gênero, como pelo embate do tipo de maracatu que as mulheres encenam.

O Capítulo 1 consiste na minha entrada no campo. O meu ponto de partida neste capítulo é uma breve trajetória que culminou com a minha motivação em desenvolver esta pesquisa. Nesta narrativa, abordo questões importantes como a modificação das minhas impressões neste meu retorno ao campo de pesquisa, depois de três anos. “Uma vez imersos, estaríamos aptos a imergir novamente” (STRATHERN, 2014, p. 12). Nesta caminhada da pesquisa, trago a minha fundamentação teórica.

No Capítulo 2 componho uma breve história sobre o Maracatu de Baque Solto e trago um pouco da literatura que menciona as mulheres na tradição. Assim, apresentando as narrativas que tratam da tradição. Trago algumas informações do Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto - Inventário Nacional de Referências Culturais, como sendo um material de relevante contribuição para o registro da tradição. Utilizo também outras literaturas sobre o Baque Solto, como Ana Valérias Vicênte (2005), Mariana Cunha Mesquita do Nascimento (2005), Elisabete

Arruda Assis (1996), dentre outros autores que tratam da temática. São trabalhos que envolvem aspectos religiosos, sua dinâmica e formação do folguedo.

No Capítulo 3 Apresento a história da Associação das Mulheres de Nazaré da Mata e da criação do Maracatu Coração Nazareno pela mesma. Abordo um pouco da trajetória desta associação que esta em funcionamento há 28 anos e do Maracatu Coração Nazareno que, em 12 anos, vem colocando essas mulheres em posição de protagonistas na tradição do Baque Solto. Neste capítulo, tomei como base os relatórios institucionais da AMUNAM, entrevistas, alguns trabalhos acadêmicos, livros, revistas, cartilhas etc. Sobre o feminismo e os movimentos de mulheres utilizei: Cynthia Sarti (2004), Maria Betânia Ávila (2001) dentre outras. E sobre as mulheres no contexto rural, reporto-me ao trabalho de: Sônia Maria da Silva, Juliana Andrade Cavalcante de Albuquerque Parisio e Ana Lucia Bezerra dos Santos (2015).

O Capítulo 4 trato do Maracatu Coração Nazareno no Contexto do Baque Solto e da organização desse maracatu feminino, as apresentações durante o carnaval, algumas das suas atividades desenvolvidas pelo Maracatu ao longo do ano e apresento os meus interlocutores. Abordo as suas subjetividades no que se referem às feminilidades presentes neste folguedo. Busco compreender em qual direção vai à crítica envolvendo este maracatu composto por mulheres através dos relatos dos homens brincantes da região. Ao falar sobre as subjetividades femininas utilizarei Sherry Ortner (2007), referindo-se “ao conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejos, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes” (ORTNER, 2007, p.1). Neste caso ela vê a subjetividade como base da “agency”. Trago contribuições de Juan Scott (1996), para compreender como a categoria de gênero opera nas relações de poder; Peter Burke (2010) no que se refere ao entendimento sobre a cultura popular, dentre outras contribuições que serão mencionadas no decorrer do capítulo.

A Antropologia trouxe uma grande contribuição para esta pesquisa. Segundo Clifford Geertz (2013), “é justamente compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente a prática etnográfica, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como uma forma de conhecimento” (GEERTZ, 2013, p.4). Não é apenas uma questão de métodos, mas interpretação do pesquisador na busca de uma “descrição densa” acerca de determinado contexto. Nesse caso, a etnografia foi uma importante ferramenta na construção dessa análise sobre as mulheres do Maracatu Coração Nazareno.

2 O CAMPO DE PESQUISA

2.1 A TRAJETÓRIA DO CAMPO DE PESQUISA NA CONSTRUÇÃO DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Foto 1 – Arrumações das caboclas de Lança expostas no pátio da AMUNAM na segunda-feira do carnaval em 2015



Fonte: Manu Gomes ¹⁰

Assim que cheguei a Nazaré da Mata, em fevereiro de 2004, para dar início à minha graduação em história, assisti a uma breve apresentação de um grupo de Maracatu de Baque Solto na frente da antiga Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata (UPE) ¹¹, despertando-me uma grande curiosidade. Como moradora da cidade de Olinda, eu sempre tive mais contato com a cultura do Maracatu de Baque Virado e pouco conhecia sobre o Baque Solto. Desde então, comecei a me interessar em frequentar as sambadas¹² e ensaios de diversos grupos da região.

¹⁰ Manu Gomes é designer, educadora e apaixonada pela cultura popular nas suas mais diversas expressões.

¹¹ Hoje, Universidade de Pernambuco (UPE) - Campus Mata Norte.

¹²As sambadas são encontros, classificadas em dois tipos: sambada de terreiro ou ensaio e sambada pé de parede ou desafios (entre dois mestres de maracatus diferentes). Ambas as sambadas possuem vários mestres presentes. Relato coletado em 17 de Maio de 2015 com o Mestre Anderson do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança.

O que a princípio era um desejo de conhecê-lo (enquanto espectadora), transformou-se em tema de pesquisa.

Em 2006, o professor Severino Vicente da Silva perguntou-me se eu possuía interesse de participar de um projeto de extensão universitário no “Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança”¹³, localizado no sítio Chã de Camará¹⁴ (distrito de Aliança). Eu prontamente aceitei e juntamente com um grupo de alunos da Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata (UPE), desenvolvi atividades na comunidade de Chã de Camará. Dentre estas atividades estavam: o conhecimento da cultura e geografia local, alfabetização e supletivo para jovens e adultos, recreação e leitura com as crianças. Ou seja, estávamos imersos com os “fazedores” da cultura popular da Mata Norte¹⁵. Nesse contexto, pude compreender o quanto dinâmica é a cultura popular.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão (2007), “tudo é movimento em qualquer tipo de cultura” (BRANDÃO, 2007, 38), ou seja, está a todo o momento recriando-se. Quando observamos de fora, a estrutura básica de um maracatu de Baque Solto é a mesma, porém esses artistas que lidam com a dança, o canto, a vestimenta, modificam continuamente aquilo que aprenderam a fazer.

¹³ O Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança é um projeto financiado com recursos do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura através do Fundo Nacional de Cultura (FNC) e pelo Governo do Estado de Pernambuco, através do Fundo de Incentivo a Cultura da Secretaria de Educação e Cultura (FUNCULTURA). O Promata e a Prefeitura Municipal de Aliança também apoiam o Ponto. Localizado na PE-62, é um espaço que carrega uma importante história da cultura popular da região. Nesse local, o Mestre Batista criou o Cavalo Marinho e o Maracatu Estrela de Ouro e, depois, José Lourenço, seu filho, criou o Coco Popular de Aliança e a Ciranda Rosas de Ouro. (Dados retirados do site do Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança: http://www.estreladeouro.org/index.php?ARQUIVO=projeto_apresentacao.php). Última visualização em 16/08/2016.

¹⁴ O Sítio Chã de Camará é um distrito do município de Aliança, localizado na Zona da Mata Norte de Pernambuco, a 92 quilômetros do Recife. Segundo dados do IBGE, Aliança possui a população de 37.415 habitantes. (Retirados do site do IBGE: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=260070&search=pernambuco|alianca>). Última visualização em 16/08/2016.

¹⁵ Esse “fazer” da cultura foi também observado por Suia Omim de Castro Chaves (2008), na seguinte citação: “Se, no passado, a maior qualidade agonística de um Maracatu era identificada na braveza “o pessoal fazia intriga no meio do ano e guardava pro carnaval”, nos tempos atuais, a busca dos grupos gira em torno da beleza e da plasticidade. Biu Alexandre compara o Maracatu, dos dias de hoje, com uma festa ‘leve’, como um aniversário: “Carnaval hoje é como um aniversário. Aquela quantidade de amigo, aniversário é aquilo, não tem nenhuma confusão.” (CHAVES, 2008, 86)

O povo, aceitando o fato, toma-o para si, considerando-o como seu, e o modifica e o transforma, dando origem a inúmeras variantes. Assim, uma estória é cotada de várias maneiras, uma cantiga tem trechos diferentes na melodia, os acontecimentos são alterados e o próprio povo diz: 'quem conta um conto, acrescenta um ponto'. A mesma coisa acontece com as danças, o teatro, as técnicas. Tudo pode ser modificado, porque o povo dança, mas suas danças não tem regulamento, não são codificadas; tanto pode o conjunto de dançadores dar três voltas completas, como apenas uma, a indumentária pode ser rica e colorida como simples e ingênua. Há contudo, uma certa estrutura que determina aquela dança, aquela estória, aquela indumentária, aquela cerâmica, e as modificações não invalidam o modelo" (Maria de Lourdes Borges Medeiros, Que é Folclore?) (BRANDÃO, 2007, p.37)

No contato com importantes mestres da região, como: Mestre Zé Duda do Maracatu Rural, Mestre Biu do Coco, Mestre Mariano do Cavalo Marinho, pude perceber o quanto "cada mestre improvisa, recria, "deixa a sua marca" e introduz novos padrões de canto, coreografia e vestimenta" (BRANDÃO, 2007, p.39) a brincadeira. Segundo Brandão (2007), ele fui através das relações interpessoais. O ser humano é basicamente criativo e recriador, ou seja, recupera, inova, incorpora novos hábitos, transforma o velho no novo dando movimento, gerando dinâmica. O Baque Solto possui um forte teor dinâmico que não é apenas culturalmente ativa, mas, também, politicamente ativa. O Coração Nazareno não atrás apenas a bandeira da brincadeira, mas a bandeira da luta pelos direitos das mulheres, direitos que dizem respeito as suas necessidades enquanto mulheres da Zona Rural.

"O ser humano é basicamente criativo e recriador e os artistas populares que lidam com o canto, a dança, o artesanato modificam continuamente aquilo que um dia aprenderam a fazer. Essas são as regras humanas da criação e do amor: fazer de novo, refazer, inovar, incorporar o velho no novo e transformar um com o poder do outro". (BRANDÃO, 2007, p.39)

Compreender a cultura popular é perceber que se encontra em constante recriação e que se articula, em meio ao mundo moderno, à comunicação de massa, à indústria de entretenimento e ao turismo, como afirma Néstor Garcia Canclini (2008). Segundo Canclini (2008), o popular não é apagado pela industrialização dos bens simbólicos, há um grande cruzamento e não conduziremos os estudos sob formas compartimentadas.

O culto, o popular e o massivo não podem se constituir em objetos puros. Um bom exemplo de adaptação "entre o rural e o urbano, o popular e o massivo" (NASCIMENTO, 2005, p. 23) é a família Salustiano. Formada por migrantes da Zona da Mata Norte de Pernambuco, que através de suas estratégias de integração, souberam construir um grande legado cultural, recriando os folguedos populares de Pernambuco, conservando suas características populares e buscando incorporar componentes massivos da cultura hegemônica para deste participar. Nesse contexto,

percebemos um grande processo de hibridização, “procurando sentidos da aliança entre o massivo e o popular, bem como concessões mútuas que se fazem necessárias para tal aliança” (NASCIMENTO, 2005, p. 28). Canclini (2008) aborda o hibridismo cultural, como sendo um fenômeno complexo de relações existentes na modernidade, onde as tradições culturais coexistem com a modernidade. Afirmando que nem o popular está alheio ao massivo e nem o massivo alheio ao popular. Um não nega a existência do outro, nem se conservam fechados e estáveis, estabelecem intensos processos de comunicação. (NASCIMENTO, 2005, p. 32). Pude fazer algumas conexões entre o massivo, o popular e o culto em minha experiência em Chã de Camará, quando o Ponto de Cultura foi inaugurado em 2006 e o Maracatu Estrela de Ouro de Aliança viveu uma grande relação entre estes elementos.

A tradição no campo do conhecimento antropológico, começa a ser pensada e construída no sentido de apontar características processuais e dinâmicas. Assim, a tradição não seria apenas lócus da repetição, mas ocuparia o lugar de disputas e interpretações, numa posição inversa das convenções ou rotinas pragmáticas (HOBSBAWM E RANGER, 1997, p.11)

A flexibilidade e a adaptação existem, quando se faz necessário conservar os velhos pra novos fins. “Por outro lado, a força e a adaptabilidade das tradições genuínas não devem ser confundidas com a ‘invenção de tradições’. Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam” (HOBSBAWN E RANGER, 1997, p.16). Em muitos casos os velhos usos podem se adaptar através da continuidade das suas práticas e das transformações decorrente. Inventam-se as tradições, não porque os velhos usos não estejam mais disponíveis, mas porque não estão mais sem usados, nem adaptados.

Mesmo assim, a tradição se tornou algo intrinsecamente interligado com a ideia do popular, da cultura popular, principalmente para o olhar erudito, que a enxergava como algo a ser recuperado e salvo de uma extinção eminente (ver dentre outros REVEL, 1989; CARVALHO, 1992). Os festejos populares e a cultura popular é uma evocação de “um passado demonstrado no presente, e de disputas em torno do presente e do futuro” (FABIAN, 2010).

Tais compreensões teóricas se conectam com a análise das relações sociais a partir de uma dança que foram abordados por J. Clyde Mitchell (1956) no Cinturão de Cobre da Rodésia do Norte, onde através da investigação da dança Kalela, o pesquisador pode perceber um sistema de relações entre brancos e negros em um ambiente urbano, e em seu cenário interno os membros seguiam um modelo regulado por uma espécie de “fictícia hierarquia militar” (CLYDE MITCHELL, 1956, p. 13). Este e outros elementos desse clássico

texto me permitiu refletir o maracatu, por meio da ideia de manutenção de uma dança considerada tradicional, onde percebemos as disputas, os usos, os sentidos divergentes a apropriação dos elementos do passado e sua (re) apresentação no presente, compondo um quadro rico e variado.

Entender o maracatu dentro de relações sociais construídas antes, durante e depois dos festejos carnavalescos, possibilita reconhecer que o espaço da cultura popular também se constitui como lugar de construção e de criação (ver dentre outros, HOBBSAWM, 1984; FABIAN, 2010, GONÇALVES, 1996), denotando que a percepção de que música e dança, não ocupam apenas determinados lugares ou grupos sociais, mas estão imersas em diferentes contextos dos grupos e seus interesses, recolocando a questão da cultura popular não mais como objeto de preservação de patrimônio (FABIAN, 2010; GONÇALVES, 1996), mas como lócus privilegiado de percepção do social, através da festa e do lazer (MAGNANI, 1984), da organização familiar e representação política, e das próprias disputas em torno do significado da palavra tradição ou refazer cultural através do exercício individual e coletivo de contar uma trajetória, ou muitas e variadas trajetórias de vida, e que é possível compreender de maneira mais questionadora os significados e as experiências vividas pelos sujeitos (FABIAN, 2010)

Entender como o Maracatu de Coração Nazareno se insere no universo social local e de como o local enxerga esses sujeitos, a partir de interações sociais, e dos discursos ali existentes, permitiu entender sobre que bases se constroem as noções de “refazer cultura” para os diferentes atores, elemento central para se pensar os festejos e as ideias de cultura popular evocadas neste cenário. Segundo Mitchell (1956), ao estudar as relações sociais de uma dança, conseguiu perceber muitas situações possíveis dentro de um contexto maior de interações intertribais em um contexto urbano.

Na cultura popular não ocorre imutabilidade, estão em constante transformação e adaptação. O Maracatu Rural foi formado através de uma dinâmica folclórica, onde alguns elementos de diversos folguedos foram incorporados, uma fusão que advinha da grande criatividade do trabalhador rural da Zona da Mata Norte Pernambucana. Katarina Real (1961 e 1965) e Olímpio Bonald (1961 e 1965) convergem em se tratando de haver uma dinâmica cultural. Um povo simples adquirindo diversos elementos culturais e vivências sociais em suas andanças.

“Como em toda manifestação popular de origem remota, também nos maracatus a dinâmica da cultura acaba por imprimir uma enorme gama de variações a elementos oriundos de estoques

simbólicos comuns.” (MONTES, 1998, p. 83-84). Segundo a autora, raízes comuns se reinventam, se transformam, através de várias manifestações, incorporando novos símbolos e feições. A cultura se transforma, mas são evidenciadas algumas permanências.

Em minha trajetória no campo, oralidade “tem possibilitado o resgate de experiência, visões de mundo, representações passadas e presentes” (MONTENEGRO, 1994, p. 27), tornando-se importante para o estudo do maracatu e também para a própria cultura popular de uma maneira geral. A população que vive na Zona da Mata Norte, desenvolve maneiras conscientes e inconscientes para reproduzir o folgado. Uma das armas de transmissão é a fala. Comunicando ideias, os maracatuzeiros transmitem seus sentimentos através da linguagem dos versos. “No ato de ser entrevistada, a população dá continuidade a um ofício que vem desenvolvendo há muito tempo. O de contar casos, experiências, lições que a vida ensinou.” (MONTENEGRO, 1994, p. 44). A fala ajuda a ampliar e divulga a sabedoria do povo que cria e recria a tradição do maracatu de Baque Solto, como uma espécie de sábios e mestres, transparecendo as suas concepções de vida e de mundo.

As concepções de mundo se traduzem ao que podemos denominar de memória. Peter Burke (2000), diz que a memória não é obra de indivíduos isolados, são memórias influenciadas pelo meio em que vive, por seus grupos sociais. “São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é ‘memorável’, e também como será lembrado.” (BURKE, 2000, p. 70). Nessa perspectiva, a “memória social” é enfatizada, envolvendo a influência do meio as diversas recordações que o indivíduo tem do passado. Segundo Burke (2010), “o problema básico é que uma “cultura” é um sistema com limites muito indefinidos” (BURKE, 2010, p.21).

“Na prática [...] concentra-se numa série mais estreita de objetos (principais imagens, material impresso e casas) e atividades (especialmente canto, dança, representação teatral e participação em rituais), a despeito da tentativa de colocar esses objetos e atividades em um contexto social, econômico e político mais amplo”. (BURKE, 2010, p.23)

Burke aponta para Roger Chartier, quando fala em “hábitos populares”, dizendo não fazer sentido tentar identificar cultura popular por alguma identificação específica de objetos culturais. “Michel De Certeau e Pierre Bourdieu afirmam que o consumo cotidiano é um tipo de produção e criação, pois envolve as pessoas imprimindo significado aos objetos”. (BURKE, 2010, p.21). Para Chartier, “não são conjuntos culturais definidos como ‘populares’, mas sim

os modos específicos pelos quais esses conjuntos culturais são apropriados”. (BURKE, 2010, p.21-22). A noção de cultura para Burke (2010) leva em conta o cotidiano, e, em se tratando de Maracatu Rural, o cotidiano é uma continuação do folguedo.

Neste trabalho irei relacionar memória e gênero e esta associação nos conduz na busca da compreensão da subjetividade feminina. Ir-me-ei reportar à definição de Serry Ortner (2007): “Por subjetividade, eu sempre vou me referir a uma consciência cultural e historicamente específica” (ORTNER, 2007, p.4) no que diz respeito singularidades existentes entre as mulheres do Coração Nazareno. Segundo Ortner (2007), são sentimentos que animam os sujeitos atuantes. Em seu artigo, ela fala sobre a importância da noção de subjetividade para uma antropologia crítica. “Mas eu sempre me refiro, da mesma forma, as formações culturais e sociais que modelam, organizam e provocam aqueles modos de afeto, pensamento, etc.” (ORTNER, 2007, p.1) As contribuições de Ortner deram base para compreender as feminilidades existentes no Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata. Ortner (2006) aponta pra uma teoria da prática, onde faz uma ligação próxima entre subjetividade e poder.

“As tradições orais oferecem elementos que, articulados aos apresentados pelas histórias de vida, facilitam, precisamente, a aproximação a esse universo codificado pelo gênero” (PISCITELLI, 1993, p.165). Segundo a autora, as trajetórias individuais se desenvolvem e são recriadas em um universo codificado pelas relações de gênero. Então, a memória é uma importante ferramenta na compreensão acerca das relações sociais existente no Maracatu Rural, salientando que também faço uso da memória masculina para a construção deste trabalho. Assim, fazendo um paralelo sintético entre as lembranças masculinas e femininas acerca da mulher nessa brincadeira. “O trabalho sobre as experiências dos sujeitos é fundamental para a compreensão dos atores a partir de seus próprios pontos de vista e para a compreensão de processos sociais mais amplos que os indivíduos. (PISCITELLI, 1993, p.153-154).

Ao trazer as mulheres para esta pesquisa, busco compreender a categoria de gênero na tradição do Baque Solto, tendo em vista que as definições de masculino e feminino são criações resultantes da vida em sociedade. Segundo Albernaz e Longhi (2009), “gênero é uma operação de classificação cultural”. Por meio da cultura usamos o gênero para ordenar nosso pensamento para pensar o que é ser homem e o que é ser mulher, mas não apenas isso. Por meio do gênero classificamos muitas dimensões da vida em sociedade e da natureza (ALBERNAZ; LONGHI, 2009, p.8).

“A noção de gênero surgiu na partir da ideia de que o feminino e o masculino são fatos naturais ou biológicos, mas construções socioculturais” (GUIMARÃES in CASTILHO-MARTIN; OLIVEIRA (ORG.), 2005, p.78). Segundo Guimarães, não são as características físicas ou sexuais que irão determinar a representatividade do indivíduo em determinada sociedade, mas sim a própria sociedade. A naturalização ou essencialização das mulheres carrega um emaranhado de questões que levam a mulher a uma posição submissa, como por exemplo, a sua função reprodutora. Segundo Scott (1996), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1996, p.). A respeito das relações de gênero, constata-se o peso do poder masculino transcendente às relações de gênero.

“Qualquer um que seja o conjunto de traços que venham a preencher a imagem do feminino e do masculino em cada cultura particular, e estrutura básica do masculino como sujeito falante, que entra ativamente o âmbito público das trocas de signos e objetos, e de um feminino/objeto/signo permanece no cerne das relações de gênero” (SEGATO, 1998, p.11).

Para Segato, isso se deve a matriz binária masculino-feminino que configura a dualidade dos gêneros na história e na cultura. Neste caso, a mulher condicionada a sua essência e Ortner aponta para a divisão entre “Natureza” e “Cultura”, onde a Natureza esta associada à mulher e a cultura ao homem. Neste caso, o homem exerce poder sobre a mulher assim como a cultura sobre a natureza. Agora, as categorias “cultura” e “natureza” são conceituais, onde não se pode encontrar limite no mundo concreto entre dois estados e domínio do ser. Ao trazer essas concepções para o contexto da pesquisa, atentamos para as explicações biológicas que se fazem presentes nos discursos dos (as) entrevistados (as), que contribuem para naturalizar e perpetuar certas posições de homens e mulheres dentro do Maracatu de Baque Solto.

“Hoje, a grande questão da disciplina é a seguinte: se dessencializarmos o gênero, retirando a biologia do seu lugar determinante – que é a contribuição antropológica por excelência -, mas continuamos a constatar a hierarquia de gênero, quando modelos explicativos que substituam a biologia na determinação da universalidade dessa hierarquia, podemos chegar à conclusão de que essa hierarquia depende de uma ordem ou estrutura abstrata” (SEGATO, 1998, p.11)

Trago para esta pesquisa, relevantes questões a respeito do essencialismo, muitas vezes, fadado à mulher, pois o Maracatu Coração Nazareno trás vários elementos considerados naturalizantes. Dessencializar o gênero é um importante ponto abordado por Segato (1998) na citação acima, mas acredito ser importante analisar como estes elementos (cuidado, afeto, a cor rosa,

sensibilidade etc.) estão sendo usados por essas mulheres, se de forma inconsciente ou não. Trazer o debate de gênero na análise deste maracatu, tão peculiar é fundamental, pois ele não trata apenas de mostrar o pioneirismo da mulher na tradição do Baque Solto, mas também entender como elas se relacionam e se utilizam dos seus símbolos e as suas feminilidades para se comunicar com os demais grupos e com a sociedade.

Ao continuar a atual pesquisa sobre a categoria de gênero, reporto-me ao trabalho de Joan Scott (1996), Lady Selma Ferreira Albernaz e Márcia Longhi (2009) e Rita Laura Segato (1998). Para entender as relações de gênero e patriarcado, utilizei Heleieth I. B. Saffioti (2005) que, em seu artigo, faz uma ponte com o texto de Joan Scott (1996). São autoras que irão me ajudar a compreender melhor as relações de gênero, patriarcado e poder envolvendo o Maracatu Coração Nazareno na tradição do Baque Solto.

Revisitei a trajetória do feminismo brasileiro desde a década de 1970 no artigo de Cynthia Sarti (2004). Sobre feminismo, utilizei Maria de Fátima Guimarães (2005) e Ana Alice Alcântara Costa (2009), Maria Betânia Ávila (2001). Sobre as mulheres no contexto rural, de forma pontual, utilizei o trabalho de: Sônia Maria da Silva, Juliana Andrade Cavalcante de Albuquerque Parisio e Ana Lucia Bezerra dos Santos (2015) para melhor compreender o universo que envolve a associação das mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM).

“Muitos grupos [de mulheres e/ou feministas] adquiriram a forma de organizações não-governamentais (ONGs) e buscaram influenciar as políticas públicas em áreas específicas, utilizando-se dos canais institucionais” (SARTI, 2004, p.42).

Nessas áreas específicas como aponta Sarti (2004), a AMUNAM traz em sua bandeira questões envolvendo as mulheres da Mata Norte, como: convivência familiar, marido, filhos, sexualidade, saúde, violência, educação, entre outros assuntos do cotidiano. Nesse contexto, percebo uma luta pelos seus direitos na sociedade, em suas famílias e em suas vidas.

*

Das atividades realizadas em Chã de Camará, a que eu me dediquei foi à recreação e leituras¹⁶ com as crianças. Como consequência, pude estreitar laços com as mães das mesmas e conhecer

¹⁶ A biblioteca Mestre Batista, localizada em Chã de Camará, encontra-se em pleno funcionamento há dez anos. A biblioteca funciona na sede do Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança (imagem 13).

um pouco das suas vivências e experiências na tradição do Baque Solto e como consequências os seus pensamentos, afetos, desejos etc.

Cleonice é o meu exemplo particular dessa vivência e aprendizado, pois participou junto conosco do projeto do Ponto de Cultura. Em setembro de 2015, em uma conversa informal, ela relatou-me que “nunca se esqueceu daquele tempo e que graças à gente ela conseguiu concluir os seus estudos”¹⁷. Hoje, ganha dinheiro com artesanato e uma pequena horta familiar que produz em seu quintal. Junto com o seu marido, em meio às adversidades financeiras, conseguiu construir sua casa e se sente muito orgulhosa.¹⁸

Foto 2 – Sede do Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança em 2006



Fonte: Tamar Thalez

¹⁷ Cleonice Lourenço da Silva, ex-brincante do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança. Entrevista realizada no dia 17 de janeiro de 2010, sítio Chã de Camará, distrito de Aliança/PE.

¹⁸ As mulheres das áreas rurais da Zona da Mata Norte trabalham principalmente no roçado plantando lavoura branca e nas tarefas domésticas contribuindo com a renda familiar. Para ver mais sobre isso, ver DABAT in CASTILLO; OLIVEIRA (ORGS), p.168-169

Cleonice, como herdeira do Mestre Batista (fundador do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança), sabe da importância que o Maracatu tem para a sua família, mas prefere não brincar por motivos pessoais. Ela relatou-me que “da família mesmo, ninguém mais brinca”¹⁹. Foi através dela e de outras mulheres do sítio que me despertou o interesse em pesquisar gênero nessa tradição. Em seguida, definiram-se os grupos que eu acompanharia: O Maracatu Coração Nazareno e o Maracatu Estrela de Ouro de Aliança.

Segundo Cleonice “a mulher é o miolo do maracatu”. O termo miolo²⁰, na brincadeira, como já mencionado, é utilizado para indicar a localização da corte, das baianas, da Dama do Paço, do Bandeirista, ou seja, na sua grande maioria compostos por mulheres. Porém, com esta colocação, ela fez referência à importância da mulher na brincadeira.

A partir dessa percepção da Cleonice em 2009, iniciei a pesquisa sobre “a presença das mulheres no Maracatu Rural da Zona da Mata Norte de Pernambuco”²¹. Esse estudo foi realizado com algumas mulheres ex-brincantes do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança²², no sítio Chã de Camará e do Maracatu Coração Nazareno²³, em Nazaré da Mata. No decorrer das investigações, pude perceber que o Maracatu é uma organização complexa e construída através das relações entre homens e mulheres. Abordar essa brincadeira sem fazer um relevante enfoque sobre as mulheres não nos leva a compreender a verdadeira dinâmica desse folguedo. Busquei fomentar um importante debate sobre gênero utilizando as vozes femininas, conhecendo um pouco sobre os seus anseios, aflições, emoções e lutas. Essa pesquisa foi um primeiro passo nos meus estudos de gênero nessa tradição (VASCONCELOS, 2012).

¹⁹ Cleonice Lourenço da Silva, ex-brincante do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança. Entrevista realizada no dia 03 de outubro de 2015, sítio Chã de Camará, distrito de Aliança/PE.

²⁰ Ver glossário dos personagens

²¹ “A presença das Mulheres no Maracatu Rural da Zona da Mata Norte de Pernambuco” é o título da minha especialização em História do século XX pela UFPE concluída em 2010.

²² Mulheres ex-brincantes Maracatu do Estrela de Ouro de Aliança: Maria Josefa de França (Deda), Cleonice Lourenço da Silva (Dinha), Marcicleide Francisca de Lima (Cleide) e Severina Batista (Bia).

²³ Mulheres integrantes e ex-brincantes do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata: Maria Josefa Souza, Marinalva Isabel de Freitas, Maria José de Almeida e Adriana Maria de Almeida. E Mauricélia Lino da Silva que trabalha na AMUNAM que incentiva e dá apoio ao Maracatu em dias de apresentação.

Em 2012, retornei a AMUNAM na companhia da professora Tâmisia Vicente²⁴ na busca de mais informações sobre o Maracatu Coração Nazareno para a edição do livro “A Mulher no Maracatu Rural”. Busquei fechar algumas lacunas sobre a sua história, organização e experiências enquanto um folguedo formado apenas por mulheres. Neste caminhar, recebi a ajuda de alguns homens como: o meu amigo Ederlan Fábio²⁵ e o Mestre Zé Duda²⁶. Dentre as muitas histórias contadas por eles, Ederlan explicou-me como foi o processo de criação das “arrumações mais leves” das Caboclas e Zé Duda contou-me como ajudou a mestra Gil na composição as loas. O Maracatu Coração Nazarena ainda desperta a minha curiosidade e levei novas inquietações e questionamentos para o presente Mestrado em Antropologia.

*

Voltei ao campo em novembro 2014 para novas observações, com o desejo de um “novo olhar”. Nesta ocasião, recebi o convite da Eliane Rodrigues para brincar de Cabocla de Lança em uma apresentação para a ONU (Organização das Nações Unidas). Foi um momento de reencontro e reafirmação de laços já construídos desde a minha especialização em História. Seria inevitável remontar essa breve trajetória, pois cada tijolo foi importante para o amadurecimento e edificação dessa dissertação.

Em 2015 iniciei a pesquisa de campo do Mestrado, onde pude ao longo do ano conviver com as meninas e mulheres da instituição. No próximo tópico irei tratar das motivações e experiências vividas durante a minha estadia em Nazaré da Mata.

A trajetória descrita retrata o processo de reflexão do objeto desde a graduação até a passagem pelo mestrado.

²⁴ A professora Tâmisia Ramos Vicênte é diretora-presidente da Associação Reviva e coordenou a edição do livro “A mulher no Maracatu Rural”.

²⁵ Ederlan Fábio é músico e produtor cultural na região da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Fez parte da construção do Maracatu Coração Nazareno.

²⁶ Mestre Zé Duda foi mestre do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança por mais de 60 anos. Deixou a brincadeira em 03 de outubro de 2015. Muito prestigiado e respeitado pelos brincantes da tradição do Baque Solto e dos outros brinquedos da região da Mata Norte.

2.2 MOTIVAÇÕES E EXPERIÊNCIAS SOBRE O CAMPO DE PESQUISA

Foto 3 – organização no Patio da sede da AMUNAM para o Encontro dos Maracaús Rurais de Nazaré da Mata em 2013



Fonte: Tamar Thalez

A Etnografia onde se analisa símbolos e significados, por se basear em trabalho de campo, também reflete múltiplas experiências e intensidades de uma pesquisa, descortinando um emaranhado de relações com pessoas e grupos. Esse trabalho etnográfico sobre as mulheres do Maracatu Coração Nazareno possibilitou a coleta de um vasto material durante o campo de pesquisa (diário de campo, notas, entrevistas, fotografias, vídeos, transcrições etc.), como também outras obras (textos, livros, jornais, artigos, músicas etc.) importantes na condução da escrita dessa dissertação.

“Se o olhar e o ouvir podem ser considerados como atos cognitivos mais preliminares no trabalho de campo – atividade que os antropólogos designam pela expressão inglesa – *fieldwork* –, é, seguramente, no ato de escrever, portanto na configuração final do produto desse trabalho, que a questão do conhecimento torna-se tanto ou mais crítica. Um interessante livro de Clifford Geertz – trabalhos e vidas: o antropólogo como autor – oferece importantes pistas para o desenvolvimento desse tema. Geertz parte da ideia de separar e, naturalmente, avaliar duas etapas bem distintas na investigação empírica: a primeira, que procura qualificar como a do antropólogo “estando lá” – *being there* –, isto é, vivendo a situação de estar no campo; e a segunda, que seguiria a essa, corresponderia à experiência de viver, melhor dizendo, trabalhar “estando aqui” – *being here* –, a saber, bem instalado em seu gabinete urbano, gozando o convívio com seus colegas e usufruindo tudo o que as instituições universitárias e

de pesquisa podem oferecer. Nesses termos, o olhar e o ouvir seriam parte da primeira etapa, enquanto o escrever seria parte da segunda.” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 25)

Ao falar sobre as minhas experiências no campo de pesquisa em Nazaré da Mata, reporto-me a importante relação entre o “olhar, ouvir e escrever” no trabalho do antropólogo. Tanto Roberto Cardoso de Oliveira (1998) quanto Clifford Geertz (2009) aponta para estes elementos como relevantes em uma pesquisa etnográfica. Ao iniciar esse tópico falando sobre a escrita dessa dissertação, que é o processo final da pesquisa, refiro-me a desafiadora experiência que é a escrita de uma etnografia. Segundo Mariza Peirano, “um bom texto etnográfico foi sempre um experimento” (PEIRANO, 1995, p. 43).

A minha grande motivação nessa pesquisa é justamente essa, o desafio de enveredar pelos caminhos da Antropologia na busca de um “novo olhar” sobre as mulheres do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata, temática que já venho observando há alguns anos. Esse “novo olhar” me fez revisitar o campo na busca de novos horizontes. Então, essa imersão transformou-se em um verdadeiro “encontro etnográfico”.

Tal interação que vivi com as mulheres do Coração Nazareno é o que os antropólogos chamam de “observação participante”, ou seja, “o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 24). Nesse caso, pude consolidar entre as mulheres do Maracatu e da AMUNAM uma afável relação de trocas. A liberdade de transitar pela associação deu a essa pesquisa uma experiência muito gratificante, viabilizando um contato direto, frequente e prolongado com as mulheres. A “observação participante” é, de fato, uma importante prática que a antropologia me possibilitou para aprofundar os meus conhecimentos sobre a temática em questão, contribuindo com a minha formação. Como Cardoso de Oliveira mesmo fala, os atos de ouvir, olhar e escrever são peculiares à antropologia.

Os atos de olhar e de ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar – isto é, peculiar à antropologia – por meio da qual o pesquisador buscar interpretar – ou compreender – a sociedade e a cultura do outro “de dentro”, em sua verdadeira interioridade”. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 34)

Após ler uma conhecida e breve citação de Geertz (2013) no livro “A Interpretação das Culturas”, que diz: “os antropólogos não estudam as aldeias [...] estudam nas aldeias” (GEERTZ, 2013, p. 16), concretizei uma antiga motivação em continuar a minha pesquisa sobre

as mulheres na tradição do Baque Solto seguindo as orientações da Antropologia. Levando em consideração a importância em buscar compreender a sociedade e a cultura do outro “de dentro”, como aponta Cardoso de Oliveira (1998).

No curso das investigações, muitas das minhas impressões e objetivos iniciais sobre a pesquisa sofreram notáveis modificações. Após coletar boa parte dos dados, foi necessário rever o rumo da pesquisa. Iniciei o mestrado ainda com “antigos olhares”, tornando complexo, de início, o processo de coleta de dados. Eu busquei observar as mulheres de fora pra dentro, e vieram as seguintes questões: Como elas são vistas pelos outros maracatuzeiros homens? As suas feminilidades buscam essencializar a mulher? A participação da mulher como transformação do maracatu é verdadeira? Onde de início eu queria apenas trabalhar as desigualdades de gênero dentro da tradição, em específico envolvendo o Coração Nazareno.

A experiência com os mestres e maracatuzeiros de outros folguedos colaborou para a modificação do rumo da pesquisa, onde pude ter uma nova perspectiva “de fora” do Maracatu Coração Nazareno, pois, até então, eu estava concentrada apenas nas conversas e entrevistas com as mulheres do folgado. Essa etapa ocorreu em novembro de 2015 e me ajudou na análise das relações de gênero envolvendo o Maracatu Coração Nazareno na tradição do Baque Solto. O Mestre Anderson foi muito importante nesse momento da pesquisa, pois ele intermediou o meu contato com os demais mestres.

No próximo capítulo, trarei a revisão das literaturas sobre o Maracatu de Baque Solto e sobre as mulheres nesta tradição. Pouco mencionadas nos textos sobre este folgado, busco trazer as mulheres para as páginas do meu trabalho, desde a sua entrada até os dias atuais; e apresento algumas relevantes mulheres que localizei nas literaturas. Assim, podemos observar o quanto às relações de gênero entre homens e mulheres são importantes na constituição desta tradição.

3 O MARACATU DE BAQUE SOLTO

3.1 UMA MISTURA DE LAZER E COMPROMISSO

Foto 4 – Encontro dos Maracatus Rurais de Nazaré da Mata em 2013



Fonte: Tamar Thalez

“Para os folgazões, maracatu de baque solto é brinquedo, brincadeira, é folguedo, folgança. Folguedo, pausa para a folga, ter prazer, alegrar-se, desafogar e desoprimir-se da massacrante labuta diária de trabalhadores braçais. O folgazão gosta de folgar, divertir-se, é um brincalhão. E o gosto por determinado modo de se divertir é tão potente que a diversão se converte em devoção, em esfuziante festa de carnaval e festa de terreiro. É assim que os brincantes encaram o samba de maracatu: comovente alegria e devoção obstinada, que trança as fibras da espinhenta palha da cana com as fitas esvoaçantes da fantasia, na soberba paisagem do latifúndio açucareiro da Zona da Mata Norte de Pernambuco. E, antes de qualquer coisa, de qualquer sistematização etnográfica, quando perguntados são eles próprios que, visceralmente, definem o que é mesmo essa diversão-devoção: maracatu é paixão, maracatu é a minha vida, maracatu é o brinquedo do feitiço e da bruxaria, é uma coisa boa, é uma coisa gostosa”. (Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto – Inventário Nacional de Referências Culturais. p.18)

Uma brincadeira definida como “diversão-devoção”, o Maracatu de Baque Solto é considerado uma “paixão”, uma “coisa gostosa”, uma “coisa boa” para mulheres e homens que compartilham esta tradição. Sem a pretensão de dar conta de todo o universo dessa brincadeira, venho contar um pouco da sua história, da sua formação e dos principais estudiosos que debruçaram e/ou debruçam sobre esse folguedo típico da Zona da Mata Norte Pernambucana.

A formação do Maracatu de Baque Solto está ligada a uma contínua dinâmica cultural, onde aspectos de diversos folguedos contribuem para a sua atual configuração. A complexidade de personagens de outros brinquedos (Cavalo-marinho, de Folia de Reis, Pastoril, do Caboclinho, bumba-meu-boi, do Maracatu Nação) resulta “nesse conjunto de confluências que se singularizam no Maracatu de Baque Solto, patrimônio cultural do Brasil” (Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto. Nacional de Referências Culturais, p.77). Possuem, em sua composição, aspectos ligados à zona rural e urbana. “Como em toda manifestação de origem remota, também nos maracatus a dinâmica cultural acaba por imprimir uma enorme gama de variações e elementos oriundos de estoques simbólicos comuns” (MONTES, 1988, p.83-84). Segundo Maria Lúcia Montes (1988), raízes comuns se reinventam, se transformam, através de várias manifestações, incorporando novos símbolos e feições.

O Maracatu é organizado da seguinte maneira: Na frente, levando o grupo, estão os personagens cômicos populares (o Marteus, a Caterina ou Catita, a Burra, o Caçador), que ficam fora do desenho nuclear da brincadeira; na linha de frente esta o Mestre Caboclo puxando o cordão principal, nas laterais os caboclos de Lança formando trincheiras e protegendo o “miolo” que é formado pela corte e pelo bainal. Ao fundo um caboclo de Lança protegendo o terno (tocam a percussão), músicos (tocam instrumentos de sopro) e o bandeirista segurando a bandeira. O Mestre do Apito puxa o grupo e o Mestre Caboclo puxa a caboclaría seguindo movimentos circulares em vários sentidos.

Alguns estudiosos inauguraram hipóteses e descrições sobre a temática. São eles: Valdemar de Oliveira (1948), Ascenso Ferreira (1951), César Guerra-Peixe (1949 e 1965), Olimpio Bonald Neto (1972), Katarina Real (1961 e 1965) e Roberto Benjamin (1976,1979 e 1981). Eles abordam sobre os personagens, rituais, celebrações, indumentárias etc.

Outros estudiosos continuaram as pesquisas sobre a temática. São eles: Maria Elisabete Arruda Assis (1996), Sévia Sumaia Vieira (1999), Maria Cunha Mesquita do Nascimento (2000), Severino Vicente da Silva (2012 e 2008), Ana Valéria Vicente (2005), Suiá Omim Arruda de Castro Chaves (2008), Clara Pires Martins (2013), Roseana Borges de Medeiros (2005), dentre outros. Trazendo contribuições que dizem respeito a sua formação, espetacularização, identidade, seu cotidiano na Zona da Mata e as modificações e dinâmicas advindas com a migração para o Grande Recife, a criação de novos hábitos com a fundação da Associação dos Maracatus de Baque Solto e a entrada de mulheres e crianças.

Os Maracatus de Baque Solto (também chamados de Maracatu de Rural, Maracatu de Orquestra, Maracatu de Trombone, Maracatu Moderno, Maracatu Ligeiro, Maracatu de Caboclo e Maracatu de Baque Singelo) é uma manifestação coletiva criada por homens na Zona da Mata Norte Pernambucana. Surgiu em meio aos canaviais e está ligado ao período carnavalesco. Este folguedo faz referência ao trabalhador rural do corte da cana-de-açúcar, final do século XIX e início do século XX. Uma das principais atividades econômicas da Zona da Mata ainda é o plantio da cana-de-açúcar, porém não mais funcionando como exclusiva fonte de renda da região.

Para Mariana Cunha Mesquita do Nascimento (2005), “o Maracatu Rural mostra com criatividade e beleza a percepção de mundo dos que o produzem, suas concepções e recriações de si mesmos e da estrutura social injusta na qual estão inseridos”. (NASCIMENTO, 2005. p.41). Muitos desses homens e mulheres vivenciam condições sub-humanas de emprego e de vida. Os altos índices de analfabetismo e a sazonalidade das ofertas de trabalho no corte da cana caracterizam a região onde originou e se desenvolveu a complexidade cultural do Maracatu de Baque Solto. Ainda hoje muitos dos protagonistas desta tradição são trabalhadores da cana. Apesar do contexto socioeconômico em que estão inseridos, estes homens e mulheres construíram um vigoroso legado cultural²⁷.

Existem 115 maracatus espalhados por 24 cidades (Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto. Nacional de Referências Culturais, p.77). A Mata Norte possui a maior quantidade, estando presentes em 16 dos 19 municípios que compõe a microrregião: Aliança, Nazaré da Mata²⁸,

²⁷ “Conforme dados do IBGE, Censo 2010, na Zona da Mata Norte o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,650, inferior ao do Estado de Pernambuco como um todo (0,705), e o mais baixo IDH estadual encontra-se exatamente na Mata Norte, em Itambé (0,357), um dos redutos dos maracatus”. (Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto – Inventário Nacional de Referências Culturais, p.37). O município de Nazaré da Mata está localizado na Zona da Mata Norte de Pernambuco, a 65 quilômetros do Recife, é conhecido como a Terra dos Maracatus Rurais. A atividade que movimenta a economia de Nazaré da Mata é a agricultura, com destaque para a monocultura da cana-de-açúcar, que emprega grande parte da mão de obra local. Também possui destaque na avicultura, indústria alimentícia, de cerâmica etc. A cidade também possui uma importante atividade turística cultural/rural em ascensão. (dados retirados do site da prefeitura de Nazaré da Mata: <http://nazaredamata.pe.gov.br/nazare/index.php/nossa-historia/origens>. Última visualização em 18/08/2016

²⁸ Nazaré da Mata ganhou o título de “Terra dos Maracatus”. Esta localizada há 65km do Recife e possui mais de trinta mil pessoas segundo o censo demográfico de 2010. Nazaré possui o maior número de Maracatus, cerca de 30 agremiações. São Elas: Águia de Ouro de Nazaré da Mata (fundado em julho de 2001), Águia Dourada de Nazaré da Mata (fundado em março de 2008), Águia Misteriosa de Nazaré da Mata (fundado em março de 1991), Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata (fundado em janeiro de 1918), Cambinda Nova Nazaré da Mata (fundado em abril de 1995), Cambinda de Ouro de Nazaré da Mata (fundado em setembro de 2011), Coração Nazareno de Nazaré da Mata (fundado de março de 2004), Estrela Brilhante de Nazaré da Mata (fundado em abril de 2001),

Buenos Aires, Carpina, Condado, Lagoa do Carro, Chã de Alegria, Ferreiros, Tracunhaén, Gloria do Goita, Goiana, Itambé, Itaquitinga, Lagoa de Itaenga, Paudalho e Vicência. Na Mata Sul há a presença do folguedo cidade de Vitória de Santo Antão. No Agreste há maracatu na cidade de Feira Nova. Na Paraíba foi identificado um Maracatu de Baque Solto na cidade de Coaporã, fundado por migrantes de Pernambuco. Portanto, a maior parte dos maracatus de Baque Solto se concentra nos municípios da Zona da Mata Norte de Pernambuco²⁹.

Com a progressiva substituição do sistema de engenho pelo sistema capitalista de usinas, a realidade na zona da mata mudou, transformando muitos engenhos em engenho de Fogo Morto. “Acabou-se o morador.” (MONTES, 1998, p. 3). Segundo Maria Lúcia Montes (1998) o número das plantações de cana irão aumentar, expulsando os moradores e com eles suas terras de roça, onde plantava macaxeiras, batata-doce, arroz. A crise nos engenhos levou os donos a botarem os moradores para fora. Começou a crescer as margens das usinas, os “arraiais”, para abrigar o trabalhador bóia Fria.

Segundo Severino Vicente da Silva (2008), a dificuldade de abastecimento de escravos na segunda metade do século XIX, levou ao aumento de trabalhadores livres. Esses trabalhadores livres eram chamados de “moradores de condição”, estabelecendo a convivência do trabalhador livre com o trabalhador escravo. Tornaram-se moradores das terras dos latifundiários, compartilhando responsabilidades no cultivo e no corte da cana-de-açúcar. O autor faz à relação dessa realidade de trabalho e convívio social a “formação de novos hábitos, a criação de instituições culturais que garantiam a convivência, e daí devem ter continuado processos anteriores de troca. Assimilação de valores.” (SILVA, 2008, p. 3). Plantavam, limpavam,

Estrela da Tarde de Nazaré da Mata (fundado em fevereiro de 2009), Estrela do Paraíso de Nazaré da Mata (data da fundação não localizada), Leão dos sem-terra de Nazaré da Mata (data da fundação não localizada), Leão da Selva de Nazaré da Mata (fundado em dezembro de 1997), Leão Africano de Nazaré da Mata (fundado em maio de 1999), Leão Dourado de Nazaré da Mata (fundado em junho de 2006), Leão Faceiro de Nazaré da Mata (fundado em abril 2005), Leão Formoso de Nazaré da Mata (fundado em julho de 1980), Leão Misterioso de Nazaré da Mata (fundado em junho de 1990), Leão de Ouro de Nazaré da Mata (fundado em abril de 1995), Leão de Ouro Preto de Nazaré da Mata (data de fundação não localizada), Leão Cultural de Nazaré da Mata (data da fundação não localizada), Leão Tucano de Nazaré da Mata (fundado em maio de 2011), Leão Nazareno de Nazareno da Mata (data da fundação não localizada), Leão Brasileirinho de Nazaré da Mata (fundado em setembro de 2002), Leão teimoso de Nazaré da Mata (fundado em agosto de 2008), Leão Vencedor de Nazaré da Mata (data da fundação não localizada), Leão da Boa Vista de Nazaré da Mata (fundado em maio de 2010), Pavão misterioso de Nazaré da Mata (data da fundação não localizada), Pavão Vencedor de Nazaré da Mata (fundado em julho de 2011), Piaba Dourada de Nazaré da Mata (fundado em março de 1999) e Sonho de Criança de Nazaré da Mata (data da fundação não localizada). A lista dos maracatus foi retirada do livro “festa de Caboclo” do Professor Doutor Severino Vicente da Silva.

²⁹ Ver anexo 1 dos mapas

cortavam, assim labutava toda a família. Mas o dinheiro ainda era pouco para a sobrevivência da família. O período da entressafra causava preocupações, fazendo muitos trabalhadores procurarem pequenos serviços por fora. “Por isso, em fevereiro, essa gente das terras da cana espera ansiosa pelo carnaval. Só então a cidade, transfigurada, voltará para eles de novo a brilhar. É o tempo do Maracatu.” (MONTES, 1998, p. 4).

Com as dificuldades de sobrevivência no campo, o trabalhador rural vai migrar do interior para a capital do Estado, levando ao crescimento explosivo do Recife e marcando uma nova fase de transformações no maracatu rural. A desigualdade de renda, a concentração fundiária e a mudança do sistema de engenhos para o sistema capitalista das usinas gerou profundas modificações no cenário socioeconômico da Mata Norte. Essas mudanças nas relações patronais para assalariadas, o surgimento do proletariado com o estatuto do trabalhador rural em 1963 e a desruralização diante deste processo, transformou a realidade daqueles trabalhadores. “Migração de seus atores sociais e com eles suas tradições.” (ASSIS, 1996, p. 35) Fundando novos maracatus com seus conterrâneos ou reestruturando os mesmos, desfeitos no interior, com novos componentes.

Com o fluxo migratório para a capital do Estado em busca de trabalho e melhores condições de vida na primeira metade do século XX, os folgazões se fixaram nas cidades de Araçoiaba, Igarassu, Camaragibe, Olinda e Recife³⁰. No Recife, até a década de 30, não se tinha notícias da existência desta brincadeira da Zona da Mata e, para a Federação Carnavalesca de Pernambuco, a palavra “maracatu” só dizia respeito aos grupos de Maracatu de Baque Virado (VICENTE, 2005). Nesta migração, os antigos moradores da Zona da Mata levaram consigo as suas tradições, criando novos Maracatus de Baque Solto. O Maracatu Cruzeiro do Forte é um exemplo, foi o primeiro Baque Solto fundado no Recife, em 1929 (ASSIS, 1996).

Novas concepções estéticas e sócio-culturais marcam os primeiros brinquedos que se instalam na cidade grande. Alguns modificando o Baque, como o Maracatu Cruzeiro do Forte e alguns como o Maracatu Piaba de Ouro, adaptando-se (sem mudar o baque) as novas influências culturais da cidade grande. As modificações foram sentidas entre os que permaneceram no interior, que a princípio não aderiram às novas tendências vindas da cidade grande. “Um diálogo entre os que ficaram e os que partiram do campo se estabeleceu através da nova realidade

³⁰ Ver anexo 1 dos mapas

social.” (ASSIS, 1996, p. 34). Os integrantes dos maracatus absorveram as novas influências e repassaram as suas tradições. As mudanças foram verificadas tanto na cidade quanto no interior, mudando a estrutura da brincadeira e das representações, como por exemplo, a entrada da mulher na ala das baianas em meados da década de 60.

Antes de tornar-se patrimônio cultural e ter a grande visibilidade que possui hoje, Maracatu já encontra nas décadas de 1980 e 1990 o seu espaço na mídia, nas ruas e na identidade de um povo que anteriormente o observava como algo distorcido. O caboclo de Lança aparece como o mais novo símbolo da cultura pernambucana, ao lado do já conhecido Frevo. Esse reconhecimento vai levar muitos maracatus tradicionais a renovarem-se cada vez mais e com isso viram alvo do mercado turístico. “Agora não mais apenas pelos poderes públicos, não mais por uma elite que detém o poder, mas por uma classe média que busca no popular o fortalecimento de sua identidade.” (ASSIS, 1996, p.03). Assis aponta para o surgimento, no Grande Recife, de uma nova representação do maracatu rural, longe de habitat da zona da Mata Norte de Pernambuco, incorporado às exigências dos novos expectadores, para a sobrevivência de uma secular tradição. A autora destaca também a contínua busca da população da cidade grande por suas raízes. Apesar de diversos incentivos por parte do governo e de particulares e do próprio público, o Maracatu Rural ainda pode ser considerado como uma grande lacuna, ainda tem muito para se conhecer.

“Geralmente os maracatuzeiros rurais são associados a duas instituições não governamentais: A Federação Carnavalesca de Pernambuco, sediada no Recife e a Associação de Maracatus de Baque Solto, sediada em Aliança.” (MEDEIROS, 2005, p. 98). Com a ajuda dessas instituições, segundo Medeiros, da início ao processo de fortalecimento e mercantilização do Maracatu Rural, conseqüentemente a sua espetacularização. São formas de garantir que as agremiações desfilem no carnaval.

O Maracatu de Baque Solto faz parte de um complexo processo de sincretismo. Uns falam em Candomblé, outros falam em Umbanda e outros em catolicismo popular repleto de simbolismo afro-indígena (Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto. Nacional de Referências Culturais, p.77). O maracatu não sai sem proteção, sob o risco de transtornos e imprevistos acometerem ao grupo. Apesar de funcionar para todos os integrantes do grupo, deve ser seguido rigorosamente pela dama do paço, pelo mestre dos caboclos, pela mestra das baianas, pelos arreimás e pelo mestre de apito (Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto. Nacional de Referências Culturais, p.82).

“O preparo inclui: abstinência sexual, banho à base de ervas, orações, fumaças de cachimbo e charuto, matança de animais, velas, etc” (Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto. Nacional de Referências Culturais, p.77). Recebe atenção especial também o figurino de alguns personagens, como: a Calunga, o cravo que os caboclos usam entre os dentes, a bengala do mestre de apito. Um “Elemento determinante nessa mistura é a chamada Jurema, planta arbustiva de ocorrência no Nordeste do Brasil e investida de profundo simbolismo” (Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto. Nacional de Referências Culturais, p.77). Estes rituais ainda são envolvidos por muitos segredos.

O Maracatu de Baque Solto é visualmente reconhecido pelo Caboclo de Lança³¹, pois é a figura que mais se destaca no grupo. Podemos também atribuir esta visibilidade ao Caboclo de Pena ou Arreimá³². É um personagem que remete a virilidade e a força. Segundo Maria Elisabete Arruda Assis (1996), são vários os aspectos míticos religiosos envolvendo os caboclos de lança e de pena.

É um folguedo carnavalesco, embora seja apenas uma parcela de todas as práticas sociais envolvidas. As festas de terreiro (ensaio e sambadas), a produção das indumentárias e a captação de recursos duram o ano inteiro. Os caboclos saem pelas ruas caminhando sozinhos ou em grupo de setembro até o carnaval de Páscoa.

As sambadas e ensaios são momentos de socialização entre os brincantes e a população admiradora da cultura. Acontecem em alguma ponta de rua, próximas às sedes, terreiros, praças etc. Mestres improvisam loas e enfrentam outros mestres, dialogando com o público. Os folgazões dançam até ficarem exaustos. São sempre eventos muito festivos que duram até o sol raiar.

O Carnaval é o momento de colocar na rua todo o trabalho de um ano com beleza e brilho. No carnaval os folgazões se exibem para a sociedade, inserindo-se no roteiro turístico, proporcionando ampla visibilidade (ampla difusão do folguedo na mídia impressa, sonora e digitais). Em outros eventos comunitários, celebram a alegria de estarem reunidos e a paixão pelo maracatu. Os eventos mais importantes da agenda dos maracatus durante o Carnaval são

³¹ Ver glossário dos personagens

³² Ver glossário dos personagens

os encontros que ocorrem em Nazaré da Mata, Olinda e Aliança. São encontros para trocas afetivas, intercâmbio e interações entre os grupos (sem competição).

O Carnaval de Páscoa é uma ocasião para brincar diferenciado, sem os compromissos de horários característicos do carnaval. Ocorre no domingo de Páscoa, onde é celebrado o fim do ciclo carnavalesco. A principal motivação é reunir os folgazões em espaços coletivos ou nas próprias sedes para confraternizar e celebrar a tradição, inclusive a cristã (passam em frente a uma igreja católica). Depois da quaresma, eles celebram o fim do ciclo carnavalesco para o renascimento de um novo ciclo. “A páscoa é o momento em que o caboclo pode fazer carnaval, brincar livremente, descontraído, sem obrigação, não se preocupando com o desmantelo.” (CHAVES, 2008, p. 98)

3.2 AS MULHERES NO MACARATU DO BAQUE SOLTO

Foto 5 – Cabocla de Lança (Denise Maria José) e Cabocla de Pena (Vanessa Vieira) no Encontro dos Maracatus Rurais de Nazaré da Mata em 2013



Fonte: Tamar Thalez

“Associado à valentia, o protagonismo desses caminhantes carnavalescos era exclusividade de homens: não havia mulheres no folguedo. “Maracatu é brincadeira de homem ligeiro, de homem valente”, narra Carlos Alberto de Menezes, do Maracatu Piaba de Ouro, no vídeo *Verso lança flor*”. (Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto – Inventário Nacional de Referências Culturais, 2013, p.40-41).

É importante verificarmos que uma das explicações entre os folgazões sobre a impossibilidade das mulheres e das crianças brincarem esta relacionada à violência que envolvia os maracatus de Baque Solto. Esta festa, que hoje é de brilho e cores, se transformava em grandes batalhas.

“Do que se rememora, portanto, a antiga história de maracatus é a de luta corporal cheia de ligeireza e virilidade, em meio aos canaviais, nas veredas percorridas a pé. Por isso a possibilidade de que o folgazão não conseguisse se sair com vida dessa trama violenta. Tempos adiante, já com a presença de mulheres integrada ao brinquedo, à violência transforma-se em elemento simbólico e o cenário atravessado nas caminhadas passa a descortinar-se de cima dos caminhões de cana-de-açúcar, numa espécie de reprodução do cotidiano desses trabalhadores rurais, que agora saem não mais com as vestes da labuta diária, e, sim, com imponente figurino de rei, rainha, baiana, lanceiro, caboclo de pena. Cena esta que não mais se repete a partir dos últimos quinze anos, por conta da proibição de transporte humano em veículo cargueiro aberto. Assim os folgazões passam a adotar ônibus para as pessoas e caminhões apenas para o figurino”. (Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto – Inventário Nacional de Referências Culturais, p.41)

A participação da mulher nesta brincadeira ocorria diretamente na organização das festas, nos bastidores, desde o início do folguedo. “De rezadeiras e fazedoras de roupas coloridas para os dias de carnaval, as mulheres foram tomando postos também na brincadeira” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 30 de maio de 2008). Uma das “funções” femininas de poderem encenar personagens antes de entrar na brincadeira era: preparar junto com os homens as “arrumações”. Tinha ajuda de rezadeiras pedindo por: seus filhos, maridos, irmãos, netos etc. Rezavam por seus filhos, maridos, irmãos, netos etc. Rezavam para que voltassem vivos do carnaval. Alguns maracatuzeiros afirmam que as mulheres ajudaram a diminuir as brigas nos maracatus, mas a grande maioria, como, por exemplo, Mestre Barachinha, afirma que essas brigas foram proibidas pela Associação dos Maracatus de Baque Solto³³, localizada em Aliança.

Segundo Nascimento, o maracatu rural “é uma expressão eminentemente masculina”. Ela aponta para a sua origem interiorana, o seu batuque peculiar, a presença do Caboclo de Lança, ‘sua principal figura’, e para a ausência da corte Real e de mulheres (NASCIMENTO, 2005. p.95). De acordo com algumas hipóteses a respeito da origem do Maracatu de Baque Solto defendida por Roberto Benjamin é de que, mesmo agregando elementos de outros folguedos,

³³ A Associação dos Maracatus de Baque Solto foi fundada em 28 de abril de 1990. Mestre Salustiano, Mestre Batista e Biu Hemeregildo foram os principais articuladores, buscando preservar, valorizar e divulgar o maracatu rural e as expressões referentes a esse folguedo. Seu crescimento, segundo Manoel Salustiano Filho (o Manoelzinho), foi uma conjunção de fatores: apoio de artistas e a articulação da Associação (VICENTE, 2005, p. 84). Junto a instituições públicas e privadas, foram adquirindo respaldo e intermediando a contratação dos grupos, elevando os cachês nas apresentações. Buscou perante uma assembleia acabar com as brigas, rixas entre os maracatus (havia o costume de brigarem entre si quando se encontravam no carnaval), afirmando a ideia de que deviam se unir em interesses comuns, formalizando cada vez mais a existência legal do folguedo.

eles teriam evoluído dos grupos de Cambindas, “brincadeira de grupos masculinos trajando roupas de mulheres” (BENJAMIN *in* NASCIMENTO, 2005. p.94). Os dois Maracatus mais antigos do gênero em atividade são: a Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata (1918) e a Cambindinha de Araçoiaba (1914). Segundo Benjamin:

“Vale ressaltar que os homens que fazem as bainas são cabras machos, que não fazem qualquer concessão, além do traje para a constituição da figura feminina, nenhum deboche, nenhum trejeito, nenhum deslize. Os que usam bigodes não raspam para se vestirem de baiana; a assistência nos engenhos, arruados e vilas onde se apresentam também não diz gracejos ou piadas, comenta o autor, acrescentando que nas cidades maiores e no Recife, as bainas mulheres surgiram como inovação” (NASCIMENTO, 2005. p.96).

O fato das baianas destacarem que são homens quando encenam as mulheres indica mais a sua realidade sexual hétero do que a ausência do feminino. Ressaltando que a ausência de mulheres não se torna ausentes às relações simbólicas de gênero. Podia não haver mulheres no Maracatu Rural, mas havia homens jovens, postos que antes das mulheres recuperarem o lugar no baianal eram homens que representavam as baianas bem como entre os personagens que abrem as apresentações cômicas, as catitas eram e ainda são encenadas por homens.

Diante das discussões a cerca deste folguedo, vários autores afirmam que a entrada das mulheres e das crianças nesta brincadeira se deu por conta das exigências da Federação Carnavalesca de Pernambuco³⁴. Vicente (2005) afirma que a cultura urbana (Grande Recife) exigiu a revisão do espaço da mulher, inserindo-as principalmente na Corte e no Bainal³⁵. Em meio ao processo de transformação do folguedo, “as mulheres começaram a participar de maneira definitiva e imprescindível. Conquistaram seu espaço passando a ter valor diante dos seus integrantes masculinos.” (ASSIS, 1996, p. 21). Os autores que fazem menção a FCP são: Ana Valéria Vicente (2005), Severino Vicente da Silva (2012), Mariana Cunha Mesquita do

³⁴A Federação Carnavalesca de Pernambuco surgiu no chamado período do Estado Novo, onde buscou “domesticar”, controlar e fiscalizar as agremiações populares aos interesses da nação, criando instituições que regulassem o carnaval e que estivesse junta a população. A política da Federação consistia em conceder verbas aos grupos para apresentações no centro do Recife, ocorrendo disputas entre si pelo troféu de melhor do ano (VICENTE, 2005, p.117). Vicente diz que nos anos 1940 e 1950, os maracatus de Baque Solto foram discriminados pela FCP, que não lhes consideravam autênticos e sim uma deturpação dos já conhecidos Maracatus Nação Africana. A discriminação estava presente nos desfiles, quando se apresentavam em 2ª categoria até os anos 1980. A homogeneização dos Maracatus de Baque Solto foi tão grande que muitos assumiram a fisionomia dos Maracatus de Baque Virado, perdendo as feições da Zona da Mata de Pernambuco. Eles deveriam se enquadrar nos requisitos da FCP, evitando as brigas, para poder brilhar nos carnavais e serem aceitos. Com o advento destes requisitos, incorporaram a corte e o baianal.

³⁵Ver glossário dos personagens

Nascimento (2008), Maria Elisabete Arruda Assis (1996) e Suiá Omim Arruda de Castro Chaves (2008), Sévia Sumaia Vieira (1999), dentre outros.

“Após essa trajetória do interior para a cidade grande, os caboclos – forçada ou livremente – terminaram por resignificar suas próprias identidades, absorvendo valores da cultura urbana como, por exemplo, a inserção de mulheres como integrantes da brincadeira, originalmente restrita a homens, em função das altas doses de violência”. (VIEIRA; SILVA, 2007, p.5)

As mulheres começaram a fazer parte da brincadeira na segunda metade do século XX. Segundo o Mestre Zé Duda³⁶, elas foram vistas primeiro no Maracatu Leão das Flores, de Itaquitinga, do mestre João de Lianda, entre 1955 e 1957. Mas como Maracatu de Baque Solto é uma tradição oral, o mesmo foi dito pelo caboclo Zé da Rosa³⁷ em relação ao Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata (SILVA *in* VASCONCELOS, 2012, p.69). Saber ao certo a época e o primeiro maracatu que inseriu as mulheres é difícil, mas entende-se que elas já eram vistas na brincadeira desde a segunda metade do século XX, ocupando espaços antes exclusivos dos homens.

“Se até os anos finais do século XX a mulher era proibida de tocar uma guiada, especialmente em época de menstruo, no início do século XXI, elas vestiam o surrão e a gola, puseram o chapéu e, de lança em punho, assumiram também a guarda na tribo, tornaram-se guerreiras”. (SILVA *in* VASCONCELOS, 2012, p.15-16).

A impossibilidade de participarem das apresentações menstruadas simboliza impureza explicada pela má sorte, relacionado a este período de vida das mulheres. Estas proibições ligadas ao sexo estariam relacionadas com a religiosidade, pois o Maracatu de Baque Solto possui elementos do sincretismo afro-indígena. Segundo Vieira, as mulheres tomavam chás à base de ervas para antecipar o ciclo menstrual³⁸, buscando, com isso, não atrapalhar o ritual do maracatu.

Em meio às contínuas transformações, segundo o Mestre Zé Duda, “não tem mais como tirar a mulher do maracatu porque tudo o que o homem faz a mulher também sabe fazer”.³⁹ Para ele, é uma grande novidade a mulher brincar vestida de Caboclo de Lança. Quando o Mestre Zé

³⁶ O Mestre Zé Duda foi mestre do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança por mais de 60 anos. Ele é referência na tradição do Baque Solto. Atualmente é casado com a Mestra Gil, do Maracatu Coração Nazareno.

³⁷ Zé da Rosa, Caboclo de Trincheira do Maracatu Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata.

³⁸ A menstruação ainda simboliza impureza e má sorte para muitos maracatuzeiros.

³⁹ Entrevista concedida por Mestre Zé Duda (ex-mestre do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança) na sua casa, no dia 18 de junho de 2012, em Catuama.

Duda chegou ao Estrela de Ouro de Aliança, onde esteve à frente do Maracatu por mais de 60 anos, ainda existiam homens brincando de baianas. Ele afirmou não haver problemas se um dia uma mulher quisesse sair de Cabocla no Estrela.⁴⁰ No carnaval de 2015, desfilou a primeira mulher vestida de Caboclo de Lança no Maracatu Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata.

Algumas mulheres tornaram-se importantes protagonistas na tradição do Baque Solto e colaboram na preservação do patrimônio Cultural. São mulheres que pude conhecer pessoalmente e outras, tomei conhecimento através do Dossiê de Referências Culturais do Maracatu de Baque Solto. Mestre, madrinhas espirituais, costureiras, donas dos maracatus, caboclas de lança etc. São mulheres que, junto aos homens, vem construindo e mantendo a brincadeira. Nos parágrafos seguintes irei mencionar cada uma delas, explicando as suas atribuições e os seus respectivos maracatus⁴¹.

A primeira mulher a dirigir um maracatu de Baque Solto foi Ionete Maria da Silva (Dona Netinha). “Dona Netinha exerceu importante liderança na comunidade yalorixá em um terreiro que praticava o culto aos Orixás do Candomblé e aos caboclos da Jurema Sagrada” (Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto – Inventário Nacional de Referências Culturais, p. 67). Era a madrinha espiritual do maracatu antes de assumir a presidência do Maracatu Cruzeiro do Forte. Com o seu falecimento, a sua filha Maria da Conceição da Silva tornou-se a nova presidente.

A primeira mulher Cabocla de Lança foi Maria José Marques, em 2004. Hoje ela é dona do Maracatu Leão da Mata Norte de Tracunhaém (teve a sua primeira apresentação no carnaval de 2012). Ela brincou de cabocla pela primeira vez no Maracatu Leão Formoso de Nazaré da Mata, cujo presidente na época era Pacheco. Ela carregou a arrumação com o peso igual ao dos homens (em torno de 30kg) e afirmou que os Caboclos do Leão Formoso a trataram igualmente a um caboclo. Ela se vestiu de Cabocla de Lança antes mesmo do Maracatu Coração Nazareno ser criado.

A única mulher mestra do apito na tradição do Baque Solto é Gil. Ela é a Mestre do Maracatu Coração Nazareno. Era baiana do Leão Formoso de Nazaré da Mata e a possibilidade de sair vestida de cabocla de Lança foi o que atraiu Gil para o maracatu das mulheres, porém só

⁴⁰ Zé Duda fez esta afirmação em 2012 quando ainda estava à frente do Maracatu Estrela de Ouro. Hoje, o mestre do Estrela é Anderson.

⁴¹ Levando em consideração que possam existir muitas outras mulheres protagonistas nesta tradição.

conseguiu brincar na posição de bandeirista. Foi descoberta por Eliane Rodrigues (diretora executiva da AMUNAM e idealizadora do Coração Nazareno), possuindo uma boa voz para cantar. Começou a estudar com grandes mestres da região: Mestre João Paulo e Mestre Antônio Roberto. Logo depois com Mestre Zé Duda (marido da Mestra Gil). Hoje, já compõe suas próprias loas (canções).

Outros nomes são: Severina Maria da Silva (Biu de Carro), costureira e antiga madrinha espiritual do Maracatu Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata. Maria Antônia Araujo da Silva, costureira e dona do Maracatu Leão da Mata de Itaquitinga. Dona Severina, dona e madrinha espiritual do Maracatu Leão da Campina de Paudalho. Laurinete de Assis Santana, madrinha espiritual do Maracatu Cruzeiro do Forte. E Josefa Maria de França (Deda), desfilou como portadora do troféu até tornar-se rainha e costureira do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança por muitos anos. Atualmente, Deda não brinca mais no Estrela.

A falarmos de gênero, poder e subjetividades, traçamos um paralelo entre esses termos. Scott (1996) aponta para as estruturas hierárquicas que compreensões generalizadas ou relações naturais entre homens e mulheres. As mulheres ainda são vistas cercadas por elementos que as colocam em uma posição de subordinação, naturalizando o os seus significados. Podemos verificar através das relações de poder. “O interesse de Scott pela resistência não é senão um modo de perguntar-se como (certos tipos de) práticas podem transformar a estrutura” (ORTNER, , p.28).

Ornet (2007) aponta para subjetividade enquanto a base da *agency*. “Agency não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente construídos)” (ORTNER, 2007, p.4). “A teoria da prática feminista, de minoria, de subalternos, etc.”, que em partes focaliza nas questões de resistência, mas mostra sobretudo como a própria dominação sempre esteve dividida por lacunas, ambiguidades e contradições. Segundo os argumentos de Gramsci, as hegemonias nunca serão totais e absolutas. (ORTNER, 2007, p. 26) Agência também esta relacionada a poder, pois agência e poder social estão estreitamente relacionados. Neste caso, agência é a capacidade de afetar as coisas, que também é equiparada à ideia de resistência.

Falar sobre o Baque Solto sem fazer uma análise de gênero não nos leva a compreender esta brincadeira, pois ela é compartilhada por homens e mulheres desde a sua origem. As mulheres

podiam ser cozinheiras, bordadeiras, rezadeiras, funções relacionadas aos cuidados com o grupo, dando suporte às ações e funções masculinas consideradas mais importantes. Nos referenciais consultados sobre o Baque Solto, essas mulheres são apenas rapidamente citadas. Aos homens caba brincar em personagens de destaque e ocupar as posições de liderança, organizar o grupo e conduzir as apresentações públicas. Assim, o trabalho das diferentes mulheres não merecia e possuíam reconhecimento, ainda que fosse e devesse ser fundamental para organizar e realizar as apresentações. Hoje, as mulheres maracatuzeiras podem brincar na posição que desejar, ou que o maracatu em questão permitir.

“O gênero não diz respeito apenas às relações sociais estabelecidas entre os sexos; ele vai além desses aspectos meramente relacionais. É uma categoria ordenadora de significados que atribuem sentido a diferentes esferas da vida social, de forma que se desloca do sexo e transforma-se em um modo de classificação do espaço, do tempo, das instituições etc. que orientam a constituição de subjetividades. Indo mais além, pode-se dizer que o gênero também é uma formação específica de poder” (SCOTT, 1996 in ALBERNAZ; LIMA, 2013, p. 508).

Não obstante do fato de a presença das mulheres na brincadeira do Baque Solto ter se tornado numericamente bastante expressiva na atualidade e da existência de um grupo formado apenas por mulheres (como será tratado no próximo capítulo), as posições que lhe são destinadas nem sempre são significativas e de destaque e, em alguns casos, estão associadas a qualidades de gênero que implicam menor poder e prestígio diante do masculino. Reforçamos que atualmente, aparentemente, as mulheres podem ocupar todas as posições dentro da brincadeira, o que não era possível antes. Todavia, tal mudança não implicou a supressão dos significados de gênero existentes para as práticas e posições de homens e mulheres nessa brincadeira. Podemos perceber algumas características próximas entre as mulheres do Baque Solto e as do bumba-meu-boi do Maranhão, como verificado no artigo “Gênero e Cultura: relações de poder, posições, significados da participação das mulheres nos grupos de Bumba-meu-boi do Maranhão” das autoras Lady Selma Ferreiro Albernaz e Patricia Georgia Barreto de Lima (2012).

Enquanto uma brincadeira de origem masculina, o Maracatu de Baque Solto foi incorporado (no decorrer dos anos) mulheres e crianças, travando novas relações de gênero. O próximo capítulo trará à baila um grupo de mulheres que trouxe para a tradição do Baque Solto novas características e questionamentos a respeito desta brincadeira típica da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Farei um breve resumo sobre a fundação, propósitos e objetivos da Associação das Mulheres de Nazaré da Mata; sobre a formação do Maracatu Coração Nazareno e suas

especificidades e a trajetória deste maracatu durante o período carnavalesco em 2015. Analisarei este capítulo com base na discussão de gênero e de cultura popular.

4 UMA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES

4.1 A ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES DE NAZARÉ DA MATA – AMUNAM

Foto 6 – Sede da Associação das Mulheres de Nazaré da Mata - AMUNAM



Fonte: Site da AMUNAM⁴²

Existia na Zona da Mata Norte de Pernambuco o Sindicato dos trabalhadores rurais de Nazaré da Mata, Tracunhaém e Buenos Aires, que permitia a participação das mulheres em pequena escala. Elas eram ouvinte e não tinham poder de decisão. Mas, essas mulheres, paralelamente, organizaram-se às sombras das árvores da região para debater problemas, como: convivência familiar, marido, filhos, sexualidade, saúde, violência, educação, entre outros assuntos do cotidiano. Nesse contexto, começaram a lutar pelos seus direitos na sociedade, em suas famílias e em suas vidas. Estes diálogos foram saindo do papel e indo para a prática ganhando um coro, que dizia: “1, 2, 3, a mulher também tem vez” (OLIVEIRA, 2011, p.9). Desses encontros informais, surgiu em 1992 a Associação das Mulheres Rurais de Nazaré da Mata, Tracunhaém e Buenos Aires. “Esta denominação permaneceu até 1992, quando o movimento passou a se chamar Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM)” (OLIVEIRA, 2011, p.12)

⁴² Site da AMUNAM: <http://www.amunam.org.br>

“Em Pernambuco, as relações destas mulheres com o poder e com o desenvolvimento têm sido marcadas pela desvantagem de gênero. Observou-se que essas desvantagens que afetam as mulheres pernambucanas não são diferentes das demais mulheres dos outros estados do Brasil, mostrando uma realidade sociopolítico-econômica desigual.” (SILVA, 2015, p.31),

Apesar dos grandes avanços das últimas décadas, a realidade vivenciada pelas mulheres rurais pernambucanas, em sua grande maioria, permanece num contexto de precariedade no que diz respeito aos direitos básicos, como: abastecimento de água, moradia, saneamento básico, assistência médica, acessibilidade, coletas de lixo, dupla jornada de trabalho. Mesmo trabalhando no campo no manuseio da terra, nas roças e nos plantios da cana de açúcar, exercem outras atividades voltadas para a pesca e criação de animais, além das tarefas domésticas. (SILVA, 2015, p. 30).

Na atual conjuntura, existem evidências de transformações, onde as mulheres com poder de fala, representantes de sindicatos, de associações, de comunidades, partidos políticos, parlamento, garantem uma fatia de poder, mesmo que ainda mínima.

“Nesse contexto, o movimento das mulheres é um sujeito fundamental da organização da sociedade civil. Esse movimento não só produz uma inserção das mulheres no processo político geral como traz novas questões para a agenda da democracia”. (AVILA, 2001, p.19)

Segundo Maria Betânia Ávila (2001) o movimento das mulheres lutam por diferentes objetivos e interesses. Para o movimento feminista, cuja luta histórica é proporcionar as transformações das relações de gênero, a instituição da mulher enquanto sujeito é o centro da sua ação, é a sua grande conquista, motivação e ao mesmo tempo uma contribuição histórica para o movimento das mulheres no geral. (AVILA, 2001, p.19). São indagações do princípio da igualdade que fundam diversas concepções de cidadania. A busca pela cidadania, segundo Ávila (2001), é algo indissociável ao processo de consolidação da democracia.

Com o advento das movimentações das mulheres rurais da Zona da Mata, foi fundada em 23 de janeiro de 1988 a Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM). Registrada no Conselho Nacional de Assistência Social, é uma entidade sem fins lucrativos, de utilidade pública municipal, estadual e federal. Legitimada pelo poder público e pela sociedade, a associação promove o fortalecimento das mulheres das áreas urbanas e rurais da Zona da Mata Pernambucana. Iniciou-se como uma das primeiras organizações da sociedade civil, nesta região, criada com o objetivo de lutar pelos direitos das mulheres rurais e urbanas. Esta

Associação leva inspiração para as cidades vizinhas, estimulando a formação de outras organizações voltadas para as mulheres na região, como: a Associação das Mulheres de Carpina, de Vicência, de Condado, de Aliança, de Tracunhaém e de Goiana.

“Fundamos a Associação com 19 mulheres, mas ficamos ainda na dependência do sindicato e no anonimato, pois começamos a funcionar numa sala cedida pelo sindicato, a contragosto de alguns membros de sua diretoria. No início, o nosso objetivo maior era fazer crescer a participação e ajudar na organização do movimento sindical, ou seja, organizar as mulheres trabalhadoras rurais dentro do sindicato. Para isso, o sindicato cedia a sala e o transporte, mas chegou o momento em que a gente viu que estava sendo boneco fantoche; manipuladas pela entidade sindical” (Eliane Rodrigues, Revista Com a Cara e a Coragem. p.8)

Nesse contexto, a participação dessas mulheres não passou de uma falácia, pois as suas ideias não eram consideradas. “Nós nos sentíamos fantoches, sem direito a votar em nada. Eles nos aceitavam porque, até para a Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco, FETAPE, era interessante a mobilização das mulheres” (OLIVEIRA, 2011, p.9), recorda umas das fundadoras, Eliane Rodrigues, que na época era escriturária.

“Como eu trabalhava no sindicato, ia para as reuniões da zona rural e percebia que as mulheres dos trabalhadores não tinham espaço, apesar de se fazerem presentes nas reuniões. Então, enquanto os homens se reuniam para discutir sobre o movimento sindical, comecei a ficar com as mulheres debaixo de um [pé de árvore] ou num outro caminho qualquer, conversando sobre algum assunto que tinha a ver com a vida da mulher: a família, o relacionamento com o marido, com os filhos e outras questões. Aos poucos, essas conversas se transformaram em reuniões e fomos nos organizando. Começamos a participar de alguns encontros que a FETAPE promovia, pois os dirigentes queriam as mulheres nos sindicatos, mas não era para ter autonomia, ter seu espaço, ter voz. Era para ajudar a organizar e fazer crescer o movimento sindical. A partir daí, fomos puxando outras discussões relacionadas à mulher trabalhadora rural”. (Eliane Rodrigues, Revista Com a Cara e a Coragem. p.7-8)

Quem comandou o nascimento da associação e que ainda hoje está à frente do seu funcionamento foi Eliane Rodrigues. Ela foi funcionária do Sindicato dos Trabalhadores rurais desta região durante 16 anos, antes de ser demitida por aderir à mobilização das mulheres. Mas a falta de apoio contribuiu para alimentar o desejo de vencer os obstáculos, começando a escrever um novo capítulo da história deste movimento. Ela e as demais integrantes buscam, dia a dia, fortalecimento enquanto grupo de mulheres para a transposição das dificuldades⁴³.

“Entre essas organizações estão àquelas relacionadas com categorias profissionais urbanas e rurais, movimentos populares de bairros por melhoria de qualidade de vida,

⁴³ Ver sobre a formação dos movimentos de mulheres pelo Brasil em Sarti (2004). Segundo Sarti, nos anos de 1980, “o movimento das mulheres no Brasil era uma força política consolidada”. (p.42)

movimento das mulheres negras e feministas, movimentos feministas em geral etc.” (AVILA, 2001, p. 19)

O movimento das mulheres, segundo Ávila, são todas as formas de organização de mulheres que lutam por diferentes objetivos. Há uma dialética entre as diferentes formas de organização, a partir da qual a questão das mulheres e as questões trazidas pelas mulheres ganham sentido na esfera pública. (AVILA, 2001, p.19) A instituição das mulheres como sujeitos é o centro da ação da AMUNAM e é a sua grande contribuição para o movimento das mulheres na Zona da Mata Norte Pernambucana.

“A capacidade de se organizarem, o desejo de mudar a realidade e a consciência de que não eram meras espectadoras da vida, mas sim agentes de transformação!” (OLIVEIRA, 2011, p.9). As mulheres procuram a AMUNAM em busca de mudanças em suas vidas. Elas levam os seus conhecimentos já construídos e adquirem novas habilidades. A Associação possui uma equipe de pedagogas, educadoras, psicopedagogas, assistentes sociais, psicólogas, comunicadores sociais etc. A coordenação executiva se faz presente dando suporte, debatendo, instruindo, acompanhando e avaliando as atividades realizadas. “A cada ano redobram-se os esforços, fortalecem-se as ações, aprofundam-se as atividades, na busca de capacitar o maior número de mulheres e orientar jovens e crianças”. (VASCONCELOS, 2012, p.88)

Através das suas ações, a AMUNAM vai ampliando o seu campo de atuação. Em síntese: trabalha com crianças a partir dos oito anos (com projetos específicos por cada faixa etária); compreende a comunicação como um importante assunto dos direitos humanos; junto às mulheres, trabalha a prevenção e o enfrentamento da violência sexual e doméstica (independente de faixa etária); leva a participação da mulher para diversos espaços de discussão e decisão das políticas públicas (acompanham sessões na Câmara dos Vereadores); inclusão digital; através das manifestações culturais (Coco-de-roda, Frevo, Capoeira, Caboclinho, Maracatu Rural), levam a mensagem da instituição para o público; a temática sobre meio ambiente está presente em todas as suas ações; envolvem nas suas ações: escolas, famílias, o público atendido, voluntários, atores sociais, poder público, parceiros locais, regionais, nacionais e internacionais. A associação trabalha para que estes projetos⁴⁴ tenham

⁴⁴ “Os projetos são: “Dando a volta por cima”; “Mulher e governança, um desafio de todas”; “O ponto de leitura”; “Edição digital e telecentro”; “A radio comunitária Alternativa FM”; “Cultura é coisa nossa”; “Chapéu de palha”; “Ponto de Cultura”; “Mulheres na paz”; “Jovens e;mpreendedoras”. Com o desenvolvimento desses projetos, a AMUNAM tem conseguido minimizar o índice de violência sexual e domestica, drogas, prostituição infanto-

características reaplicáveis (OLIVEIRA, 2011, p.10). Diversos destes projetos já foram desenvolvidos e outros estão em desenvolvimento.

“Gênero, feminismo, educação sexual, educação ambiental, cidadania, geração de renda e cultura trouxeram à AMUNAM uma marca registrada sobre o seu papel de mobilizar a sociedade pela inclusão social das mulheres e seus familiares na sociedade e nos espaços de discussão e decisão de políticas públicas”. (VASCONCELOS, 2012, p.84)

Desde a sua fundação, a luta pelo fim da violência contra a mulher tem sido uma das suas principais bandeiras. Muitas delas têm medo de denunciar o seu agressor, enquanto outras perdem o medo e buscam ajuda rapidamente. A associação possui um notável trabalho na busca pelos direitos humanos, igualdade e democracia e, principalmente, o respeito à mulher.

A AMUNAM busca nas iniciativas públicas e privadas recursos para a execução de seus projetos. São diversas cooperações estratégicas com agências nacionais e internacionais que promovem o desenvolvimento social. Os incentivos são importantes e são adquiridos através de projetos, onde, segundo Mauricélia, trabalhadora na instituição há 26 anos, é preciso “dar no couro”⁴⁵ para não deixar a instituição morrer. Nestes 28 anos, a AMUNAM contou com vários parceiros⁴⁶. A política de autossustentação financeira é fundamental e impulsiona esta instituição, pois busca trabalhar as potencialidades das mulheres através dos cursos profissionalizantes oferecidos. Um exemplo foi o programa de “Geração de Renda”, que possibilitou o surgimento do primeiro curso de corte e costura da instituição⁴⁷. Depois desta experiência, outros importantes cursos surgiram como: pintura, bordado e culinária⁴⁸. Segundo

juvenil, incentivando o vínculo familiar e estimulando a formação de cidadãs com consciência crítica na discussão sobre políticas públicas, socioeconômicas e culturais.” (VASCONCELOS, 2012, p.87)

⁴⁵ “Dar no couro”, neste caso, seria utilizado para dizer “mostrar serviço”.

⁴⁶ Governo do Estado de Pernambuco/Promata; Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria da Mulher; Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria dos Direitos Humanos; Governo do Estado de Pernambuco/FUNDARPE; Governo Federal/Ministério da Justiça; Banco do Brasil/Agência Nazaré da Mata; Fundação Banco do Brasil; Fundação Itaú Social/UNICEF; Instituto WCF/Rainha Sílvia, da Suécia; CESE; Instituto Brazil Foundation; Governo Federal/Ministério da Ciência e Tecnologia; Global Fund for Women; e Cordaid.

⁴⁷ “Com o apoio da Secretaria Estadual de Trabalho e Ação Social, do Consulado Alemão e da Organização Americana Fundo Mundial para Mulheres (The Global Found for Women), foram adquiridas as primeiras máquinas de costura. Assim, foi inaugurada a unidade de Produção, sob a coordenação de Romalita Barbara Guedes. Na unidade, eram confeccionadas fardamentos escolares, maiôs, biquínis, calções da banho e peças íntimas, produtos que eram vendidos na própria Associação. A unidade de Produção existiu durante quase dez anos e ajudou a construir a história da Associação” (OLIVEIRA, 2011, p.17)

⁴⁸ Para a execução desses novos cursos “a Associação firmou convênio de cooperação técnico-financeiro com a instituição holadesa Bilance, originalmente denominada CEBEMO”. (OLIVEIRA, 2011, p.17)

Mauricélia Lino, a AMUNAM vai buscar nas mulheres o que elas precisam, descobrindo as suas potencialidades. Célia, como também é chamada, procurou a associação em busca do curso de pintura de tecido e está na instituição há 25 anos. Ainda hoje a instituição oferece cursos profissionalizantes em sua oficina de produção e muitas outras formas de captação de renda entre as sócias.

“Era um trabalho no chão, bem à vontade, descobrindo as habilidades das mulheres. Deste momento em diante, a gente foi melhorando e aprofundando a metodologia de trabalho da instituição. A gente expandiu e eu acho que uma coisa muito marcante pra gente foi, em 1995, com a UNICEF. Neste momento, as mulheres vinham, traziam as filhas. Mulheres ficavam com a recreação das crianças. A gente buscou um projeto que atendesse também às crianças. E, paralelamente, a gente atendia as mulheres de uma lado, e, do outro, atendia às crianças”⁴⁹

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) aparece para a instituição como um desafio, onde propõe a missão de trabalhar com a educação de crianças e adolescentes. Neste sentido, a AMUNAM começou a incorporar este público aos seus principais projetos. Este trabalho transformou-se em mais uma motivação, pois entende que é através da educação que as melhorias sociais são concretizadas. A UNICEF propôs também trabalhar temas como a sexualidade nas salas de aula. Tanto meninas quanto meninos são atendidos pela associação.

“Foi uma revolução muito grande aqui em Nazaré, porque, também, aqui ninguém nunca viu isso. E era uma coisa assim: trabalhar a sexualidade sem ser sexólogo? Quem é o sexólogo que vai trabalhar isso nas escolas? E aí a gente mostrou a algumas pessoas aqui de Nazaré que a sexualidade [*sic*] não tinha que ser um sexólogo, mas qualquer professor, qualquer pessoa que tinha trabalhado bem esta temática poderia multiplicar isso em sala de aula. Para você vê o quanto foi desafiador e oportuno pra gente também a UNICEF lançar este desafio que vem antes dos PCN’S, que surgiu [*sic*] em 1998; e a gente já estava trabalhando a sexualidade nas escolas. E aí, a gente teve outra ideia, multiplicando não só para as escolas de Nazaré da Mata também buscar [*sic*] outros professores que se destacaram em outros municípios próximos. Aqui, a gente fez um outro [*sic*] trabalho na GREA [Gerência Regional de Educação], lançou para o secretário de educação e eles acordaram a ideia” (Entrevista concedida por Mauricélia Lino de Freitas, trabalhadora na AMUNAM, no dia 11 de junho de 2012, em Nazaré da Mata).

Os programas desenvolvidos pela instituição são: Programa “Direito e cidadania” com os projetos: “Exercitando a cidadania”, “Dando a volta por cima” e “Cultura é coisa nossa” (com o Maracatu Coração Nazareno; Grupo Cultural Flores do Coco e o Ponto de Cultura Engenho dos Maracatus); e o programa “Comunicação Social” com os projetos: “Informativo mulher

⁴⁹ Entrevista concedida por Mauricélia Lino de Freitas (trabalhadora na AMUNAM), no dia 11 de junho de 2012, em Nazaré da Mata.

cidadã” e “Mídias sociais”. Estes programas são à base das suas atividades, garantindo os direitos e o fortalecimento desses atores no exercício da sua cidadania e disseminando a informação através da mídia falada, impressa e web⁵⁰.

Em minhas observações, chamou-me a atenção três projetos (dentre os inúmeros oferecidos pela instituição), são eles:

1. O projeto “Ponto de leitura – Biblioteca Eliane Rodrigues” visa atender crianças e adolescentes, estudantes, comunidades locais, crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, mulheres, lideranças comunitárias, organizações e movimentos populares. Tem como objetivo promover informação aos usuários/as de forma sadia sobre os temas didáticos e transversais, atendendo da melhor maneira possível as suas pesquisas e estudos escolares⁵¹.
2. O “Chapéu de Palha” (projeto desenvolvido há 7 anos) em parceria com várias instâncias governamentais (incluindo a Secretaria da Mulher), parcerias não governamentais e parceiros afins. Em 2014 foi desenvolvido em quatro municípios: Nazaré da Mata, São Vicente Ferrer/Siriji e São Lourenço da Mata/ Matriz da Luz capacitando 370 mulheres e 120 crianças menores de 7 anos de idade. Essas atividades tem levado o público atendido a refletir, as relações de gênero, raça/etnia, feminismo, sexualidade, políticas públicas de forma a intervir e superar as desigualdades de gênero, buscando uma transformação. O público alvo é: mulheres, crianças e adolescentes.⁵²
3. O projeto “Artesãs empreendedoras convergir mulher: mandiocultura e pescadoras” possui o seu público alvo composto por: crianças e adolescentes, mulheres, pequenos produtores, família, comunidades locais, associações, estudantes e lideranças comunitárias. O seu objetivo visa à prestação de serviço de capacitação com apoio logístico e infraestrutura para executar as atividades necessárias à inserção das mulheres

⁵⁰ Ver anexo 6 - Currículo Institucional da Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM).

⁵¹ Estas informações constam no relatório institucional de 2014 da AMUNAM.

⁵² Estas informações constam no relatório institucional de 2014 da AMUNAM.

da mandiocultura e da pesca artesanal na rede de agentes de políticas públicas para mulheres rurais de Pernambuco.⁵³

Existem algumas relevantes pesquisas científicas produzidas sobre a AMUNAM, como: “Políticas Públicas para as Mulheres, uma Contribuição da AMUNAM na Zona da Mata Norte de Pernambuco” (Maria Otenilda Santana de Oliveira Lima - 2010), “Os 10 anos da AMUNAM” (Maria José de Souza Lemos - 2010), “Entre a proteção, a educação e a emancipação: análise da contribuição das ações complementares à Escola” (Maria Beatriz Lima Hernhoff - 2004), “Orientação Sexual: Uma Experiência em Xeque” (Mauricélia Lino da Silva - 2004), “Rádio comunitária, gênero e capital social: a experiência da Alternativa FM, emissora da Associação das Mulheres de Nazaré da Mata” (Ivanice Oliveira de Lima - 2010). A associação também publicou um livro contando a sua história desde a formação até os dias atuais, chamado “AMUNAM: uma história de amor à vida” da autora Francicleide Palhano de Oliveira, em 2012.

A Associação elaborou cartilhas para a divulgação das suas ações e que é um importante registro das suas atividades. “Com a Cara e a Coragem” teve seu primeiro número em 1995. Esta cartilha é o registro dos primeiros oito anos de luta da AMUNAM. Apresenta implantação das primeiras conquistas e projetos que mudaram a vida de muitas mulheres em Nazaré da Mata. “Educar para Transformar”, lançada em 2000, mostra as experiências vividas pelas educadoras da associação através do projeto “Educar para Transformar”, que conta as suas vivências sobre a temática orientação sexual e que beneficiaram profissionais representantes das escolas dos municípios de Nazaré da Mata, Tracunhaém, Carpina, Itaquitinga, Vicência, Aliança e Buenos Aires. A publicação foi impressa com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Existe também a cartilha “Deixando Marcas”, que possui dois números publicados em 2004. Esta cartilha é um resultado do projeto “Deixando Marcas”, que visa minimizar os índices de violência doméstica e sexual.

A instituição possui alguns veículos de comunicação que visa transmitir as suas ideias, ações e atividades. Atualmente possui um jornal quadrimestral chamado “Mulher Cidadã”. No início este jornal era trimestral e teve o seu primeiro número lançado em 2004 (janeiro/março). Este jornal é um importante veículo de comunicação da AMUNAM com a população de Nazaré da

⁵³ Estas informações constam no relatório institucional de 2014 da AMUNAM

Mata. Possui, há 12 anos, a “Rádio Comunitária Alternativa FM”, que sintoniza para o município de Nazaré da Mata (assuntos relativos às atividades desenvolvidas pela associação, a cultura da região, questões locais etc.). E as Mídias sociais, como: Facebook, Blog, Site, Twitter, Audioteca, Galeria de fotos, Jornal Online. Estes veículos de comunicação fazem parte do programa Comunicação Sociais⁵⁴.

A grande contribuição da AMUNAM, que foi fundada nesse contexto, é estimular mulheres, crianças, adolescentes e jovens a serem protagonistas das suas vidas. São ações que buscam ampliar os horizontes das mulheres, adolescentes e crianças que não possuem o acesso à educação, cidadania, profissionalização, cultura e o conhecimento dos seus direitos e deveres. Eu precisaria de mais 100 páginas para escrever todas as ações e projetos que a AMUNAM desenvolveu e que ainda desenvolve. Conhecer a fundo esta Associação de mulheres me fez refletir muito acerca do “espírito de equipe” que eles possuem.

⁵⁴ Ver anexo 6 - Currículo Institucional da Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM)

4.2 O MARACATU CORAÇÃO NAZARENO DE NAZARÉ DA MATA

O Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata foi criado através do projeto “Cultura é Coisa Nossa”⁵⁵, em 08 de março de 2004 (Dia Internacional da Mulher), pela Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM). Esse maracatu foi idealizado por Eliane Rodrigues de Andrade Ferreira (Presidente e coordenadora executiva da Associação) e possui o objetivo de incluir as mulheres na brincadeira, transformando-as em protagonistas nessa tradição de origem masculina. Criado na “Terra dos Maracatus”, esse é o único maracatu de Baque Solto formado apenas por mulheres. Ele busca ampliar a participação das mulheres no campo da cultura, como forma de inserção na sociedade, favorecendo assim a geração de trabalho e renda. O projeto “Cultura é Coisa Nossa”, além de viabilizar a criação do Maracatu Coração Nazareno, possibilitou, posteriormente, a formação do grupo Flores do Coco⁵⁶ e do Ponto de Cultura Engenho dos Maracatus⁵⁷.

O Maracatu Coração Nazareno não faz parte da Associação dos Maracatus de Baque Solto. Segundo Salatiel Cícero, “não faria sentido o Maracatu das mulheres estar ligado a duas associações”⁵⁸. Ele complementa que o principal objetivo desse maracatu é inserir as mulheres como protagonistas dessa manifestação cultural, trabalhando temáticas (através das suas loas) envolvendo: gênero, educação, meio ambiente, sexualidade, drogas, violência doméstica etc.

⁵⁵ Ver anexo 6 - Currículo Institucional da Associação das Mulheres de Nazaré da Mata – AMUNAM.

⁵⁶ A AMUNAM, inspirada no Maracatu Feminino Coração Nazareno, criou no dia 8 de março de 2013 o Grupo Cultural Feminino Flores do Coco. Este grupo é também formado unicamente por mulheres, dentre aquelas atendidas pela associação, e que busca na cultura popular o fortalecimento e a inserção das mulheres nas manifestações culturais. As composições, entoadas pelo grupo, apresentam as conquistas e deveres das mulheres na sociedade como forma de trabalhar também, o enfrentamento a violência de gênero. Além disso, as integrantes do Maracatu Coração Nazareno também fazem parte do grupo Flores do Coco, como, por exemplo, Sônia Maria Santana e Marta Maria da Silva (Caboclas de Lança no Maracatu) que compõem e cantam as canções do coco. Esta nota não visa um aprofundamento, apenas sinaliza para a existência do grupo.

⁵⁷ O Ponto de Cultura Engenho dos Maracatus trabalha pela preservação, registro continuado, manutenção, memória, sustentabilidade, inclusão digital, educação continuada, participação política, autonomia, empoderamento e protagonismo destes atores na tradição do Baque Solto. Os grupos envolvidos são: Maracatu Feminino Coração Nazareno (fundado em março de 2004), Maracatu Leão Misterioso (fundado em junho de 1990), Maracatu Águia Dourada (fundado em março de 2008) e Maracatu Leão Cultural (data de fundação não localizada). Todos estes grupos possuem sede em Nazaré da Mata. Os parceiros deste Ponto são: o Ministério da Cultura, a Fundarpe e a Secretaria da Cultura de Pernambuco. Esta nota não visa um aprofundamento, apenas sinaliza para a existência do Ponto. São grupos que possuem interesses comuns de valorização da brincadeira.

⁵⁸ Entrevista concedida por Salatiel Cícero (Jornalista e produtor artístico do Maracatu Coração Nazareno) na AMUNAM, dia 23 de outubro de 2015, em Nazaré da Mata.

No decorrer das minhas investigações foi ficando cada vez mais claro que o Coração Nazareno funciona como uma espécie de “porta-voz” dos ideais da AMUNAM.

Foto 7 – Cortejo do Maracatu Coração Nazareno no Carnaval da cidade de Condado em 2015



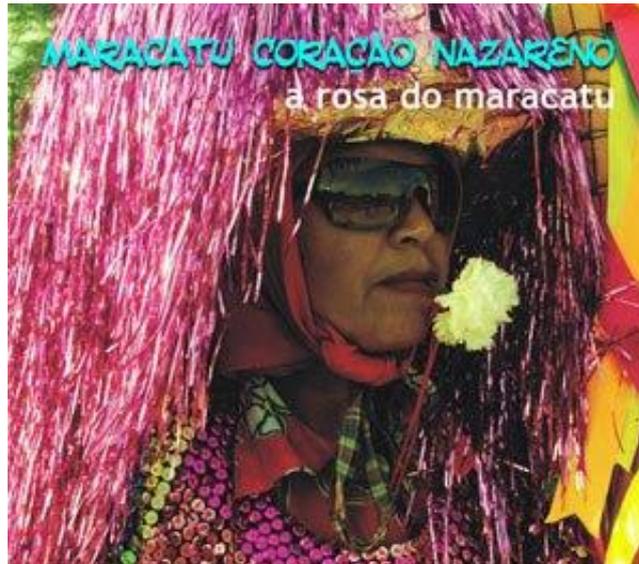
Fonte: Tamar Thalez

O Coração Nazareno vem se destacando diante dos demais, aparecendo na mídia nacional e internacional⁵⁹. Este destaque é muito perceptível pelo fato de ser o único grupo composto apenas por mulheres pioneiras dentro da tradição ao levantar a bandeira na luta pelos seus direitos. A sua primeira apresentação ocorreu em Nazaré da Mata, no carnaval de 2005 e, segundo Marinalva Isabel de Freitas, gerou muita curiosidade e desconfiança da população. “Queriam ter certeza se éramos mesmo mulheres”⁶⁰, complementa. Elas afirmam que ainda hoje geram especulações sobre as suas sexualidades. A todo o momento elas querem provar que são mulheres vestidas em “personagens masculinos” e que podem ocupar este espaço.

Foto 8 – Capa do primeiro CD

⁵⁹ Ver anexo 5 do Currículo institucional do Maracatu Coração Nazareno. Constatam todas as apresentações, atividades e premiações até o ano de 2015.

⁶⁰ Entrevista concedida por Marinalva Isabel de Freitas na AMUNAM (Costureira da associação e uma das líderes do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata), no dia 28 de Janeiro de 2015, em Nazaré da Mata.



Fonte: Site da AMUNAM⁶¹

O nome do grupo foi uma forma que elas encontraram para traduzir a afetividade (Coração) que sentem pela cultura do Maracatu Rural em Nazaré da Mata (Nazareno). Como também, o nome do primeiro CD chamado “Coração Nazareno: A Rosa do Maracatu”⁶², faz relação à afetividade feminina (Rosa) na tradição (Maracatu). São elementos muito presentes nesse maracatu de mulheres. Elas, em sua forma de falar, expressam a importância de enfatizar estes elementos.

Falar sobre esse maracatu e não fazer referência aos homens seria errôneo. Alguns homens maracatuzeiros ajudaram as mulheres do Coração Nazareno a estruturar esse folguedo, como, por exemplo, Ederlan Fábio (músico, brincante e produtor cultural), Joabe (músico e brincante), Zé Mário (Músico e brincante), Mestre João Paulo (Mestre do Maracatu Leão Misterioso de Nazaré da Mata), Mestre Zé Duda (foi Mestre do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança até 2015) e Mestre Antônio Roberto.

Pensamos em algo suave, porque as mulheres não vão aguentar correr daqui pra ali com o surrão, quando bater calor no meio da praça vai cair tudinho. O surrão é de madeira fina, com bucha e o sinos são menores, como toda a roupa. O chapéu também

⁶¹ Site da AMUNAM: <http://www.amunam.org.br>. Imagem do primeiro CD do Coração Nazareno: A Rosa do Maracatu. Gravado no estúdio Mestre Zé Duda do Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança, sítio Cha de Camara, Aliança, PE, em julho de 2007. Com o patrocínio do FUNCULTURA (Fundo de Incentivo a Cultura do Governo do Estado de Pernambuco). O segundo CD: Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata. Coleção Ponto de Cultura Engenho dos Maracatus foi lançado em dezembro de 2011, sob o patrocínio do Ministério da Cultura e secretaria da Cultura do Estado de Pernambuco.

⁶² Gravação do I CD “A Rosa do Maracatu” patrocinado pelo Governo do Estado Fundarpe/Funcultura – 2007.

foi maneiro, a gente fez com alumínio [o normal é com ferro] e com fitas. Não sei como estão fazendo, mas os primeiros foram com alumínio”⁶³.

Foram necessários ajustes e adaptações nas arrumações (indumentárias) das caboclas de Lança do Coração Nazareno, sem, contudo descaracterizá-las. Os responsáveis pelas modificações foram: Ederlan, Joabe e Zé Mário. O peso das arrumações das Caboclas de Lança foi reduzido de 30 kg para 18 kg. Outra característica das indumentárias é a cor rosa presente em toda a agremiação (nas roupas, no estandarte, nas cabeleiras etc.). Ederlan administrou as aulas de manobra (evolução dos maracatus) e ajudou na confecção das golas; Joabe ficou responsável pelo ensino da música, confecção das golas e manobras (VASCONCELOS, 2012, p.91). Segundo Ederlan, os maracatus tradicionais se preocupam com o padrão e o formato (desenhos e figuras) das golas, para, assim, gerar uma identidade. “Muitos maracatuzeiros se conhecem e sabem diferenciar um maracatu do outro”⁶⁴. Ederlan disse que levou essa preocupação para as mulheres. “Mostrando que é possível fazer cultura sem discriminação e ferir as tradições” (Fábio Guibu. FOLHA ONLINE. 12 de fevereiro de 2007), afirma Eliane. E completa: “Os homens achavam que nós não conseguiríamos, mas superamos todas as dificuldades”. (Fábio Guibu. FOLHA ONLINE. 12 de fevereiro de 2007)

“O Caboclo de Lança significa força” (MELO *in* NASCIMENTO, 2005, p.95) e uma das explicações é a sua indumentária possuir em torno de 30 kg. O tamanho da indumentária pode variar dependendo do tamanho do caboclo, pois nos Maracatus de Baque Solto existem várias faixas etárias. Foi criado em 1997, em Nazaré da Mata, um Maracatu Mirim chamado “Sonho de Criança”. Este Maracatu é composto por mais de 70 crianças entre 10 e 14 anos e tem a missão de manter viva a herança centenária do Maracatu de Baque Solto. Pude verificar no decorrer da pesquisa o quanto é errôneo atribuir ao peso da arrumação (indumentária) um limitador para as mulheres não brincarem nessa personagem.

Em 2012 conversei com Maria José Marques dos Santos, a primeira mulher que se vestiu de Cabocla de Lança. “Muita gente diz: isso é pesado, isso fere as costas. Mas a minha experiência foi boa, porque eu brinquei os três dias [...] brinquei domingo, segunda e terça”

⁶³ Entrevista concedida por Ederlan Fábio (Músico, brincante e produtor cultural) no Engenho Santa Fé, no dia 11 de junho de 2012, em Nazaré da Mata.

⁶⁴ Ederlan Fábio (Músico, brincante e produtor cultural) em entrevista concedida no Engenho Santa Fé, no dia 11 de junho de 2012, em Nazaré da Mata.

(VASCONCELOS, 2012, p. 70). Ela afirma que foi bem recebida pelos brincantes no Maracatu Leão Formoso de Nazaré da Mata, em 2004, cujo presidente na época era Pacheco. Relatos evidenciam que todos queriam ver de perto a primeira mulher cabocla em Nazaré da Mata. Atualmente, Maria José é presidente do Maracatu Leão da Mata Norte de Tracunhaém.⁶⁵

Outro ponto importante (relatado em quase todas as entrevistas) da composição das Caboclas de Lança, além do peso reduzido, é a necessidade de mostrarem que são mulheres brincando através de alguns elementos convencionados femininos pela sociedade, por exemplo, o batom. Segundo Eliane, “o batom é fundamental”⁶⁶ na composição dos personagens e em particular das caboclas. “É importante à vaidade feminina. Estar bem penteada e maquiada”.⁶⁷ Ela afirma que a ideia não é se transvestir de homens, mas poder brincar sendo mulher. E complementa, “O Coração Nazareno deixa a sua marca, a marca da mulher, ou seja, eu estou aqui e sei fazer. Eu estou inserida e conquistando o meu espaço. Eu estou aqui, me vejam”.⁶⁸ Esta visibilidade é o ponto principal do marketing do folguedo na mídia, proporcionando notável destaque.

O Caboclo de Lança é o símbolo do Maracatu de Baque Solto e figura de maior destaque. Sua arrumação (indumentária) foi criada para ser vestida por homens e é repleta de significados mágico/religiosos e sociais. Ele representa a força e a virilidade desses homens canavieiros. No caso do Coração Nazareno é o oposto, na busca de resignificar este personagem, elas afirmam que o propósito é demonstrar o brilho, a beleza e a leveza do Caboclo de Lança na brincadeira. “A gente mostra a leveza, o brilho. Ela bota um batom vermelho e realça a ‘boniteza’ da mulher, o maracatu fica bem mais leve”.⁶⁹ Mesmo possuindo novos elementos no Coração Nazareno, o

⁶⁵ Maria José Marques dos Santos fundou em 2012, junto com a sua família, o Maracatu Leão da Mata Norte de Tracunhaém. “O Maracatu Leão da Mata participou (em seu primeiro ano) com outros 36 maracatus rurais no grupo de acesso para o segundo grupo, e foi campeão.” (VASCONCELOS, 2012, p.71). Entrevista concedida por Maria na sua casa, no dia 11 de junho de 2012, em Tracunhaém.

⁶⁶ Entrevista concedida por Eliane Rodrigues de Andrade Ferreira (Presidente e coordenadora executiva da associação) na AMUNAM, no dia 4 de novembro de 2015, em Nazaré da Mata.

⁶⁷ Entrevista concedida por Eliane Rodrigues de Andrade Ferreira (Presidente e coordenadora executiva da associação) na AMUNAM, no dia 4 de novembro de 2015, em Nazaré da Mata.

⁶⁸ Entrevista concedida por Eliane Rodrigues de Andrade Ferreira (Presidente e coordenadora executiva da associação) na AMUNAM, no dia 4 de novembro de 2015, em Nazaré da Mata.

⁶⁹ Entrevista concedida por Mauricélia Lino da Silva (Trabalhadora da associação) na AMUNAM, no dia 11 de junho de 2012, em Nazaré da Mata.

Caboclo de Lança não deixou de ser visto como um personagem masculino entre a população e os brincantes.

“A presença das mulheres em funções tradicionalmente reservadas aos homens é apenas um dos sinais das transformações da cultura popular no novo milênio. Ao contrário da visão reacionária dos puristas, esse é um mundo – sempre – em transformação”. (Renato L. DIARIO DE PERNAMBUCO, 27 de novembro de 2006).

São muitas as oficinas oferecidas pela associação para a confecção das indumentárias do maracatu. Maria Ilda de Souza, foi uma das costureiras do Coração Nazareno, foi à idealizadora de um projeto aprovado de restauro do acervo de roupas e bandeiras do folguedo.

“A gente faz tudo com calma e carinho”.⁷⁰ Ela dava aulas de corte e costura e fazia todo o trabalho de organização junto com Marinalva, uma das principais líderes no Coração Nazareno. Esse cuidado com as roupas, que elas tanto falam, são bem visíveis antes, durante e depois das apresentações. Todas as mulheres que entrevistei afirmam que possui muito cuidado e higiene com as indumentárias, “ao contrário dos homens”. Elas associam ao fato de serem mulheres.

As temáticas das loas (canções), segundo Gilvanilda Maria da Silva (Mestra Gil)⁷¹, são sempre conversadas com as demais mulheres do grupo e outras são sugestões da Eliane. Segundo a Mestra⁷², no início, caminhar por entre os Mestres em um ambiente masculino não foi fácil. Ela já participou dos maracatus tradicionais, mas hoje, no Coração Nazareno, sente-se respeitada e orgulhosa diante dos homens. E complementa: “Mas, no começo, eu tinha que ouvir algumas coisas do tipo ‘lugar de mulher é na cozinha’” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 30 de maio de 2008). Podemos observar, na canção abaixo, algumas temáticas abordadas pela mestra Gil em parceria com o mestre Antônio Roberto:

“O maracatu rural significa nação
O caboclo folgazão manobrando no terreno
E o Coração Nazareno mora no meu coração
Mulher hoje se encontra pelo meio social
Deputada federal senadora competente

⁷⁰ Entrevista concedida por Maria Ilda de Souza (Costureira e uma das líderes do Maracatu Coração Nazareno), durante apresentação do Maracatu na cidade de Tracunhaén, dia 10 de fevereiro de 2015. Ilda faleceu em abril de 2016.

⁷¹ Entrevista concedida por Givanilda Maria da Silva (Mestra Gil) na AMUNAM, dia 9 de fevereiro de 2015, em Nazaré da Mata.

⁷² Entrevista concedida por Givanilda Maria da Silva (Mestra Gil) na sua casa, dia 18 de junho de 2012, em Catuama.

Só falta ser presidente do poder nacional
 Antes mulher só prestava pra lavar botar remendo
 Mas hoje já estão vendo mulher soprando apito
 Fazendo samba bonito do macho ficar roendo
 Não havendo educação a nação não se envolve
 Não é só jogo de bola que nos vai dar confiança
 Que o futuro da criança começa pela escola”.⁷³

As temáticas abordadas nas loas giram em torno de questões, como: valorização da mulher na tradição do Baque Solto (também em outros folguedos), a proteção das crianças e adolescentes, combate a violência contra a mulher, desigualdade de gênero e a afirmação da Mestra Gil diante dos demais Mestres⁷⁴. O Coração Nazareno trouxe para o Baque Solto uma nova abordagem para as loas, que tradicionalmente não colocam as mulheres em posição de destaque. Neste ponto, as canções diferem em relação às dos outros grupos.

“Olhe eu sendo mulher
 Dizem que eu canto muito bem
 Não tiro o meu chapéu
 Porque sou mestra também
 O homem tem que aprender
 A respeitar a mulher
 Ela hoje faz o que quer
 Macha samba com fartura
 Rima galope bem feito
 Toque de apito perfeito
 Que tudo isso é cultura”.⁷⁵

A mestra Gil ainda não participa das disputas com os outros mestres, ou seja, as sambadas. Alguns maracatuzeiros a considera ainda “verde” para tais disputas, gerando certa controvérsia quanto ao seu título, pois é necessário vencê-las para ser reconhecida diante da população. Porém, ela é a personagem que carrega o bastão, o apito e improvisa as loas, então, é a Mestra.

⁷³ Ver anexo 5 – Trecho da Loa (canção) “Filha de Nazaré”.

⁷⁴ Ver anexo 5 das letras das loas do Maracatu.

⁷⁵ Ver anexo 5 – Trecho da loa (canção) “Minha pisada é assim”.

Foto 9 – Mestra Gil e o Terno no Carnaval de Condado em 2015



Fonte: Tamar Thalez

O Coração Nazareno não é um maracatu de terreiro e difere dos demais por não possuir sambadas ou ensaios. Os únicos elementos do maracatu que costumam fazer ensaios são: o Terno, as Musicistas e a Mestra (afinando os instrumentos e testando as loas). Segundo Salatiel Cícero, “o Coração Nazareno não possui as mesmas motivações e objetivos que os outros folguedos”⁷⁶. Um exemplo são as suas loas, direcionada para as necessidades das mulheres. Então, o período pré-carnavalesco é voltado para a sua organização interna (inscrição em editais públicos, captação de recursos, confecção das indumentárias e a divulgação na mídia).

Muitos brincantes ainda não as consideram como um “Maracatu de verdade”, principalmente os mais velhos. Alguns fatores relevantes para esta rejeição é a ausência dos rituais religiosos ligados ao sincretismo afro-indígena e das sambadas feitos nos terreiros. Algumas mulheres afirmaram, em entrevistas coletadas entre 2010 e 2012 na AMUNAM, que o Maracatu Coração Nazareno não possui nem religiosidade e nem sambadas⁷⁷ porque é um maracatu “alegórico”. Porém, segundo os relatos recolhidos em 2015, algumas mulheres prestam obrigações religiosas de forma independente e a Calunga (boneca)⁷⁸ começou a ser rezada em 2013 pela Dama do

⁷⁶ Entrevista concedida por Salatiel Cícero (Jornalista e produtor artístico do Maracatu Coração Nazareno) na AMUNAM, dia 23 de outubro de 2015, em Nazaré da Mata.

⁷⁷ As sambadas são classificadas em dois tipos: sambada de terreiro ou ensaio e sambada pé de parede ou desafios entre dois mestres de maracatus diferentes. Ambas as sambadas possuem vários mestres presentes. Relato coletado em Maio/2015 com o Mestre Anderson do Maracatu Cambinda Brasileira. Atualmente, Anderson é o Mestre do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança.

Paço⁷⁹, que brinca até hoje. É importante levar em consideração que a religiosidade está diretamente relacionada aos Maracatus de Baque Solto, porém o Coração Nazareno possui mulheres de diferentes orientações religiosas.

Foto 10 – Márcia Fernanda e Rita de Cássia (Damas do Paço)
no Carnaval da cidade de Itaquitinga em 2015



Fonte: Tamar Thalez

Em 2015 o Coração Nazareno desfilou com duas Damas do Paço. Esta novidade chamou a atenção de muitos brincantes pelo fato delas possuírem duas bonecas. Segundo Eliane Rodrigues, a motivação foi da pequena Rita que queria sair fantasiada igual à mãe. A Dama do Paço, Márcia Fernanda, calça (dar banho de ervas) as duas bonecas em rituais religiosos. A questão religiosa é pouco falada entre as mulheres, mas segundo Josicleide Dias Vieira Bahé, a Mestra Cabocla⁸⁰, algumas mulheres fazem os rituais de calço e rezam as bonecas. “Esses rituais acabam protegendo todo o grupo”.⁸¹

⁷⁸ Ver glossário dos personagens

⁷⁹ Ver glossário dos personagens.

⁸⁰ Ver glossário dos personagens.

⁸¹ Entrevista concedida por Josicleide, também chamada por Cleide (Mestra Cabocla do Maracatu Coração Nazareno e ajuda na feitura das roupas), no dia 6 de novembro de 2015 na AMUNAM, Nazaré da Mata.

Foto 11 – Apresentação do Maracatu Coração Nazareno na cidade de Condado em 2015



Fonte: Tamar Thalez

A estrutura do Coração Nazareno é igual a dos Maracatus tradicionais. Possui todos os elementos, são eles: na frente do Maracatu (as personagens populares): a Catirina ou Catita, o Mateus, a Burrinha ou Burra Calu e a Caçadora; no miolo: a Corte, a Boneca ou Calunga, a Dama do Paço, as Baianas, a Bandeira, a Bandeirista, as Arreimar ou Caboclas de Pena; na trincheira que envolve o miolo estão posicionadas as Caboclas de Lança e atrás do cortejo estão: a Mestreira, o Terno e as Musicistas.⁸² Atualmente, o Maracatu possui 72 mulheres e meninas brincantes.⁸³

O “miolo” é o espaço onde as personagens femininas aparecem e por isso é onde as mulheres atuam nos maracatus tradicionais. São posições ditas femininas por corresponderem às personagens das Baianas, Rainha, Dama do Paço e Índias. A única personagem feminina que ainda é composta por homens transvestidos é a Catita. A Catita ou Catirina é uma personagem engraçada e encarregada de informar ao público a chegada do Maracatu. Com trejeitos bastante ousados, ela cai no chão com as pernas para cima, rir alto, faz careta e brinca com o público.

⁸² Ver anexo 2 dos personagens. Neste contexto, coloquei os nomes das personagens no feminino.

⁸³ Ver anexo 3 do quadro do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata.

Neste caso, estas características pode ser uma hipótese da permanência dos homens nessa personagem.

Em 2013 a AMUNAM e o Maracatu Coração Nazareno receberam o título de Patrimônio Histórico Material e Imaterial de Nazaré da Mata, com registro no Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan). O reconhecimento foi dado após pesquisa realizada pela Fundação Apolônio Sales, Compesa e Universidade Federal Rural de Pernambuco, para amostra da pesquisa sobre os registros dos Bens Patrimoniais de Nazaré da Mata. (Jornal trimestral da AMUNAM – ano 9 – N°23 – dezembro/2012, p. 4) “Esta é mais uma conquista e alegria para a equipe que a cada dia busca trabalhar com amor, responsabilidade, dignidade e transparência, declara emocionada, a idealizadora da AMUNAM”. (Jornal trimestral da AMUNAM – ano 9 – N°23 – dezembro/2012, p.4)

Elas são vistas como “esforçadas” por alguns maracatuzeiros que coversei. Esse maracatu ainda não causa reais modificações na tradição patriarcal do folguedo. Porém, o Coração Nazareno abre um importante parêntese na história das mulheres que compartilham a brincadeira do Baque Solto. É notável o comprometimento delas. A todo o instante “querem mostrar” que “sabem fazer” e que “fazem bonito” para o público e principalmente para os homens folgazões. Segundo Marinalva, “é a questão do desafio!”⁸⁴ No próximo capítulo trarei estas questões nas observações que fiz ao longo da jornada carnavalesca empreendida pelo Coração Nazareno.

⁸⁴ Entrevista concedida por Marinalva Isabel de Freitas na AMUNAM (Costureira da associação e uma das líderes do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata), no dia 28 de Janeiro de 2015, em Nazaré da Mata.

5. A JORNADA CARNAVALESCA DE UM MARACATU DE MULHERES

Nos últimos 12 anos o Coração Nazareno tem se destacado na Região da Mata Norte, principalmente nas festividades carnavalescas, com seu “brilho” e “beleza”. Esse Maracatu é uma das formas mais evidentes que a AMUNAM encontrou para levar à feminilidade⁸⁵ a um ambiente formado prioritariamente por homens e que expressa masculinidade.

“Alguns grupos, por exemplo, trazem na bandeira do Maracatu mais de uma ‘bandeira’. Em Nazaré da Mata, dois grupos fazem parte de ‘movimentos sociais’: o Maracatu Leão dos Sem Terra, criado num assentamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) em 1999, (MEDEIROS, 2005, p.173) e o Maracatu de Mulheres Coração Nazareno, criado [...], pela Ong. AMUNAM, que atua na região, em defesa dos direitos da mulher. Conforme uma das jovens tocadoras do terno disse: ‘Aqui não tem esse negocio de religião, não, esse é um Maracatu Social’”. (CHAVES, 2008, p. 60)

A bandeira desse maracatu traz outra “bandeira”, como aponta Roseana Borges Medeiros (2005). Essa “bandeira” diz respeito ao principal objetivo do Coração Nazareno, que é inserir a mulher na brincadeira. Estar em meio às mulheres do Coração Nazareno, aos mestres e a população de Nazaré da Mata durante a pesquisa de campo, mostrou-me o quão desafiadora é essa pesquisa envolvendo um Maracatu que ainda divide muitas opiniões sobre a sua formação, propósito, movimentação e finalidade. “Com isto, levantam a bandeira para diminuir o preconceito cultural e social, tanto o maracatu quanto sobre o espaço da mulher nesta brincadeira” (Mulher Cidadã, ano 10, nº 24, Janeiro/Maio de 2013).

O Coração Nazareno possui uma proposta diferenciada. Igual aos outros, ele manifesta a cultura do Baque Solto com todos os personagens, brincadeiras e manobras. Porém, ele busca prioritariamente enaltecer a mulher através dos tópicos envolvendo educação, saúde, meio ambiente, cidadania etc. Enquanto mulheres da Zona Rural da Mata Norte, elas buscam imprimir as suas particularidades, são sujeitos atuantes e não passivas.

Além de trazer uma mistura de dança, música e poesia (comuns entre os Maracatus dessa categoria), esse Maracatu de mulheres ressignificam alguns elementos, como, por exemplo, o Caboclo de Lança, trazendo as suas feminilidades a um personagem tipicamente masculino. A diversão era associada à brutalidade, violência, bebedeira e masculinidade. A fim de pacificar

⁸⁵Ao falar em subjetividades femininas, utilizo Ortner (2007).

a brincadeira, a Associação dos Maracatus de Baque Solto proibiu as brigas, incentivando a entrada das mulheres e crianças. Neste caso, é mais um ponto importante, pois, nas narrativas sobre o folguedo, a entrada das mulheres e crianças foi uma exigência da Federação Carnavalesca de Pernambuco. Para muitos maracatuzeiros, o fim das brigas tem relação direta com a presença das mulheres e crianças na brincadeira.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão (2007), “tudo é movimento em qualquer tipo de cultura” (BRANDÃO, 2007, 38), ou seja, está a todo o momento recriando-se. Quando observamos de fora, a estrutura básica de um maracatu de Baque Solto é a mesma, porém esses artistas que lidam com a dança, o canto, a vestimenta, modificam continuamente aquilo que aprenderam a fazer. Esta tradição vem sofrendo notáveis modificações, a perceber pelas mulheres e crianças compondo o seu quadro. Assim, o Baque Solto vem transformando-se e dando origem a inúmeras variantes.

Longe de ser neutra, busco neste capítulo explicar um pouco do percurso do Coração Nazareno em sua “jornada” anual. Quando falo em “longe de ser neutra”, aponto para o meu envolvimento emocional com a tradição do Baque Solto. “La idea de la neutralidad del investigador es la expresión de una ingenuidad, pues se trata de un rol construido” (GHASARIAN, 2008, p.21). Neste caso, Christian Ghasarian aponta para a relação do antropólogo com o seu saber.

Esse capítulo está dividido em três partes intitulado por mim como “Jornada” (jornada que vivi durante a minha experiência no Coração Nazareno). Fiz essa divisão para melhor dispor os dados e facilitar a escrita sobre esse maracatu tão peculiar na categoria do Baque Solto.

O “Pré-Carnaval: a organização” corresponde à etapa da construção do folguedo que começa em meados de setembro, mas que na prática dura o ano inteiro. É um período particular por não possuir rituais religiosos, sambadas e ensaios atrelados a ele. Nesse caso, modificando o rumo da escrita tão comum nas demais literaturas sobre o Baque Solto. Mesmo possuindo meninas e mulheres que fazem o resguardo religioso antes de brincar (por uma questão pessoal), esse folguedo possui o foco no espetáculo das apresentações do Carnaval.

O “Carnaval: as apresentações itinerantes”, diz respeito à caminhada do Coração Nazareno durante esse período que foi do dia 15 ao dia 17 de fevereiro. Ele costuma percorrer alguns palcos da Zona da Mata Norte e do Grande Recife. Neste contexto, irei falar sobre as

apresentações que pude acompanhar e, de forma geral, como se organizam nesses três dias de carnaval.

O “Pós-Carnaval: as atividades realizadas pelo Maracatu ao longo do ano” são condizentes as possíveis atividades que o Coração Nazareno desenvolve nas datas fora do ciclo Carnavalesco. Esse Maracatu vem tomando importante destaque na mídia Nacional e ampliando as suas atividades ao longo do ano. Hoje em dia, muitos maracatus se apresentam fora do ciclo carnavalesco, muitas vezes por conta dos incentivos financeiros.

De forma geral, busco ser breve em minhas explanações para melhor explicitar a dinâmica desse maracatu que foge aos moldes dos demais, demonstrando ser uma clara “variação” dentro da tradição do Baque Solto. “Esse maracatu foi pensado para elas e por elas”⁸⁶, diz Eliane Rodrigues. Então trarei nessa pesquisa elementos que traduzem os sentimentos e anseios dessas mulheres.

5.1. O PRÉ-CARNAVAL: A ORGANIZAÇÃO INTERNA

Foto 12 – mulheres bordando duas golas na oficina de produção do Maracatu Coração Nazareno (da esquerda para a direita: Antônia Ferreira, Marília Kelle, Josicleide Vieira, Marcia Fernanda e Denise Maria)



Fonte: foto de divulgação do Coração Nazareno⁸⁷

⁸⁶ Entrevista concedida por Eliane Rodrigues de Andrade Ferreira (Presidente e coordenadora executiva da associação) na AMUNAM, no dia 4 de novembro de 2015, em Nazaré da Mata.

⁸⁷Site Cultura.pe: <http://www.cultura.pe.gov.br/canal/carnaval/maracatu-coracao-nazareno-entre-as-atracoes-do-sabado-no-recife/>

“De maneira geral, os Maracatus têm um dono e um presidente, e um ou mais diretores, que se dividem nos trabalhos administrativos. Cada grupo de Maracatu tem uma diretoria que se organiza de forma específica”. (CHAVES, 2008, p.46).

Segundo Suiá Omim Arruda de Castro Chaves (2008) essas especificidades são importantes na dinâmica dos maracatus. O Coração Nazareno não possui um dono, presidente ou diretores, mas, sim, uma equipe de colaboradores, cada qual em sua função. Como já explicitado no capítulo anterior, esse Maracatu foi criado por uma associação de mulheres que possui uma diretora executiva, Eliane Rodrigues. A oficina de produção tem total liberdade concedida por Eliane Rodrigues nas ideias das roupas e na confecção. De modo geral, toda a AMUNAM mobiliza-se para a organização e preparação do folguedo, revezando-se nos dias do Carnaval. São atividades que ocorrem no interior da Associação das Mulheres de Nazaré da Mata. Segundo Lucicleide Maria da Silva, “todo mundo se mobiliza, seja na roupa, na ornamentação, no ensaio com o terno. Discutimos tudo juntas. A AMUNAM mobiliza-se toda”⁸⁸. Para Salatiel, “hoje, a grande preocupação é a manutenção do Maracatu. É um grupo que a cada ano sai bonito, mas tem um custo. Tanto o custo físico quanto o custo pessoal”⁸⁹.

No decorrer das minhas investigações, identifiquei duas importantes etapas na organização desse folguedo, são eles: “a oficina de produção: as indumentárias” e “a produção artística”.

5.1.1. A oficina de produção: as indumentárias

A confecção das indumentárias do folguedo ocorre na oficina de produção, bordando e confeccionando o ano inteiro para os três dias de carnaval. Predominantemente nas cores rosa e lilás, elas vão imprimindo um particular “colorido” e “beleza”. Esteticamente, buscam a perfeição em cada bordado. Elas atribuem essa “dedicação” e “capricho” ao fato de serem mulheres. As responsáveis pela costura e organização da oficina são: Marinalva e Hilda. Segundo Marinalva, “A gente trabalha o ano todinho: tira franja da gola, bota franja, depois sai

⁸⁸ Entrevista concedida por Lucicleide Maria da Silva (Produtora cultural, musicista, toca surdo no terno no Maracatu, Tarol do grupo Flores do Coco e trabalha na radio Alternativa FM) na AMUNAM, no dia 26 de outubro de 2015, em Nazaré da Mata.

⁸⁹ Entrevista concedida por Salatiel Cícero (Jornalista e produtor artístico do Maracatu Coração Nazareno) na AMUNAM, dia 23 de outubro de 2015, em Nazaré da Mata.

pregando, bota pra lavar, secar. Faz reparo, conserta, repõe lantejoula, troca manga, mexe na passamanaria. Bota cheirinho, bolinha para não mofar.”⁹⁰ Hilda complementa: “Quando a roupa não é nova, aparenta ser, gerando inveja e muita cobiça entre os outros maracatus”⁹¹.

As roupas do Maracatu Coração Nazareno bem como a Bandeira são trocadas a cada dois anos, exceto as golas dos Caboclos de Lança. O estilista responsável pelo desenho das roupas é Luciano, que reside em Buenos Aires, município localizado próximo a Nazaré da Mata. Segundo Hilda, ele prefere desenhar para o Coração Nazareno, pois gosta dos resultados. Apenas não são produzidos na oficina: os surrões, as lanças e os chapéus dos Caboclos de Lança e de Pena. Segundo Marinalva, Josicleide Dias Vieira Bahé (Mestra Cabocla) e Rozinete Maria do Nascimento (Arreimar ou Cabocla de Pena) sabem confeccionar os chapéus, mas ainda necessitam da ajuda dos homens na amarração dos arames da estrutura interna. “O Chapéu a gente ainda esta engatinhando com Rosinete e Josicleide. Falta uma oficina e um instrutor para a gente se aperfeiçoar mais, porque o restante a gente já faz”⁹². Pude observar que o Coração Nazareno, desde a sua fundação, ainda recebe ajuda de alguns homens maracatuzeiros e, conseqüentemente, são acolhidas por eles.

Na oficina de produção são oferecidos cursos de corte, costura e de artesanato. O projeto que visa colaborar para a profissionalização das mulheres envolvidas é o “Mulheres do Maracatu Rural: vencendo paradigmas e fortalecendo as raízes da cultura popular”⁹³. Aprendem a cortar, riscar, bordar as golas das Caboclas de Lança, produzem miniaturas de caboclas, baianas, damas e bandeiras do Maracatu etc. Esses cursos possibilitam a feitura e a venda desse material. As aulas foram ministradas por Hilda e Marinalva.

⁹⁰ Entrevista concedida por Marinalva Isabel de Freitas (Costureira da associação e uma das líderes do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata e Rei) na AMUNAM, no dia 29 de janeiro de 2015, em Nazaré da Mata.

⁹¹ Entrevista concedida por Maria Hilda de Souza (Costureira e produtora do Maracatu Coração Nazareno) na AMUNAM, no dia 29 de janeiro de 2015, em Nazaré da Mata.

⁹² Entrevista concedida por Marinalva Isabel de Freitas na AMUNAM (Costureira da associação e uma das líderes do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata e Rei), no dia 16 de fevereiro de 2015, em Nazaré da Mata

⁹³ Projeto que visa à manutenção do Maracatu Coração Nazareno através de variadas oficinas de artesanato, confecções das indumentárias, restauro etc. Também colabora para a profissionalização das mulheres envolvidas.

5.1.2. A produção artística

Os responsáveis pela produção artística do Coração Nazareno são: Salatiel Cicero (Jornalista e produtor cultural) e Lucicleide Maria da Silva (Produtora Cultural, toca Surdo no terno do Maracatu e ensaia as meninas). A produção artística gira em torno das inscrições nos editais públicos para as apresentações, publicidade, divulgação na mídia, inscrição das meninas e mulheres, organização do terno etc. A AMUNAM possui uma equipe muito estruturada, colaborando para o pleno funcionamento do folguedo, diz Salatiel.

Lucicleide é incumbida das inscrições das meninas e mulheres no Coração Nazareno, de negociar as apresentações nas cidades circunvizinhas e de ensaiar o terno antes das apresentações. Ela convida as meninas e incentiva a participarem do Coração Nazareno e afirma que este maracatu veio fortalecer a oportunidade da mulher ingressar na cultura. Assim, ela utiliza muito essas palavras em seus discursos para estimular as meninas a participarem da brincadeira.

No caso de Salatiel, ele é responsável pela divulgação do Maracatu na mídia, publicidade e por ficar de olho nos editais públicos para não perder as inscrições do Carnaval. A AMUNAM possui uma equipe de produtores culturais que, através dos editais, garantem a vaga do Maracatu nos eventos. Muitas vezes, passando na frente de outros maracatus que não possuem habilidades para lidar com as burocracias e/ou mexer em computadores. “O edital tem que ter a ver com a nossa realidade”⁹⁴. O Coração Nazareno não participa das disputas de carnaval, como já dito, essas exigências seriam uma boa visibilidade, estrutura e retorno financeiro.

5.2 O CARNAVAL: AS APRESENTAÇÕES ITINERANTES PELA ZONA DA MATA NORTE E GRANDE RECIFE

O Maracatu Coração Nazareno empreende uma grande jornada carnavalesca, apresentando-se nos palcos das cidades da Zona da Mata Norte e nos pólos Carnavalescos do Grande Recife. Por traz de 15 a 20 minutos de apresentação há muito trabalho e muita gente envolvida. O

⁹⁴ Entrevista concedida por Salatiel Cícero (Jornalista e produtor artístico do Maracatu Coração Nazareno) na AMUNAM, dia 23 de outubro de 2015, em Nazaré da Mata.

Carnaval é o momento ápice, em que o folguedo deve estar “completo”, “caprichado” e “bonito”. É o momento das evoluções (apresentações) pelas ruas. O Maracatu é um misto de compromisso e lazer.⁹⁵

“As grandes responsabilidades dentro do Maracatu obviamente são concedidas, não apenas pela posição/função das pessoas dentro da brincadeira, mas por uma figuração específica de cada grupo, que se liga a história, organização e circularidade de pessoas no brinquedo” (CHAVES, 2008, p.46)

Chaves (2008) aponta para um ponto bastante relevante ao estudarmos os grupos de Maracatus de Baque Solto, que são as suas especificidades. No Caso do Coração Nazareno, venho abordando, principalmente, as suas singularidades, pela contribuição que estas trazem a uma manifestação cultural, logo evidencio as representações sociais das brincantes no Coração Nazareno, ou seja, não procurei uma verdade absoluta e nem congelá-las dentro do contexto da tradição (GEERTZ, 2013). Das muitas idas e vindas nessa pesquisa, pude perceber a importância que estas “variações” trazem a cultura popular, nesse caso, ao Baque Solto.

O Coração Nazareno não participa das tradicionais disputas do Carnaval, imprimindo uma aura diferenciada ao folguedo. Mesmo não compartilhando os jogos das disputas (tão comum entre os outros Maracatus durante o carnaval e além dele)⁹⁶, elas não deixam de vivenciar possíveis “tensões” referentes a “gênero”. Ao dividirem esse espaço tipicamente masculino elas trazem mais este elemento à tradição do Baque Solto, que são as possíveis tensões entre um Maracatu de Mulheres e os demais compostos por homens e mulheres.

Além da proibição de contato sexual ou resguardo (o tempo vai de pessoa para pessoa: 7 dias, 15 dias, um mês), existe uma separação dos espaços masculinos e femininos na brincadeira. Segundo as narrativas sobre a tradição⁹⁷, as mulheres não podem tocar nos objetos, fantasias e nem no corpo do Caboclo de Lança. Essas recomendações redobram quando se trata de namoradas e esposas, sob o risco do Caboclo se prejudicar. “Gênero fisicamente ausente, mas

⁹⁵ Apesar desse trabalho de Magnani (1984) tratar do lazer no contexto urbano, que na época da sua publicação foi percebido como inovação na área da antropologia, pois pensou o pobre para além de questões trabalhistas. Desse modo, essa etnografia procura pensar o lazer no contexto rural.

⁹⁶ Ver NASCIMENTO (2005), SILVA (2012), VICENTE (2005) etc.

⁹⁷ VIEIRA (1999); CHAVES (2008) e VASCONCELOS (2012).

simbolicamente onipresente e negativo” (WACQUANT, 2003, p.87 in CHAVES, 2008, p. 89). Conduzindo a uma problemática contemporânea dentro do Maracatu, segundo Chaves (2008).

O Maracatu de Baque Solto é um mundo complexo, masculino, cheio de segredos, evoluções e manobras. Essa masculinidade é expressa através da força de braveza, impulsionando as disputas entre eles, seja no enfrentamento físico, na poética ou na beleza. O Coração Nazareno encontra-se nesse contexto complexo masculino trazendo consigo as particularidades do feminino⁹⁸.

“Tudo na natureza é potencialmente riqueza. Essa riqueza só é possível com o trabalho do homem e da mulher. Elas fazem parte desse contexto, vivenciando as formações e transformações em seu espaço social. Compartilham as tradições e ajudam a recriá-las, mesmo antes de fazer parte do maracatu, antes de ele tomar a forma que conhecemos hoje” (VASCONCELOS, 2012, p. 61)

Como já venho pontuando, o Maracatu de Baque Solto é o resultado desse feminino e masculino, pois essa manifestação só é possível com o trabalho dos homens e das mulheres. O bordado de uma gola, a costura de uma saia, as negociações para o carnaval, a busca de recursos financeiros, a alimentação para os dias de Carnaval, os rituais religiosos, um verso improvisado, as conversas nas praças etc. São elementos da dinâmica desse folguedo popular⁹⁹.

Os locais visitados pelo Maracatu Coração Nazareno no Carnaval 2015 foram: Buenos Aires, Casa Amarela (Recife), Lagoa de Itaenga, Nazaré da Mata (Encontro dos Maracatus Rurais de Baque Solto), Condado, Itaquitinga, Tracunhaém, Três Carneiros - Corredor Comunitário (Jaboatão dos Guararapes), Nazaré da Mata (Encerramento). Ocorrendo também antes das datas oficiais (como no caso do Bairro do Recife). Das apresentações no Carnaval, estive presente nos seguintes municípios: Nazaré da Mata, Condado, Itaquitinga, Recife, Alto três Carneiros (Jaboatão) e Tracunhaém. As apresentações do Maracatu ocorrem em diversas situações, em contextos distintos, durante o Carnaval. Elas seguem o roteiro dos contratos firmados e buscam as melhores condições financeiras para se apresentarem.

Subdividi esse tópico em quatro etapas, são elas: “na sede”, “no ônibus”, “na fila” e “nos desfiles”. Segui este esquema por serem momentos de intervalos entre uma cidade e outra, entre

⁹⁸ Essa questão sobre ser homem e ser mulher já vem sendo bastante discutido pela antropologia, como podemos observar no clássico “Padrões de Cultura” de BENEDICT (1934).

⁹⁹ Sobre dinâmica Cultural, reporte-me a CANCLINI (2008).

colocar e retirar a fantasia, subir e descer do ônibus etc. Até o propósito final, que são os desfiles. Nesse contexto, existem momentos de muita descontração e alegria como também muito foco e seriedade nos olhos atentos das mulheres do Coração Nazareno.

As diversas atividades, necessárias para brincar o Carnaval, são feitas de muito trabalho, relações, disposições, dedicação, brigas, energia e paixão. A tensão e a expectativa marcam o início do ciclo Carnavalesco, cuja jornada é longa¹⁰⁰. O fato de estarem há 12 anos ocupando esses espaços durante o carnaval dão a elas uma grande “ vaidade” e “orgulho”, como pude notar em minhas observações e entrevista.

5.2.1. Na sede

Foto 13 – Vanessa Vieira maquiando Josivânia Ferreira na AMUNAM na terça-feira de Carnaval em 2015



Fonte: Tamar Thalez

¹⁰⁰ O Antropólogo Roberto da Matta (1997) faz uma análise sobre o Carnaval que retrata como algo pertencente à cultura do brasileiro do modo a tratar tal temática de maneira geral. No entanto, o meu foco sobre o carnaval traduz a um contexto particular das brincantes do coração Nazareno.

O espaço que abriga o brinquedo e a brincadeira é chamado de sede, terreiro ou barraca. É também onde é produzido, fica guardado ou em manutenção o conjunto de objetos e artefatos de um Maracatu de Baque Solto. No caso do Coração Nazareno, é um pouco diferente. Ele não possui uma sede no formato dos demais, pois reside na Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM). No Carnaval, esses objetos e artefatos (roupas, guiadas, surrões, instrumentos musicais, bandeira etc.) são “animados” pelas brincantes e “colocados” nas ruas.

A sede é o primeiro espaço de convivência das mulheres do Coração Nazareno durante os três dias de Carnaval. Verifiquei vários motivos que movem essas mulheres nessa jornada carnavalesca, dentre eles: sentirem-se mais a vontade em um maracatu de mulheres, paixão pela brincadeira, um maracatu que não tem bebida e o orgulho em compor o único Maracatu de Baque Solto feminino. Cumprindo os contratos carnavalescos, elas buscam imprimir a “beleza” e à “leveza” a uma brincadeira de origem masculina.

A travessia desse maracatu é vivida com grande expectativa. A sede do Maracatu é onde tudo começa e termina. Entre algumas apresentações e outras elas retornam a sede para descansar, almoçar e dormir. Nestes momentos, conversam sobre as apresentações, pontuando o que saiu bom e o que precisa ser ajustado. As principais exigências são: “não beber”, “pontualidade”, “compromisso”, “cuidado com as roupas” e “solidariedade”. É uma mistura de diversão, amizade, cansaço, êxtase e, em alguns momentos, tensão. Cada vez mais é exigido profissionalismo nos Maracatus de Baque Solto e no Coração Nazareno não seria diferente.

“Não beber” é uma das principais exigências do Maracatu Coração Nazareno. Elas explicam que isso se deve a importância de manter a ordem na brincadeira e evitar dispersão das meninas durante o Carnaval. “Muitas iam para os blocos e acabavam esquecendo o compromisso com o Maracatu”¹⁰¹. As bebedeiras são muito presentes na tradição do Baque Solto. Beber “cana” é visto como forma de sociabilidade entre os maracatuzeiros, como também estimula a exaltação de uma masculinidade marcadamente agressiva. Uma bebida recorrente nas narrativas sobre o Baque Solto é o “Azougue”¹⁰². Essa bebida é uma mistura de cana, ervas, limão e pólvora. Uma espécie de ópio popular, que deixava os folgazões “azougados”, ou seja, “exaltados”.

¹⁰¹ Entrevista concedida por Marinalva Isabel de Freitas na AMUNAM (Costureira da associação e uma das líderes do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata), no dia 16 de fevereiro de 2015, em Nazaré da Mata.

¹⁰² VICENTE (2005), SILVA (2012), Bonald Neto (1961, 1965, 1972) etc.

Logo cedo, Maria Ferreira dos Santos (Mariinha) prepara o café da manhã e os lanches que serão levados para as apresentações. Ela faz parte da AMUNAM desde a sua fundação e diz ter uma função importante, que é alimentar o grupo. Segundo Mariinha, “eu mantenho o maracatu de pé”¹⁰³. Ela nunca brincou porque se preocupa com a alimentação do pessoal. E complementa: “Eu não confio em outra pessoa encarregada dessa função. A comida tem que ser forte para dar sustança ao grupo”. De forma geral, a comida é um fator muito importante na organização dos Maracatus de Baque Solto, pois é o que dá força aos maracatuzeiros durante a jornada carnavalesca.

A movimentação para a retirada das indumentárias da oficina de produção é administrada por: Marinalva Isabel de Freitas (Costureira e Rei), Josicleide Dias Vieira Bahé (Mestra Cabocla)¹⁰⁴, Antônia Maria Ferreira (Cabocla de Lança) e Hilda Maria Josefa Souza (Costureira e produtora do Maracatu)¹⁰⁵. Possuem uma espécie de liderança no brinquedo, organizando as meninas. Logo cedo, as arrumações dos caboclos, vestidos das baianas e indumentárias dos demais personagens, são dispostas no pátio da AMUNAM, estendidos nas gramas e nas árvores para tomar Sol. Elas afirmam que as roupas do Coração Nazareno estão sempre “limpas” e “cheirosas” porque existe um “cuidado” muito grande na lavagem e na secagem. Segundo Marinalva, “os homens não tem esse cuidado”.¹⁰⁶ E complementa: “procuramos sair bonitas, temos o cuidado com a limpeza, porque os homens geralmente passam os dias de Carnaval sem tomar banho. Buscamos ser mais organizadas, está aí o grande diferencial do Coração Nazareno”.¹⁰⁷ Estas atividades configuram como uma extensão de práticas referentes ao dia a dia dessas mulheres¹⁰⁸.

¹⁰³ Mariinha, cozinheira da AMUNAM. Além do Café da manhã, ela prepara todas as refeições e lanches para o grupo.

¹⁰⁴ Também chamada de Cleide.

¹⁰⁵ Ilda foi minha interlocutora da pesquisa anterior e da presente pesquisa. Ela faleceu em abril de 2016. Foi costureira e uma das produtoras e organizadoras do Maracatu Coração Nazareno. Foi colaboradora da AMUNAM desde 2007.

¹⁰⁶ Entrevista concedida por Marinalva Isabel de Freitas na AMUNAM (Costureira da associação e Rei do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata), no dia 28 de janeiro de 2015, em Nazaré da Mata.

¹⁰⁷ Entrevista concedida por Marinalva Isabel de Freitas na AMUNAM (Costureira da associação e Rei do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata), no dia 28 de janeiro de 2015, em Nazaré da Mata.

¹⁰⁸ Quando menciono extensão de práticas referentes ao dia a dia dessas mulheres aponto Clyde-Mitchell (1956) e De Certeau (2009) para expor um pouco dessa abordagem.

Uma das responsáveis por maquiar e arrumar as meninas é Vanessa Cristina Vieira dos Santos (Arreima ou Cabocla d Pena / Imagem 15). Ela explica sobre o “cuidado com a boa aparência” das meninas e mulheres. Para as mulheres do Maracatu, este é um importante componente de feminilidade¹⁰⁹. Segundo Vanessa “é importante mostrar a beleza da mulher”¹¹⁰. Neste caso, a maletinha de maquiagem é um objeto fundamental, ela esta sempre circulando pela sede antes da saída do maracatu. Eliane Rodrigues afirma que não são todas as meninas que gostam, mas sempre que possível incentiva. “Existe um grande respeito quanto a isso”¹¹¹, diz Antônia.

A mídia nacional e os jornais locais possuem um grande interesse pelo Maracatu Coração Nazareno. Verifiquei, nos dias de carnaval, uma intensa movimentação de repórteres na sede. Quem fazia o intermédio era Salatiel Cicero, que recebia as equipes jornalísticas e cineastas interessados em fazer gravações e saber mais sobre esse maracatu. Segundo as mulheres do Coração Nazareno, essa visibilidade não é vista com bons olhos por muitos maracatuzeiros, que afirmam que elas possuem muitos privilégios financeiros e maior destaque na mídia.¹¹²

Nessa travessia carnavalesca, é possível levar em consideração que verifiquei alguns momentos pontuais de tensão entre algumas mulheres, como: atrasos e o manuseio relaxado de algumas meninas com as roupas. São pontos que elas encaram como falta de compromisso.

Importante verificar que a maioria das integrantes desse maracatu nunca brincou em outros maracatus por falta de interesse na tradição. O Coração Nazareno tornou-se uma espécie de filho, algo que elas levam como um importante amuleto de realização e prazer. Percebia esse sentimento entre elas nas conversas durante as pausas na sede.

¹⁰⁹ Quando trato das feminilidades das mulheres do Coração Nazareno, reporto-se a luz de ORTNER (2007), quando vê a subjetividade com a base da agência. “Agency não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente construídos)” (p.4)

¹¹⁰ Entrevista concedida por Vanessa Cristina Vieira dos Santos durante uma apresentação em Condado. Educadora da AMUNAM, Dançarina do grupo Flores do Coco e Arreimar do Maracatu Coração Nazareno, no dia 17 de fevereiro de 2015, em Nazaré da Mata.

¹¹¹ Entrevista concedida por Antônia Maria Ferreira na AMUNAM. Brinca de Cabocla de Lança no Maracatu Coração Nazareno. Sua filha, Ryllawre, também brinca de Cabocla de Lança e é a única criança vestindo esse personagem.

¹¹² VICENTE (2005) trata sobre o maracatu na mídia e a sua espetacularização.

Por fim, o retorno à sede é um momento de dormida e recolhimento, onde se reúnem para definir as estratégias do dia seguinte e corrigir possíveis erros e desencontros.

5.2.2. No ônibus

Foto 14 – ônibus que transportou o Maracatu Coração Nazareno durante o Carnaval de 2015 (senhora em destaque: Ladjane de Almeida)



Fonte: Tamar Thalez

O ônibus foi mais uma oportunidade que encontrei para conversar com algumas meninas e mulheres do grupo. Como, por exemplo, Marta Maria da Silva (Cabocla de Lança) e Sônia Maria Santana (Cabocla de Lança). Elas formavam um casal homoafetivo até pouco tempo e trabalham juntas na lavoura da cana de açúcar¹¹³. Fazem parte do projeto “Chapéu de Palha” na AMUNAM e também de outros projetos oferecidos pela associação. Nunca brincaram em outro maracatu e sair de Cabocla de Lança era um grande desejo. A realidade social vivida por Sônia

¹¹³ DABAT (2005) Traz as vivências dessas mulheres entre a cana de açúcar e o trabalho doméstico. Ela também aponta para a violência patronal existente. Outro texto que fala sobre as vivências da “a mulher boia-fria” é o de Sebastiana Rodrigues de Brito (1994).

e Marta difere de outras meninas do Coração Nazareno que trabalham na cidade de Nazaré da Mata. São contextos sociais diferentes que se tornam comuns em dias de apresentação.

A produção e a equipe de apoio, além de fazerem os contratos com os polos Carnavalescos do Recife e prefeituras da Zona da Mata, coordenam as viagens e também são responsáveis por servir a alimentação ao grupo entre uma apresentação e outra. De forma geral, dão suporte ao Maracatu nos dias de Carnaval. São eles: Salatiel Cicero, Bruno Ricardo Rodrigues da Silva¹¹⁴ e Maria Hilda de Souza. Eles estavam presentes todos os dias, mas, em alguns momentos, outros colaboradores da AMUNAM ajudavam dando apoio.

Além do ônibus que leva as integrantes e a produção do Maracatu, o caminhão é um importantíssimo recurso no transporte dos surrões, os chapéus, as lanças, e a bandeira. Ou seja, carrega a parte pesada do Maracatu. O caminhão também é utilizado por outros grupos de Maracatus da Região da Zona da Mata.

Cada vez que o ônibus parava em uma cidade, o movimento se “repetia” (vestem-se, seguem em direção as filas e em seguida ao palco). As integrantes saem do ônibus carregando as suas golas, vestidos e adereços etc. Em seguida, no Caminhão, a movimentações de retirada da “parte pesada” do Maracatu. São movimentos rápidos e precisos.

Um ponto importante a ser observado é que, segundo o mestre Anderson (Maracatu Estrela de Ouro de Aliança), existem maracatus que possuem ônibus de mulheres e de homens para evitar o contato físico. A citação abaixo exemplifica a colocação do Mestre Anderson.

“Esse contato é evitado, sempre que possível, na organização espacial do Maracatu durante o carnaval. No ano de 2006, o Maracatu Estrela reuniu aproximadamente cem integrantes, havia um ônibus para os homens e outro para as mulheres. Na escola municipal, em Recife, que hospedou o Estrela durante o carnaval, com comida e dormida, também havia uma separação: as mulheres dormiam no andar de cima e os homens no andar de baixo” (CHAVES, 2008, p. 90)

Após uma apresentação, o grupo volta para os ônibus rumo às próximas. Pela manhã, tomavam o café, vestiam-se e saíam em direção aos palcos. Retornavam para o almoço e seguia a jornada nas cidades. Entre a tarde e a noite faziam lanches. Chegavam a fazer no mínimo, quatro viagens

¹¹⁴ Bruno Ricardo Rodrigues da Silva, responsável pelo Blog da instituição, dando apoio a Radio Alternativa FM. Também é apoio do Maracatu Coração Nazareno. Em 2015 ajudou Dona Terezinha, a bandeirista, a carregar a bandeira durante os desfiles.

por dia nos ônibus. Ao final, jantavam e dormiam cedo para o próximo dia. O Maracatu é uma brincadeira que possui uma identidade em movimento, transformando cada apresentação em uma experiência única.

5.2.3. Na fila

Imagem 15 – Fila de espera ante da apresentação do Encontro dos Maracatus Rurais de Nazaré da Mata em 2013



Fonte: Tamar Thalez

Nos palcos das cidades do interior é necessário esperar numa fila. Por vezes, esperam por horas, seguindo a ordem de quem colocar primeiro a bandeira. É um momento onde Maracatus de várias cidades da região da Zona da Mata se encontram, configurando-se um momento do primeiro contato. Eles aproveitam esse momento de espera para observarem outros grupos. Muitos dos cumprimentos são amigáveis, porém a rivalidade é um traço marcante entre os grupos. Em seguida, arrumam-se e formam cordões, as trincheiras, a corte posiciona-se no miolo do grupo; prontos para a apresentação.

O Coração Nazareno é o primeiro a chegar à fila (elas alegam o “cuidado” com as crianças, as idosas e as grávidas). Neste caso, elas não precisam esperar por horas para se apresentarem, evitando as dispersões comuns em outros grupos. Nessas dispersões, causadas pelas esperas, muitos saem para comer, beber algo, ir ao banheiro etc.

É o momento de se apressarem para colocar a bandeira e não perderem a vez. Nessas filas, é muito comum o “cuidado” entre elas, onde primeiro organizam as crianças, em seguida ajudam as adultas e idosas a colocarem as fantasias mais pesadas e as que possuem mais autonomia, ficam num cantinho se organizando¹¹⁵.

São movimentos rápidos, como: descer do ônibus, dirigir-se a fila, arrumar-se e se apresentar. O momento da fila foi muito relevante na coleta de dados dessa pesquisa, pois aproveitava para conversar com as meninas que se aprontavam mais rápido. Por exemplo: Vanessa Cristina Vieira da Silva (Arreimar ou Caboclo de Pena). Nunca brincou em outro maracatu de Baque Solto e possuía o sonho de brincar no Coração Nazareno. Ela começou a fazer parte da AMUNAM aos 13 anos através do projeto “Crescer Sabendo”. Ao participar de um maracatu feminino, ela diz se sentir “empoderada” e “valorizada”. Ela afirma que o apoio do marido (toca trombone no Maracatu Cruzeiro do Forte) é importante e já está iniciando o filho de três anos na brincadeira do Maracatu. Mas ela complementa, “no maracatu do pai, o Coração é das mulheres”¹¹⁶.

Elas ainda chamam muita atenção no momento da fila (local de maior visibilidade e trocas sociais). Segundo Marinalva e Hilda, muitos ainda especulam “se são mulheres de verdade”¹¹⁷,

¹¹⁵ Ao tratar sobre as subjetividades a luz de ORTNER (2007), aponto também Geertz (2013), pois, segundo Ortner, “foi o único dos grandes pensadores sociais a culturais” a tratar sobre essa questão. (ORTNER, 2007, p.5)

¹¹⁶ Entrevista concedida por Vanessa Cristina Vieira dos Santos. Educadora da AMUNAM, Dançarina do grupo Flores do Coco e Arreimar do Maracatu Coração Nazareno, no dia 17 de fevereiro de 2015, em Condado, no Carnaval 2015.

¹¹⁷ Entrevista concedida por Marinalva Isabel de Freitas na AMUNAM (Costureira da associação e organizadora do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata), na AMUNAM, em Nazaré da Mata, no dia 26 de outubro de 2015.

“se são gays”¹¹⁸, “se é um Maracatu de verdade”¹¹⁹ etc. Depois, possuem os olhos e os ouvidos bem abertos durante as apresentações, para saber se elas brincam direito. Ocupar esses espaços, depois de 12 anos, faz essas mulheres sentirem-se “empoderadas” e “orgulhosas”. De fato, algo mudou na tradição do Baque Solto no que diz respeito às mulheres.

A ausência de rivalidade nas competições vai diferenciar o Coração Nazareno dos demais. Porém, pude tomar conhecimento de algumas tensões quanto a serem sempre as primeiras da fila. Marinalva e Hilda relataram-me que uma vez elas se atrasaram para chegar à fila na cidade de Lagoa de Itaenga no ano de 2014, gerando algumas tensões entre um grupo de maracatuzeiros. O Coração Nazareno tem o hábito de ser o primeiro, pois elas fazem questão de chegar cedo. Segundo Marinalva, um caboclo “Bateu a lança no chão, estufou o peito e disse: só por ser mulher acha que pode?”.¹²⁰ Durante as filas, a presença delas aparentara incomodar bastante alguns maracatuzeiros. Ao mesmo passo que, muitos outros permitem que elas sejam as primeiras em caso de atraso.

“O Carnaval ‘cultural’ do Maracatu traz no corpo da brincadeira muitas mulheres, o que torna tudo mais complicado, pois um dos inimigos está dentro do Maracatu. As mulheres não participavam da brincadeira no passado de guerras e ainda assim, havia a proibição do contato sexual. Pois agora, ainda com a proibição, a mulher faz parte, é uma rival que está no ‘interior’ da própria obstrução” (CHAVES, 2008, p. 90)

Este inimigo, como colocada por Chaves (2008), seria o risco de contato que pudesse existir entre os homens e as mulheres, trazendo problemas para o caboclo e confusão dentro do Maracatu. Uma mulher menstruada estaria de corpo aberto, prejudicando a brincadeira. Segundo o Mestre Barachinha, do Maracatu Estrela Dourada de Buenos Aires, os Caboclos mais antigos não gostam quando uma mulher cruza o seu caminho. Eles alegam má sorte.¹²¹

¹¹⁸ Entrevista concedida por Marinalva Isabel de Freitas na AMUNAM (Costureira da associação e organizadora do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata), na AMUNAM, em Nazaré da Mata, no dia 26 de outubro de 2015.

¹¹⁹ Entrevista concedida por Maria Hilda de Souza (Costureira e produtora do Maracatu Coração Nazareno), durante apresentação do Maracatu na cidade de Tracunhaén, dia 17 de fevereiro de 2015.

¹²⁰ Entrevista concedida por Marinalva Isabel de Freitas na AMUNAM (Costureira da associação e organizadora do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata), na AMUNAM, em Nazaré da Mata, no dia 26 de outubro de 2015.

¹²¹ VIEIRA (1999), fala sobre o mestruo.

De forma geral, a comparação entre um grupo e outro é inevitável. É o momento de “bater o olho” para “botar defeito” ou “para elogiar”. O Coração Nazareno tem a fama de ser o maracatu “mais bonito” e, segundo alguns maracatuzeiros, o “mais rico”.

5.2.4. *Nos desfiles*

Foto 16 – Apresentação no Carnaval da cidade de Tracunhaén em 2015



Fonte: Tamar Thalez

Toda a travessia do Coração Nazareno é vivida com grande expectativa. Estar “bonito” e “brilhoso” é um requisito entre os grupos e não seria diferente com o feminino¹²². Imprimindo outro ritmo a brincadeira, elas querem a todo o momento mostrar que “sabem fazer” e que “fazem com muita elegância”. São três dias intensos e fica estampado nos rostos dessas mulheres e meninas o gosto pela brincadeira.

O Maracatu Coração Nazareno funciona como uma espécie de porta-voz da AMUNAM, materializando nas ruas as suas ideologias¹²³. Segundo as meninas, é uma brincadeira “leve”,

¹²² Sobre as mudanças no Maracatu Rural. Essas mudanças são apontadas por Nascimento (2005) e Vicente (2005).

¹²³ Podemos observar mais sobre as mulheres rurais Canavieiras e políticas públicas de gênero no trabalho de Ana Lucia Bezerra dos Santos Barros, Juliana Andrade Cavalcanti de Albuquerque Parisio e Sônia Maria da Silva

“cheia de brilho” e “beleza”. São termos que estarei trazendo a baila por serem características utilizadas por elas para explicar esse maracatu.

Hoje em dia, estar “bonito” e “brilhoso” tornou-se um pré-requisito entre os Maracatus de Baque Solto de forma geral. Os maracatuzeiros lembram que as arrumações do passado eram descritas com “feias” e “malcheirosas”. Hoje, estar “bonito” e “cheio de brilho” é um componente de rivalidade, não mais os aspectos “rústicos” e “agressivos”. “Hoje o maracatu é mais leve, não pode ter briga”, diz o Mestre Barachinha. A espetacularização da brincadeira é um importante fator para essas modificações.

“A transformação do Maracatu num espetáculo tem gerado dificuldades praticas para seus integrantes. O crescimento dos grupos, o uso das fantasias fora do período carnavalesco – às vezes se expondo à chuva – tem exigido maior reciclagem das fantasias, segundo pudemos escutar de vários maracatuzeiros. Consequentemente, o custo se renova a cada ano. A competição entre os grupos amplia o desejo de desfilar maior e mais rico e soma-se ao desejo de ser reconhecido através da mídia”. (VICENTE, 2005, p.130)

O componente de beleza não é um atributo exclusivo apenas das mulheres. A beleza do maracatu expõe, muitas vezes, a quantidade de recursos que ele pode investir. Antigamente os recursos dos Maracatus advinham de “livros de ouro”, venda de animais, venda de produtos alimentícios nas feiras, artesanato que por ventura confeccionassem. Era e ainda é um grande mutirão. O dono do Maracatu Estrela Dourada de Buenos Aires, seu Modesto, informa sobre o grande orgulho que é conseguir o dinheiro através dos seus próprios esforços, sendo uma etapa importante. Hoje, existem outras formas de captar recursos financeiros nos órgãos públicos, através dos Pontos de Cultura, editais públicos etc. Segundo Ana Valéria Vicente (2005), a contrapartida para o maracatu seria a sua valorização.

É muita gente envolvida: o motorista do ônibus, do caminhão, a cozinheira que faz os lanches e as refeições na sede, as pessoas que mantêm a sede funcionando esses três dias de jornada, as costureiras que fazem alguns ajustes de última hora, a produção, o apoio, a presidente da AMUNAM que geralmente acompanha o grupo e, claro, as brincantes. São diferentes as atividades que fazem o ciclo do carnaval.

(2015). E também o trabalho sobre A condição social da mulher trabalhadora rural na Indústria canavieira da Zona da Mata: Avanços e Retrocessos da sua luta de Rizete Serafim Costa (não localizei o ano). Menciono também o trabalho de Panzutti (2006), sobre a mulher rural.

Em suas apresentações, as minhas entrevistadas falaram sobre a forma “leve” como elas se movimentam, o cuidado para não machucar os espectadores (principalmente as crianças). Pude perceber, em minhas observações, que elas não fazem movimentos bruscos ou pesados durante as manobras. É muito comum o Caboclo de Lança, ao fazer as suas manobras, machucar alguém que se aproximam muito (em uma apresentação, no Festival Canavial 2014, em Nazaré da Mata, fui atingida pela lança de um Caboclo). Segundo Marinalva, “eles vem com tudo”¹²⁴, fazendo referência a agressividade e a violência. Elas levam essa preocupação para as apresentações.

A “manobra”¹²⁵ é um movimento do maracatu que envolve todos os seus integrantes. Nas “manobras”, as caboclas do Coração Nazareno formam dois cordões chamados de “trincheira” envolvendo o miolo. São passos rápidos, todo o Maracatu move-se de forma ágil em diferentes sentidos. A Mestre Cabocla é quem manobra o Maracatu, comandando movimentos e direções.

“Nos Maracatus de Baque Virado, o Rei e a Rainha estão no topo da “hierarquia” dos personagens, especialmente a Rainha, posição de grade prestígio. No Maracatu de Baque Solto, os personagens de maior destaque são: o Mestre Caboclo, Caboclos de Frente e Arreimar, etc. O Rei e a Rainha são personagens incorporados pela política da FCP, que não teriam tanto destaque”. (CHAVES, 2008, p.28)

Em um Maracatu de Baque Solto, o Caboclo de Pena (Arreimar), Caboclos de Lança, o Mestre Caboclo e o Mestre do Apito são os personagens de maior prestígio. Os dois mestres do Maracatu possuem uma importante comunicação. No Coração Nazareno, Josicleide (Cleide) fala da grande relação que a “Mestra Cabocla” mantém com a “Mestra do Apito” durante as apresentações. Os maracatuzeiros chamam de “namoro”. Elas se comunicam através de códigos e olhares. A Mestre Cabocla puxa a Caboclaria e a Mestre do Apito vem logo atrás puxando o terno e conduzindo o grupo.

Na frente do Maracatu, fora das “trincheiras”, encontram-se as personagens populares: o Mateus, a Caterina ou Catita, a burra, a Caçadora. Elas correm na frente para informar que o maracatu está chegando. Essas personagens, também presentes em outras brincadeiras da região tem uma maior interação com o público. São personagens cômicos e ficam fora do desenho

¹²⁴ Entrevista concedida por Marinalva Isabel de Freitas na AMUNAM (Costureira da associação e Rei do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata), na AMUNAM, em Nazaré da Mata, no dia 17 de fevereiro de 2015.

¹²⁵ A “manobra” esta presente nas sambadas e nas apresentações ou “evoluções” nos palcos carnavalescos e são rituais de “chegada” e “entrega” do Maracatu, marcando o início e fim do Carnaval.

nuclear da brincadeira. No Coração Nazareno, os personagens populares são sempre compostos por crianças. As meninas brincantes não imprimem os “trejeitos” que os adultos nos outros maracatus.

Foto 17 – Personagens populares do Maracatu Coração Nazareno no Encontro dos Maracatus Rurais de Nazaré da Mata em 2013
(Catita: Maria Cavalcanti, Caçadora: Josilene da Silva, Mateus: Carla Patrícia)



Fonte: Tamar Thalez

Ao falar sobre a musicalidade no Maracatu de Baque Solto, percebemos o quanto a sonoridade faz parte da estética da brincadeira. Desde um Caboclo solitário vagando pelas ruas da Mata Norte até o conjunto completo, percebemos ao longe a sua presença. O conjunto do maracatu ressoa com os chocalhos dos Caboclos de Lança, personagem de maior número do grupo.

No Coração Nazareno, como consta na imagem a seguir é composto pelo: conjunto percussivo do terno (o Mineiro ou Ganzá, Tarol, o Surdo ou Bombo ou Zabumba, a Porca e o Gonguê ou Agogô), pela saxofonista, pela voz da Mestra Gil (cantando Marchas, Sambas e Galopes) e a Contramestra respondendo os versos (na ausência de uma contramestra as próprias meninas do terno exercem essa função). Segundo Hilda, elas batem o terno diferente, com um ritmo menos acelerado que os homens.

Foto 18 - O Terno do Maracatu Coração Nazareno no Carnaval da cidade de Tracunhaén em 2015 (Sax: Ana Lucia dos Santos, Mestra: Givanilda Maria, Mineiro: Jacinta de Fatima, Tarol: Wilma Lopes, Bombo: Lucicleide da Silva, Porca: Deysielle Thamires e Gonguê: Hosana Maria)



Fonte: Tamar Thalez

“De longe, pode-se identificar a aproximação de um maracatu de Baque Solto. O som, de fato, é algo marcante, na composição estética e musical do Maracatu. São muitas as fontes sonoras dentro de um maracatu: os chocalhos dos caboclos, as vozes e os apitos do mestre e do contramestre, o apito do arreimar, o terno (conjunto de percussão), as melodias dos instrumentos de sopro (Trombone, Trompete, Clarinete, Piston, Saxofone), a batida da bexiga do Mateus, o estalar do chicote da burrinha, a corneta (de chifre de boi) do caçador, etc.” (CHAVES, 2008, p.61)

Dentro desse conjunto de sonoridades, apontado por Chaves (2008), a voz do Mestre (neste caso Mestra Gil) tem grande importância no grupo. Por conta do tempo das apresentações, os versos são reduzidos durante o Carnaval. Uma Marcha de boas vindas de início e um Samba e uma Marcha de despedida. Esse movimento repetiu-se em todas as apresentações que o Coração Nazareno fez durante o Carnaval.

“O Mestre do Maracatu conduz a manobra, cantando uma marcha (versos em quatro linhas de sete sílabas, a/b/c/b, com a repetição, a resposta, das duas primeiras linhas) sempre intercalada com o terno e as músicas. O movimento da manobra são sempre feitos ao som de uma Marcha, nunca enquanto o mestre canta outros tipos de versos de Maracatu como: Samba (dez linhas de sete sílaba, com resposta da 5^o e 6^o linhas), Galope ou Samba em seis (seis linhas de sete sílabas, resposta nas duas primeiras linhas), samba curto (igual ao galope, mais a primeira linha tem quatro sílabas apenas), samba curtinho (quatro linhas de sete sílabas).” (CHAVES, 2008, p.24)

Diferentemente dos demais grupos, as Marchas, Sambas e Galopes cantados pela Mestre Gil, envolvem temáticas de gênero, educação, meio ambiente, direitos humanos etc¹²⁶. Como já mencionado no primeiro capítulo, a Mestre não participa das Sambadas nos terreiros como os demais Mestres da Região. Alguns mestres falaram-me que ela ainda é “muito verde” para tais disputas. Salatiel Cícero mostrou-me outra perspectiva, apontando que as temáticas das toadas da Mestre Gil destoam com as dos demais Mestres de Maracatu, por isso não sendo compatível participar de tais disputas. “É outra abordagem com temáticas educativas e que visa à valorização da mulher na brincadeira”¹²⁷. Abaixo, segue um exemplo de Galope em seis da Mestre Gil em parceria com o Mestre Antônio Roberto.

É através da loa que o Maracatu Rural se comunica com o público. A voz da Mestre apresenta o Maracatu que está chegando, a cidade de onde vem, o que vieram fazer, cumprimenta algum político que queiram agradecer e se despedem. O Coração Nazareno, além disso, traz a mulher sempre em destaque, cumprimentando-as e fazendo críticas a violência contra a mulher¹²⁸. Abaixo, segue mais um exemplo de uma loa composta pela Mestre Gil. “Segundo Hilda, se ela se dedicar, vai colocar os outros maracatus no bolso”¹²⁹

“Não é porque sou mulher
que eu não posso cantar no maracatu
mostrar do que sou capaz
Faço marcha e muito mais
samba galope bem feito (repete)
Por isso é que eu canto direito
que é pro povo escutar
na hora que eu for cantar
que é pra não sair com defeito
Quem nunca viu venha vê
uma mulher de moral
no maracatu rural
a cultura defender”¹³⁰

Foto 19 – O Cordão das Caboclas de Frente de Lança do Coração Nazareno no Encontro dos Maracatus Rurais de Nazaré da Mata em 2013 (da esquerda pra direita: Antônia Ferreira,

¹²⁶ Ver letra completa da loa “Filha de Nazaré” no anexo 5.

¹²⁷ Entrevista concedida por Salatiel Cícero (Jornalista e produtor artístico do Maracatu Coração Nazareno) na AMUNAM, dia 23 de outubro de 2015, em Nazaré da Mata.

¹²⁸ Parry Scott (2011), gênero, geração em contextos rurais. Nota sobre a violência contra a mulher em contextos rurais.

¹²⁹ Maria Hilda de Souza (Costureira e produtora do Maracatu Coração Nazareno), durante apresentação do Maracatu na cidade de Tracunhaém, dia 17 de fevereiro de 2015.

¹³⁰ Ver letra completa da loa “Ternos, apito e bengala” no anexo 5.

Marília Kelle, Josicleide Vieira (Mestra Cabocla), Marcia Fernanda e Denise Maria)



Fonte: Tamar Thalez

Segundo os maracatuzeiros, a função dos caboclos de Lança e de Pena é proteger o grupo de ameaças externas. Na linha de frente vem o cordão, um grupo de Caboclas de Lança que puxam o resto da Caboclaria seguindo as instruções da Mestra Cabocla. Nas laterais estão localizadas as Caboclas Lança que protegem a Corte, o baianal, a índias, ou seja, todo o “miolo”. As Arreimas protegem o grupo espiritualmente, fazendo alusão aos índios das matas da região (não são caboclos de guerra e sim de paz). No fundo do Maracatu, estão as Caboclas de Lança que protegem a bandeira e o terno. Fazem manobras precisas em espaços muitas vezes apertados. O Baque Solto é um folguedo que requer espaço.

Na semana pré-carnaval, observei a apresentação que ocorreu na Rua da Moeda, bairro do Recife. Mais específico, foi um cortejo pelas ruas do Recife Antigo em direção a Praça do Arsenal. Foi um momento de aquecimento para os intensos dias de carnaval que iriam se seguir. Não pude deixar de observar os olhares do público, não apenas pela atenção que chama um cortejo de Maracatu de Baque Solto, mas pelos comentários sobre a sua composição feminina.

Como já mencionado, os locais visitados pelo Maracatu Coração Nazareno no Carnaval 2015 foram: Buenos Aires, Casa Amarela (Recife), Lagoa de Itaenga, Nazaré da Mata (Encontro dos Maracatus Rurais de Baque Solto), Condado, Itaquitinga, Tracunhaém, Três Carneiros - Corredor Comunitário (Jaboatão dos Guararapes), Nazaré da Mata (Encerramento). Ocorrendo também antes das datas oficiais (como no caso do Recife Antigo). Das apresentações no

Carnaval, estive presente nos seguintes municípios: Nazaré da Mata, Condado, Itaquitinga, Recife, Alto três Carneiros (Jaboatão) e Tracunhaén.

As demais apresentações que observei, seguiram o mesmo esquema em sua organização. Na segunda-feira de Carnaval (16/02) se apresentaram em Nazaré da Mata, Condado, Itaquitinga. Na terça-feira de Carnaval (17/02), em Tracunhaén e Alto três Carneiros. Na mesma terça-feira, participaram do encerramento do Carnaval de Nazaré da Mata.

Um importante desfile que o Coração Nazareno participou no período carnavalesco é o Encontro dos Maracatus Rurais de Nazaré da Mata. Este encontro é organizado por uma parceria da prefeitura de Nazaré da Mata com a “África produções”. O palco montado na Praça da Catedral da cidade reúne cerca de 30 grupos de diversas cidades da Zona da Mata. É um importante evento que costuma estar na agenda dos maracatus da região. O Coração Nazareno tem presença marcada desde 2005, quando se apresentou pela primeira vez. É um importante momento para as trocas afetivas, de muitos abraços e muitas observações. Os grupos não estão ali para concorrer, mas para se apresentarem. Porém, existe uma sutil rivalidade sobre o bordado mais bonito, o vestido mais arrumado, a bandeira mais enfeitada etc.

Maracatu de Baque Solto de fato é um brinquedo grande e requer espaço. Muitas vezes algumas prefeituras não disponibilizam estrutura e espaço para que eles possam se apresentar. Pude presenciar um problema deste tipo na terça-feira (17) de Carnaval de 2015, no Alto Três Carneiros, em Jaboatão dos Guararapes. Era um corredor pequeno, estreito, mal iluminado e sem proteção contra a chuva. Além disso, possuía um pequeno palco que mal cabia o terno e a mestra. Essas questões estruturais envolvendo os folguedos populares são muito abordadas entre os grupos e os produtores culturais de Pernambuco.

Embora o Coração Nazareno não esteja ligado aos concursos carnavalescos, há entre elas e os demais maracatus um sentimento de “quem faz melhor”. Neste caso, são comportamentos intrínsecos entre os maracatuzeiros. Mesmo em meio à solidariedade e amizade, essas rivalidades já fazem parte da tradição.

5.3 O PÓS-CARNAVAL: AS ATIVIDADES REALIZADAS PELO MARACATU AO LONGO DO ANO

Para os maracatuzeiros, em geral, o Maracatu é uma brincadeira que dura o ano inteiro. Um trabalho intenso na confecção e reparos das indumentárias, na captação dos recursos, realização das festas dos terreiros: sambadas e ensaios; e participação em eventos fora do ciclo carnavalescos para a captação financeira. No que diz respeito ao Coração Nazareno, as movimentações também ocorrem ao longo do ano.

5.3.1 Apresentações fora do ciclo Carnavalesco

“Acreditamos que o consumo do Maracatu tem-se dado principalmente através do uso de sua imagem nos meios de comunicação. A contratação para apresentações, as visitas às sedes e participação nas apresentações têm sido formas secundárias do consumo cultural se comparados à farta utilização da imagem do Caboclo de Lança pela imprensa e pela publicidade” (VICENTE, 2005, p. 215)

Os grupos de Maracatus estão cada vez mais sendo solicitados em eventos culturais fora do ciclo Carnavalesco. Segundo Vicente (2005), desde o final da década de 1990, o folguedo já se encontrava conhecido e consolidado como símbolo da Cultura Pernambucana. Dessa forma, o crescimento da utilização da imagem isolada do personagem principal, o Caboclo de Lança tornou-se frequente na publicidade do Estado. Nesse contexto, o Maracatu Rural acaba ampliando as suas apresentações para além do Carnaval. O uso das fantasias fora do ciclo carnavalesco leva muitos folguedos a necessitarem cada vez mais de recursos, exigindo retorno financeiro. Com o Coração Nazareno não seria diferente. Por ser um maracatu formado apenas por mulheres, acaba chamando muita atenção diante da mídia Pernambucana e Nacional.

Foto 20 – Apresentação do Maracatu Coração Nazareno no Festival de Inverno de Garanhuns em 2015 (Cabocla de Lança: Denise Maria e Arreimar: Vanessa Vieira)



Fonte: Tamar Thalez

Em novembro de 2014, estive presente no Encontro dos Maracatus Rurais do Festival Canavial para dar início a pesquisa de campo. Este Festival faz parte de um movimento articulado na Mata Norte do Estado, que surgiu em 2006 com a proposta de integrar a região através de vários projetos culturais. Nele estão envolvidos associações, produtores culturais, Pontos de Cultura, artistas, empresas, rádios comunitárias, antigos engenhos e grupos culturais engajados a realidade da região. Desde 2006 é parceiro da AMUNAM através da Rádio Comunitária Alternativa FM e Ponto de Cultura Engenho dos Maracatus.

O Maracatu Feminino Coração Nazareno participou de algumas apresentações ao longo do ano de 2015, são elas: abertura e encerramento da “caravana do Esporte e da música”, promovido pelo Instituto Esporte e Educação (IEE) em parceria com a ESPN Brasil, UNICEF e Disney em Fevereiro de 2015 na cidade de Nazaré da Mata; gravação no Projac¹³¹ para o “programa Esquentá” de Regina Casé da TV Globo na cidade do Rio de Janeiro, exibido no dia Internacional da Mulher em 08 de Março de 2015; gravação na “TV Pernambuco” e na “TV Universitária realizada” pelo programa Pé na Rua em Março de 2015 na cidade de Nazaré da Mata; “25º Edição do Festival de Inverno de Garanhuns (FIG)” em julho de 2015, na cidade de

¹³¹ Projac: Os Estúdios da Rede Globo no Rio de Janeiro.

Garanhuns e do projeto itinerante “Re-Circo” em outubro de 2015, na cidade do Recife¹³². Dentre estes eventos, estive presente no Festival de Inverno de Garanhuns, onde tive a oportunidade de participar como apoio do grupo (Imagem 24).

Além das apresentações pelo Estado de Pernambuco e outros Estados do Brasil, a AMUNAM promove atividades referentes ao Maracatu Coração Nazareno, como: O “Ponto de Cultura Engenho dos Maracatus” e o projeto “Mulheres do Maracatu Rural: vencendo paradigmas e fortalecendo as raízes da cultura popular”, possibilitando a boa continuidade do Coração Nazareno e dos demais grupos envolvidos.

Assim, o Coração Nazareno vem mantendo-se há 12 anos e nas práticas do dia-a-dia vem se reformulando, recriando e refazendo o folguedo.

¹³² Ver anexo 4 do currículo institucional do Maracatu Coração Nazareno.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Maracatu sobreviveu porque foi pra cidade, teve contato com a TV e o radio, seus poetas tiveram alfabetização e ampliaram seus temas. Se a tradição da o passo à frente, acompanhando o mundo, ela segue viva. Se não, não adianta gravar, fazer livro, registrar, defender...” (SIBA in CHAVES, 2008, p.99)

Inicio as considerações finais dessa dissertação com esta citação do artista Siba Veloso, um conhecido nacionalmente por compartilhar e viver a cultura da Mata Norte de Pernambuco. A cultura do Baque Solto não é estática, comunica-se com outros folguedos da região, com a indústria cultural e a erudita. Essa dinâmica é importante para a brincadeira, como podemos perceber no trecho dito por Siba: “o Maracatu sobreviveu porque foi pra cidade”. Ou seja, um dos pontos cruciais para a existência desse folguedo e entrada das mulheres foi à migração para o Grande Recife. Diante das modificações e variações vividas pelos grupos de Baque Solto, percebo as mulheres do Coração Nazareno como uma clara recriação dentro da tradição do Baque Solto.

Do ponto de vista de gênero, percebemos uma presente diferenciação de papéis, funções e identidades de entre homens e mulheres na tradição do Baque Solto. Neste caso, é importante atentar para o caso do Coração Nazareno nesta perspectiva relacional quando se trata delas para com elas e delas para com eles. O interesse em brincar de Cabocla de Lança anima muitas mulheres e meninas a se vestirem de um personagem masculino para mostrar que podem brincar, mas ao mesmo tempo elas se acessam elementos femininos “naturalizantes” para mostrar que são mulheres brincando em um personagem masculino. Apesar de ainda não modificar as estruturas da brincadeira, os resultados indicam que este maracatu (enquanto uma recriação) possui um conjunto de singularidades que influenciam na dinâmica do Baque Solto.

Quando falo em “recriação”, aponto para os elementos que o Coração Nazareno faz uso para trazer características próprias para a tradição, como se fosse uma marca. Nessa recriação, do ponto de vista mais estético, estão às arrumações (vestimentas) dos Caboclos de Lana, que ganhou uma configuração menos e mais leve. Desde 2015 estão se preocupando com a padronização das golas bordando um coração, fazendo alusão ao nome do maracatu. Ao recriar

a forma de dançar, de se vestir e bater o terno (banda), elas inserem novos elementos na tradição que vão sutilmente se reverberando na tradição e na sociedade nazareno.

Buscar compreender as subjetividades dessas mulheres me levou a perceber a extensão das práticas e crenças do dia a dia no ser mulher. Percebi que essa prática do cotidiano se estende a dança e a forma como elas dão vida a esse folguedo tão singular.

“trata-se de exemplos de conexões explícitas entre gênero e poder, mas eles não são mais que uma parte da minha definição de gênero como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Com frequência, a atenção dada ao gênero não é explícita, mas constitui, não obstante, uma parte crucial da organização da igualdade e da desigualdade” (SCOTT, 1996, p. 91)

No que diz respeito às relações de poder, o Coração Nazareno ainda necessita da aprovação dos homens para adquirir legitimidade e aumentar a sua aceitação diante da sociedade. Aos homens cabe o prestígio, o poder, a capacidade de liderança, a virilidade, a força e o destaque na brincadeira. A mulher, a fragilidade, a natureza, a sensibilidade, o cuidado e a leveza. As relações de poder entre os homens e as mulheres na tradição continuam desiguais. “É fácil perceber que esses sentidos terminam marcando as mulheres de forma negativa, bem como atuam de modo muito eficaz na “essencialização” de atributos social e ideologicamente construídos”. (ALBERNAZ; LIMA, 2013, p. 506) O Coração Nazareno adquiriu prestígio por ser o único maracatu formado apenas por mulheres diante da mídia e 2016 recebeu o título do Ministério da Cultura de honra ao mérito Cultural, porém, diante da tradição, ainda é marcado por desigualdades de gênero. Como diz Scott, na citação acima, “gênero também é uma formação específica de poder”.

A Associação das Mulheres de Nazaré da Mata tem uma grande importância na funcionalidade do folguedo. Ela o mantém através da sua oficina de produção, de apoios privados e institucionais. Então, por isso é que o Coração Nazareno não se encontra atrelado a Associação dos Maracatus de Baque Solto, responsável por preservar, articular e divulgar os maracatus associados. Porém, pude perceber uma relevante interação entre as mulheres que fazem o Coração Nazareno e os demais maracatus através do Ponto de Cultura Engenho dos Maracatus, com sede na AMUNAM. Essa interação acaba sendo também relativa aos interesses dos grupos, que podem ser duradouros ou não.

De certa forma a presença de um maracatu de mulheres há 12 anos mexe com a tradição patriarcal do Baque Solto. Porém, percebo que elas não estão ali para modificar papéis, mas estão presentes enquanto sujeitos atuantes, buscando o seu espaço. Estão expondo as suas ideologias, desejos, afetos, necessidades e anseios enquanto mulheres da Zona da Mata Norte querendo brincar Maracatu Rural sem as ordens de outros homens. Porém, não devemos esquecer a colaboração de alguns homens que ainda hoje as ajudam. De fato, o Coração Nazareno ainda divide muitas opiniões acerca do seu propósito.

As adaptações ajudam os Maracatus de Baque Solto a permanecerem vivos. E a contribuição das mulheres de Nazaré da Mata, ajuda-me a perceber o quanto é importante haver essas recriações partindo das mulheres. O grande questionamento é se elas são um maracatu de verdade, se possibilita mudanças na tradição e o preconceito existente sobre elas é de ordem de gênero. De fato, é um Maracatu, pois “as modificações não invalidam o modelo” (BRANDÃO, 1994, p.37), pois a tradição do Baque Solto só existe por conta das adaptações vivenciadas no dia-a-dia. Essas mulheres, mesmo que de forma sutil, estão trazendo ao longo de 12 anos elementos femininos para o convívio dos demais grupos de Baque Solto, mesmo ainda havendo algumas barreiras relativas a gênero.

No campo de pesquisa pude observar o cotidiano das mulheres do coração Nazareno, suas vivências e nuances que só pude identificar estando no convívio com elas. Na busca de identificar as feminilidades presentes nesta brincadeira identifiquei a presença de características que remete a um “essencialismo” da mulher. Os atuais debates buscam exatamente “desessencializar” o gênero, trazendo as mulheres para uma posição de agente. As mulheres do Coração Nazareno possuem agência e buscam, através das suas subjetividades, trazer mudança para a tradição do Baque Solto. São mudanças que ainda não atinge por completo a brincadeira, mas mostram que elas estão ali criando novas formas de se relacionar e trazendo novos elementos ou uma marca nova, como algumas me revelaram.

O campo sempre é um elemento fértil e de muitas possibilidades de trabalhar o olhar, o escuta e posteriormente à escrita. Porém, ele não é um território neutro de sentidos. “Cada acontecimento esta vinculado ao contexto social em que a ação humana é desenvolvida”. (ROCHA; ECKERT, 2008, p.7) Ela vivem em um contexto de luta por igualdade de direitos, contra a violência contra a mulher, mas ao mesmo tempo preza por elementos que historicamente construídos que aprisionam a mulher. Porém, observo que podem ser uma arma

de construção, agido de forma estratégica para atingir a sociedade através de elementos como: o coração, a cor rosa, o cuidado, o afeto etc.

O Maracatu Coração Nazareno é uma maneira que as mulheres da Associação das mulheres de Nazaré da Mata encontraram para brincar Maracatu de Baque Solto por conta própria. Neste cenário, elas vêm imprimindo elementos femininos a uma dança ainda muito masculina. Minha intenção foi demonstrar o ponto de vista delas, de como elas entendem e sentem esse maracatu feito por elas e para elas. Enquanto moradoras de Nazaré da Mata, elas querem mostrar que podem fazer parte da brincadeira que é o símbolo da cidade.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, L. S. F.; LONGHI, M. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. in: SCOTT, Parry (Org.); LEWIS, L. (Org.); QUADROS, M. T. (Org.). Gênero, diversidade e desigualdade na educação: interpretações e reflexões para formação docente. 1. Ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009, v. , p.75-96.

ALBERNAZ, L. S. F.; LIMA, Patrícia Geórgia Barreto de. Gênero e Cultura Popular: Relações de poder, posições e significados da participação das mulheres nos grupos de Bumba-meu-boi do Maranhão. Revista Sociais e Humanas (ISSN online 2317-1758).

ALBERNAZ, L. S. F. Mulheres e Cultura Popular: gênero, raça, classe e geração no bumba meu boi do Maranhão. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. 2008.

ARANTES, Antônio Augusto. O que é Cultura Popular. São Paulo: Editora Ática, 1987.

ARAÚJO, Alceu Maynard. Cultura Popular Brasileira. São Paulo: Edições melhoramento em convênio com o Instituto Nacional do Livro – MEC, 1973.

ASSIS, Maria Elisabete Arruda. Cruzeiro do Forte: A brincadeira e o jogo de identidade em um maracatu rural. Dissertação de Mestrado em Antropologia – UFPE. Recife, 1996.

AVILA, Maria Batânia. (Org.). Textos e imagens do feminino: mulheres construindo a igualdade. Recife: SOS Corpo, 2001.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. Cultura Popular no Brasil. São Paulo: Editora ática, 1987.

BENEDICT, Ruth. Padrões de Cultura. Lisboa: Livros do Brasil, 2000.

BENJAMIN, Roberto. Maracatus Rurais de Pernambuco. In Pelegrini. FILHO, A. (org.) Antologia do folclore brasileiro – Século XX. São Paulo: EDART, 1982.

BONALD NETO, Olímpio. “Os Caboclos de Lança Azougados Guerreiros de Ogum”. IN: SOUTO MAIOR, MÁRIO & SILVA, LEONARDO DANTAS (org). Antologia do Carnaval do Recife. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é folclore? São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRITO, Sebastiana Rodrigues de. BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara L. Mulher e relações de Gênero. São Paulo: Editora Loyola, 1994.

BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

BURKE, Peter. Variedades da História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2008.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo. São Paulo: Unesp, 1998.

CARVALHO, José Jorge. “O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna”. In: Seminário Folclore e Cultura Popular: as várias faces de um debate. Instituto do Folclore, Coordenadoria de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro, RJ. IBAC, 1992.

CASCUDO, Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro. V.2. São Paulo: Global, 2002.

CHAVES, Suiá Omim Arruda de Castro. Carnaval em Terras de Caboclo: uma Etnografia sobre Maracatus de Baque Solto. Dissertação de Mestrado em Antropologia – UFRJ, 2008.

COSTA, Rizete Serafim. A condição social da mulher trabalhadora rural na Indústria canavieira da Zona da Mata: Avanços e Retrocessos da sua luta. Monografia do curso de serviço social – UNICAP. Recife (ano não localizado).

COSTA, Ana Alice Alcântara. PISCITELLI, Adriana; MELO, Hildete Pereira de; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lucia (Org). Olhares Feministas. Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2009.

CLYDE-MITCHELL, J. C. “A dança Kalela”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. A Antropologia das Sociedades Contemporâneas. São Paulo, Editora UNESP, 1956 [2010].

DABAT, Christine Rufino. CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVEIRA, Suely de (Orgs). Marcadas a Ferro. Violência contra a mulher: Uma visão multidisciplinar. Brasília, 2005.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. 1. Artes do Fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

ERICKSON, Paul A; MURPHY, Liam D. História da Teoria Antropológica. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

FABIAN, Johannes. “Memórias da memória: uma história antropológica”. In: Aarão Reis, Daniel [et al.]. Tradições e Modernidades. Rio de Janeiro, FGV, 2010.

GANDELHA, Fernanda Gabriela; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. O Maracatu Rural Estrela de Ouro e suas Representações Simbólicas no contexto Folkcomunicacional. XVI Congresso Brasileiro de Folclore - UFSC, Florianópolis, 14 a 18 de outubro de 2013.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GEERTZ, Clifford. Obras e vidas: O antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GHASARIAN, Christian. De la etnografía a la antropología reflexiva. Nuevos campos, nuevas practicas, nuevas apuestas. Serie Antropologica. Buenos Aires: Del Sol, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro, RJ. Editora UFRJ-IPHAN, 1996.

GUERRA PEIXE. Maracatus do Recife. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 1981.

GUIMARÃES, Maria de Fátima. CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVEIRA, Suely de (Orgs). Marcadas a Ferro. Violência contra a mulher: Uma visão multidisciplinar. Brasília, 2005.

HOBBSAWN, Eric J; RANGER, Terence O. A Invenção das Tradições. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. Festa no Pedaco: cultura e lazer na cidade. Brasília-DF. Editora Barsiliense, 1984.

MAIOR, Mário Souto; VALENTE, Waldemar. Antologia Pernambucana de Folclore. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988.

MARTINS, Clara Pires. Cravo do Canavial: Entre o Maracatu Rural e a Mimeses corpóreas – A construção de uma dramaturgia Cênica. Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas – UFRN. Natal, 2013.

MEDEIROS, Roseana Borges de. Maracatu Rural: Luta de Classes ou Espetáculo? Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2005.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória: A cultura popular revisitada. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

MONTES, Maria Lúcia. Maracatu de Baque Solto. São Paulo: Quatro Imagens, 1998.

NASCIMENTO, Mariana Cunha Mesquita do. João, Manoel, Maciel Salustiano: três gerações de artistas populares recriando os folguedos. 2º Volume Coleção Maracatus e Maracatuzeiros. Recife: Editora Associação Reviva, 2005.

_____. Maracatu Rural: Breve trajetória ao longo do século XX. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins (Org.). Tradições e Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008.

OLIVEIRA, Francicleide Palhano de. AMUNAM: Uma História de amor a vida. Nazaré da Mata, PE: Associação das Mulheres de Nazaré da Mata – AMUNAM, 2011.

OLIVEIRA, Sofia Araújo de. Cultura popular e o Maracatu Rural: Trilando o caminho do espetáculo. Revista de Cultura e Turismo. Ano 05 - nº 01/Especial - Jan/2011.

ORTNER, Sherry B. Conferências de Sherry B. Ortner: Uma atualização da teoria da prática e Poder de projetos: reflexões sobre a agência. Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia - Goiânia 2006.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade de Crítica Cultural. Horizontes Antropológicos. Vol.13. nº 28. Porto Alegre. July/Dec. 2007.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?

ROSALDO, Zimbalist Michelle; LAMPHERE, LOUISE (ORGS). A Mulher, a Cultura e a Sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

PANZUTTI, Nilce da Penha Migueles, Mulher Rural. Eminência Oculta. Campinas, SP: Editora Alinea, 2006.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1995.

PISCITELLI, Adriana G. Tradição Oral, Memória e Gênero. Um comentário Metodológico. Cadernos Pagu, Campinas (SP). ISSN 1809-4449. 1993.

REVEL, Jacques. “A beleza do morto: o conceito de cultura popular”. In: REVEL, Jacques. A Invenção da Sociedade. Rio de Janeiro, RJ. Editora Nova Fronteira, 1989.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. CASTILLO-MARTÍN, Márcia; OLIVEIRA, Suely de (Orgs). Marcadas a Ferro. Violência contra a mulher: Uma visão multidisciplinar. Brasília, 2005.

SANTOS, Rosana Maria dos. Maracatu de Baque Solto: da intervenção ao espetáculo. VI Colóquio de História - ISSN 2176-9060. 2013.

SARTI, Cynthia Andersen. O Feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 12, n. 2, maio-agosto/2004.

SANTOS, Ana Lucia Bezerra dos; PARISIO, Juliana Andrade Cavalcanti de Albuquerque;

SILVA, Sônia Maria. Mulheres rurais da região canaveira e as políticas públicas de gênero no município de Palmares-PE, no período de 2013 a 2014. Curso de Especialização em Gênero, Desenvolvimento e Políticas Públicas, do Programa de Pós-graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Recife: SOS Corpo – Gênero e cidadania, 1996.

SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs). Gênero e geração em contextos rurais. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

SEGATO, Laura Rita. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. Série: Antropologia, periódico: 236. 22p. Brasília, 1998.

SILVA, Severino Vicente da. Festa de Caboclo. 2ª Edição. 1º Volume Coleção Maracatus e Maracatuzeiros. Recife: Editora Associação Reviva, 2012.

SILVA, Severino Vicente da. Maracatu Estrela de Ouro de Aliança: a Saga de uma Tradição. Recife: Editora Associação Reviva, 2008.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

VASCONCELOS, Tamar Alessandra Thalez. A Mulher no Maracatu Rural. 4º Volume Coleção Maracatus e Maracatuzeiros. Olinda: Editora Associação Reviva, 2012.

VICENTE, Ana Valéria. Maracatu Rural: O Espetáculo como Espaço Social. Recife: Editora Associação Reviva, 2005.

VIEIRA, Sévia Sumaia. Dos Canaviais à Capital: “cabocaria de flecha”, maracatus de orquesta, baque solto, rural....Dissertação de Mestrado em Antropologia – UFPE. Recife, 2003.

_____. “O Caboclo velho, antigo, sabe brincar. Vai respeitar!”: A diversidade dos rituais espirituais na brincadeira do Maracatu Baque Solto/Rural. V Colóquio de Historia Perspectivas históricas. Historiografia, pesquisa e Patrimônio. 16 a 18 de novembro de 2011.

JORNAIS

Diário de Pernambuco e Folha de Pernambuco

Nazaré vive afirmação cultural. Diário de Pernambuco. Recife, 27 nov. 2006. Viver.

Show de Cultura Rural. Diário de Pernambuco. Recife, 28 fev. 2006. Carnaval.

Mulheres dominam formação de maracatu. Diário de Pernambuco. Recife, 30 maio. 2008. Viver.

Brincante troca corte da cana por usina cultural. Diário de Pernambuco. Recife, 28 out. 2007. Viver.

Maracatu em berço esplêndido. Jornal do Comércio. Recife, 3 dez. 2007. Caderno C.

INTERNET

Dossiê de candidatura. V.2. Maracatu de Baque Solto. Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Recife, maio 2013. Inventário Nacional de Referências Culturais. Última visualização no dia 22/08/2016. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_MARACATU_RURAL.pdf

VICENTE, Valéria. No dia 31 de maio, as 52 mulheres do Maracatu Coração Nazareno desfilam e comemoram o lançamento do seu primeiro CD. Última visualização no dia 22/08/2016. Disponível em:

<http://revistaraiz.uol.com.br/portal-raiz/portalraiz.php?cod=304&rel=2>

GUIBU, Fábio. Mulheres quebram tabus desfilam Maracatu Rural com a participação de homens. Folha Online. 12 fev. 2007. Última visualização no dia 22/08/2016. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u132021.shtml>

Associação das Mulheres de Nazaré da Mata – AMUNAM. Última visualização no dia 22/08/2016. Disponível em: <http://www.amunam.org.br/>

MARCHI, Carolina de. Maracatu Coração Nazareno. Em 22/07/2015. Última visualização em 22/08/2016. Disponível em:

<http://brasis.vc/rapadura/maracatu-coracao-nazareno-100-feminino/>

GLOSSÁRIO

Na frente do Maracatu (Personagens populares):

Catirina ou Catita: A catita é uma das personagens que informa ao público a chegada da tribo. A Catita é a mulher do Mateus, personagem do Cavalo Marinho (Brincadeira que também cresceu nas primeiras décadas do século XX) e da lenda Mateus e Catirina. Um homem vestido de mulher com o rosto pintado de preto e uma cesta nas mãos. Ela deve ser ágil e engraçada, pois era incumbida de conseguir dinheiro e comida para o maracatu. Antes do apoio dos governos, esta era uma das formas que os Maracatus encontravam de arrecadar dinheiro para a manutenção da brincadeira.

Mateus: Outro personagem presente na brincadeira do Cavalo-Marinho, do Boi e da lenda de Mateus e Catirina. O Mateus não é um caboclo, é uma espécie de palhaço, um bobo no Maracatu de Baque Solto. Ele possui um pequeno surrão de madeira nas costas, um chapéu afunilado com fitas de celofane e carrega nas mãos uma bexiga de porco que bate nas coxas. Ele sempre está correndo envolta da tribo à procura da Catita, espantando com a sua bexiga os meninos que se aproximam dela ou dos que se colocam na linha de passagem dos Caboclos de Lança.

Burrinha ou Burra Calu: Um homem vestido de burra que estala um chicote no chão abrindo espaço para o maracatu passar, fazendo as pessoas correrem. O burro era um importante animal de carga, muito utilizados nos engenhos Banguê, bastante comuns na Zona da Mata Norte até as últimas décadas do século XX. Então, os brincantes que inventaram o maracatu conheciam a importância do burro e criou esta simpática personagem de interação com o público que vem assistir as apresentações.

Caçador: Toca um berrante de chifre de boi, tem um chapéu de pele de animal, carrega uma espingarda e leva pendurado um bode empalhado ou só a pele. Este personagem remonta os índios que habitavam a Mata Norte, que viviam da caça e da pesca. Após o contato com os portugueses, o arco e flecha foram substituídos por espingardas e alforjes. O caçador dramatiza a busca pelo alimento. Mesmo sendo um personagem secundário, ele vem sendo cada vez mais vistos nos desfiles.

No miolo:

A corte: A Corte do Maracatu Rural tem o mesmo formato do Maracatu Urbano: um rei, uma rainha; a dama do paço, que carrega a boneca nas mãos, a dama do buquê; e o valete, o cavaleiro que acompanha e protege a dama. A corte foi uma imposição da Federação Carnavalesca de Pernambuco (FCP) para que a dança dos Caboclos de Lança fosse aceita como um maracatu no Carnaval do Recife e pudesse receber apoio financeiro da Federação. Para os organizadores do Carnaval, o Maracatu de Baque Solto tinha que se adequar aos padrões dos tradicionais maracatus originários das Irmandades negras existentes no Grande Recife. Desta forma o Maracatu Rural teve que simular uma realeza. Hoje os maracatus rurais não se apresentam sem a corte.

Boneca ou Calunga: A boneca veio com a corte e hoje é o símbolo do Maracatu. A boneca é preta de pano e é a proteção do brinquedo. Todo o maracatu de Baque Solto tem uma boneca, inclusive o de Baque Virado.

Dama da Boneca ou Dama do Paço: É a baiana que carrega a boneca. Fica posicionada perto do Bandeira ao centro.

Baianas: As baianas formam dois cordões simétricos atrás do Arreimar. Usam vestidos longos e armados, na cabeça usam lenços ou chapéus. As baianas se enfeitam com colares, brincos e maquiagem. Nos primeiros tempos sempre havia homens vestidos de mulher. Hoje é difícil encontrar homens vestidos de baianas e os que brincam costumam ser homossexuais. Segundo Zé Duda, ex-mestre do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança, a primeira mulher brincou de baiana no Maracatu Leão das Flores, do mestre João de Lianda, entre 1955 e 1957.

A bandeira: Na bandeira do Maracatu estão bordados: o tipo do maracatu (Baque Solto), o nome do maracatu (geralmente leão, águia, estrela etc.), a cidade em que foi fundado, a data de fundação e o símbolo. A bandeira do maracatu é o seu cartão de apresentação e é em torno dela que a tribo se aglomera. O Maracatu de Baque Solto era uma brincadeira violenta, causando confusão ao cruzar as bandeiras. Atualmente, existem acordos incentivados pela Associação dos Maracatus de Baque Solto, diminuindo bastante a tensão entre os grupos.

O bandeirista: O homem que carrega a bandeira. Vestindo-se de súdito real. Tem a responsabilidade de guiar o maracatu e saudar a bandeira do outro maracatu quando se encontrarem.

Arreimar, Caboclo de Penas ou Taxaua: é o caboclo que não usa lança, demonstrando não ser um caboclo preparado para a guerra. Carrega um machado e a sua cabeça é ornamentada por uma grade coca de penas. Usa uma gola bordada mais curta que a dos caboclos, calça na altura do joelho, e na cintura, no chapéu e nos braços possuem fitas e penas de pássaros. É considerado o “índio do maracatu”, pois eles dizem que no começo o maracatu era formado por índios. Sua função é proteger a corte, o rei e a rainha, a dama do paço e as baianas. Ele é uma proteção dos espíritos das florestas.

Trincheiras do maracatu (envolvendo o miolo do maracatu):

Caboclos de Lança: No início era uma festa de Caboclos, uma brincadeira formada nos terreiros, em meio aos canaviais da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Hoje, com o advento das transformações vividas pela tradição no decorrer do século XX, a brincadeira passou a ser chamada de Maracatu de Baque Solto ou Maracatu Rural e o Caboclo de Lança seu personagem principal. A indumentária do Caboclo de Lança pesa em torno de 30 kg. A arrumação (indumentária) é composta por uma cabeleira (chapéu revestido por uma grande quantidade de papéis multicoloridos cortados em tirinhas); um surrão nas costas (estrutura de madeira com chocalhos); uma grande gola que vai até a altura do seu joelho (tecida em veludo e bordada com lantejoulas coloridas, formando os mais variados desenhos); uma guiada (enorme lança de madeira pontiaguda recoberta por inúmeras fitas coloridas); um fofo (bermuda comprida, com franjas, do tecido de chita) e usam sapato tênis e meia de jogador. Os seus rostos, meio cobertos, são pintados de Urucum. Carregam um cravo na boca (alguns dizem que é uma flor preparada na Jurema Sagrada, mas ainda possui muitos segredos); e, por fim, os óculos “*Ray-Ban*”, desde cedo incorporado pelos caboclos. Costuma-se dizer que o caboclo tem que saber “bater surrão” (a própria palavra surrão quer dizer bater, surrar), associado ao movimento do corpo. Dentro da trincheira, os caboclos possuem uma hierarquia que define as suas posições. O mestre caboclo é o que possui maior autoridade, é quem cuida da cabocaria. Ele direciona a movimentação da tribo guiada pelo som o apito do mestre, indicando o caminho que a tribo irá seguir. Ele também deve estar atento aos movimentos do Mateus e Catirina, localizados a frente do maracatu. Os caboclos que tem ligação direta com o mestre caboclo na condução das manobras do Maracatu

são: os dois puxadores de cordão e os dois bocas de trincheira. O caboclo responsável pelo Terno é o pé-de-bandeira, localizado atrás do maracatu.

Atrás do Cortejo:

O mestre: Trabalha no improviso, onde tem que mostrar todas as suas habilidades. Ele carrega a bengala (bastão) e o apito. Esta bengala é um símbolo de sua autoridade e de uso apenas dos mestres. Ela pode ser enfeitada com fitas e com anéis metálicos. Ao lado do mestre tem o auxiliar ou contramestre que repete juntamente com as baianas os últimos versos das loas (versos) do seu improviso. O mestre costuma ficar próximo ao terno e à bandeira.

O terno: Conjunto musical: Porca (lata coberta com couro de boi, possuindo uma madeira ao centro. A Porca pode também ser feita de madeira), o Surdo (também conhecido como Bombo ou Zabumba. Também está presente em outros folguedos populares do Nordeste), o Taro (também chamado de Tarol, é um tambor estreito percutido por duas baquetas.), o Gonguê (conhecido por grupos afros como o Agogô) e o Ganzá (também conhecido como Mineiro. Um cilindro de folhas de flandres fechado contendo grãos ou seixos que produzem um som agitado).

Músicos: O terno sempre existiu e depois é que foram incorporados os instrumentos de sopro. São músicos que tocam os instrumentos de sopro geralmente Trombone, Piston e Saxofone. São poucos e muitos caros os músicos de sopro disponíveis para se apresentar no carnaval, causando problemas para o maracatu. Na sua maioria são contratados e não se sentem parte do maracatu.

ANEXOS

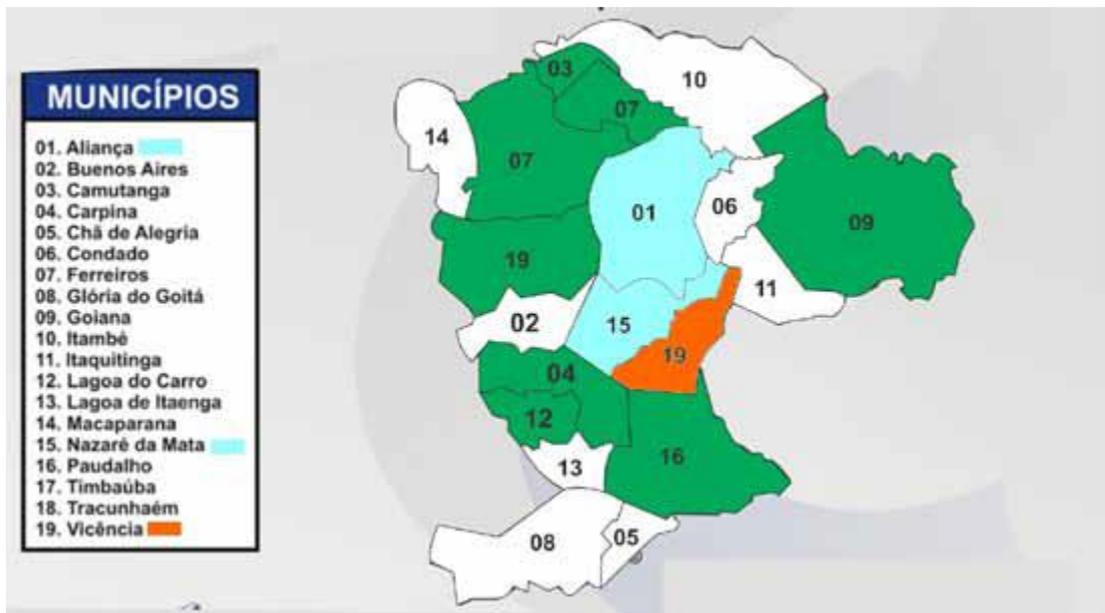
ANEXO A - Mapas

Pernambuco



*Imagem retirada o Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto – Inventário Nacional de Referências Culturais, 2013, p. 36.

Zona da Mata Norte de Pernambuco



*Imagem retirada o Dossiê v.2: Maracatu de Baque Solto – Inventário Nacional de Referências Culturais, 2013, p. 37.

ANEXO B - Quadro do Maracatu Coração Nazareno de Nazaré da Mata

Maracatu de Baque Solto	Coração Nazareno de Nazaré da Mata
Fundação	Em 08 de março de 2004 no município de Nazaré da Mata. Em 2005 teve a sua primeira apresentação no Carnaval de Nazaré da Mata.
Sede	Associação das Mulheres de Nazaré da Mata – AMUNAM.
Distância do Recife	65km
Coordenadora	Eliane Rodrigues
Produção	Afonso Oliveira
Produção artística	Salatiel Cícero e Lucicleide Maria
Costureiras	Marinalva Izabel, Maria Josefa de Souza e Hilda Maria
Interlocutores	Eliane Rodrigues (Coordenadora), Mauricélia (apoio da produção), Gil (Mestra do apito), Cleide (Mestra Cabocla), Marinalva (Rei e Cabocla de Lança), Vanessa (Arreimar), Fernanda (Arreimar e Cabocla de Lança), Antônia (Cabocla de Lança), Gilcélia (brincou no terno e de Rainha), Márcia Fernanda (Dama do Paço), Marta (Cabocla de Lança), Sônia (Cabocla de Lança), Hilda Maria (produtora e costureira), Salatiel Cícero (produtor), Lucicleide Maria (Terno), Maria Cristina (Segura o símbolo do Maracatu), Deysielle (Terno), Marliete (apoio da produção), Mariinha (Cozinheira).
Nº/ Público atendido beneficiário atendido	84 mulheres
Parceiros	Prefeitura de Nazaré da Mata, Secretaria de Cultura de Pernambuco, Ministério da Cultura e Prefeitura do Recife.

ANEXO C - Quadro dos Mestres interlocutores de outros Maracatus da Zona da Mata Norte de Pernambuco

Maracatus de Baque Solto	Mestres
Cambinda de Lagoa de Itaenga	Mestre Cabeça
Estrela de Ouro de Aliança	Mestre Anderson
Estrela Brilhante de Nazaré da Mata	Mestre Bi
Leão Misterioso de Nazaré da Mata	Mestre João Paulo
Estrela Dourada de Buenos Aires	Mestre Barachinha (também conversei com o dono do Maracatu, seu Modesto)

*Dois interlocutores homens entrevistados em 2012 e os dados foram aproveitados nesta atual pesquisa: Mestre Zé Duda (ex-mestre do Maracatu Estrela de Ouro de Aliança) e Ederlan Fábio (Brincante, músico e produtor cultural).

ANEXO D - Currículo Institucional do Coração Nazareno até 2015

- Abertura do 8º Congresso de Recursos Humanos/Centro Convenções Olinda/2005;
- Abertura da Feira de Economia Feminista Solidária de Pernambuco/Estação Central Ferroviária/2007;
- Carnavais 2005/2006/2007/2008, nas cidades de Nazaré da Mata, Tracunhaém, Lagoa de Itaenga, Itaquitinga, Aracoiaba, Aliança, Paudalho, Buenos Aires, Vicência; Ponto de Cultura Estrela de Ouro;
- Gravação do I CD “A Rosa do Maracatu” patrocinado pelo Governo do Estado Fundarpe/Funcultura-2007;
- Música: Eu peço a Deus, Pai dos Pais, vencedora do Prêmio Cultura Popular nas Ondas do Rádio2008, coordenado pela Rede Criar Brasil;
- Gravação de matérias para a Globo News em 2005 e 2006;
- Gravação em curta metragem para Holanda/2008;
- Filmagem para TV Jornal Programa Nordeste Mais dia 06/02/2009;
- Sambadas com os componentes do Maracatu Coração Nazareno na AMUNAM dia 07/02/2009 e em Chã do Camará dia 14/02/2009;
- Semana Pré-Carnavalesca 20/02/2009 em Carpina;
- Apresentações no Carnaval em 2009, nos municípios: Paudalho, Timbaúba, Vicência, Angélica, Nazaré da Mata, Camutanga e Tracunhaém;
- Apresentação em Recife- Casa da cultura em 26/02/2009;
- Abertura do 1º Festival Nação Cultural em Goiana pela FUNDARPE – 04/04/2009;
- Apresentação do Festival Canavial em Chã de Camará, 27/11/2009;
- Apresentação Centro de Convenções – Recife, 16/12/2009;
- Apresentação em Águas Belas – Sertão, 04/02/2010;
- Apresentações no Carnaval em 2010, nos municípios: Ferreiros, Timbaúba, Vicência, Buenos Aires, Condado, Chã do Esconso, Itaquitinga, Tracunhaém, Paudalho e Nazaré da Mata.
- Apresentação no município em Goiana, 28/03/2010;
- Lançamento do II CD “Coração Nazareno” patrocinado pelo Ponto de Cultura Engenho dos Maracatus PE. MinC e secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco-2011;

- Apresentações no Carnaval em 2011, nos municípios: Tracunhaém, Nazaré da Mata, Vicência, Paudalho e Olinda;
- Festival Canavial – Chã de Camará, 18/06/2011;
- Festival do Canavial – Parque dos Lanceiros – Nazaré da Mata, 04/12/2011;
- Participação na Abertura do Carnaval em Olinda, 30/12/2011;
- Apresentação na Abertura do Carnaval em Goiana, 13/02/2012;
- Apresentação no Município Bonito, 17/02/2012;
- Apresentações no Carnaval em 2012, nos municípios: Nazaré da Mata e Olinda.;
- Lançamento da coleção de CDs dos Maracatus que integram o ponto de Cultura (Coração Nazareno, Águia Dourada, Leão Cultural, Leão Misterioso), - Encontro de Maracatu em Nazaré da Mata - 21/02/2012;
- Abertura do Mês da Mulher - AMUNAM –Associação das Mulheres de Nazaré da Mata, 08/03/2012;
- Abertura do Chapéu de Palha Mulher; Escola de Aplicação Professor José Chaves - 12/06/2012;
- AMUNAM e Maracatu Feminino são identificados como Patrimônio Histórico Material e Imaterial; AMUNAM –Associação das Mulheres de Nazaré da Mata - 04/12/2012;
- Lançamento do Livro a Mulher no Maracatu Rural “Escritora: Tamar Alessandra Thalez Vasconcelos; Recife na Livraria Cultura - 06/12/2012;
- Inauguração do Banco Nordeste; Carpina - 21/12/2012;
- Espetáculo Baile do Menino Deus; Praça dos Lanceiros - 21/12/2012;
- Exposição de Indumentária do Maracatu Coração Nazareno; Centro Cultural dos Correios na Cidade do Recife - 28/12/2012;
- Carnaval 2013: Nazaré da Mata, Recife, Olinda, Goiana, Buenos Aires, Itaquitinga, Ferreiros; Gloria do Goitá e Lagoa de Itaenga;
- Entrevista para Rádio Folha FM, Na cidade do Recife, no dia 14 de Janeiro de 2013;
- Portal Leia Já, Cidade do Recife, no dia 14 de Janeiro de 2013;
- Portal Folhape, Cidade do Recife, dia 30 de Janeiro de 2013;
- Celebs PE, Cidade do Recife, 30 de janeiro de 2013;
- Jornal Folha de Pernambuco, na Cidade do Recife no dia 11 de Fevereiro de 2013;
- Nota Portal Ne10, Recife, 12 de fevereiro de 2013;
- Gravação Documentária para produtora de Vídeo (12/02/2013);
- Entrevista para TV Jornal 11 de fevereiro de 2013;

- Entrevista para TV Pernambuco – Programa Pé na Rua, 06 de Março de 2013;
- Prêmio Mazarrop - Ministério da Cultura — (21/10/2013);
- Festival Canavial 2013 – (22/11/2013);
- Apresentações Carnaval 2014: Nazaré da Mata, Condado, Recife, Olinda, Goiana , Tracunhaém, Feira Nova, Lagoa de Itaenga, Itaquitinga, Buenos Aires, Entrevista Band Folia, 18 de Fevereiro: <http://alternativafmamunam.blogspot.com.br/2014/02/maracatucoracao-nazareno-participa-de.html> Entrevista Rádio Folha PE, 19 de Fevereiro 2014: <http://alternativafmamunam.blogspot.com.br/2014/02/musicistasdo-maracatu-coracao-nazareno.html>;
- Apresentação do Maracatu Feminino Coração Nazareno na Rua da Moeda (semana pré-carnaval do Recife 2015), no dia 24/01/2015;
- Período Carnavalesco de 15 a 17 de fevereiro de 2015: Buenos Aires, Casa Amarela (Recife), Lagoa de Itaenga, Nazaré da Mata (Encontro dos Maracatus Rurais de Baque Solto), Condado, Itaquitinga, Tracunhaém, Três Carneiros - Corredor Comunitário (Jaboatão dos Guararapes), Nazaré da Mata (Encerramento);
- Entrevista com o Maracatu Feminino Coração Nazareno na Rádio Folha de Pernambuco, Recife, 28/01/2015;
- Maracatu Feminino Coração Nazareno, Participa da Gravação do Pau de Selfie para o Programa Esquentando de Regina Casé da TV Globo. Na AMUNAM, no dia 02/02/2015;
- Maracatu Coração Nazareno participou do Pau da Self, no programa Esquentando de Regina Casé, pela TV Globo, no dia 22/02/2015;
- Maracatu Coração Nazareno participou da Abertura da caravana do Esporte e da música, promovido pelo Instituto Esporte e Educação (IEE) em parceria com a ESPN Brasil, UNICEF e Disney. Sociedade Musical Cinco de Novembro - Revoltosa em Nazaré da Mata, no dia 23/02/2015;
- Maracatu Coração Nazareno participou do encerramento da caravana do Esporte e da música, promovido pelo Instituto Esporte e Educação (IEE) em parceria com a ESPN Brasil, UNICEF e Disney. Condor Esporte Clube de Nazaré da Mata, no dia 25/02/2015;
- Maracatu Feminino Coração Nazareno participou da Gravação no Projaque para o programa Esquentando de Regina Casé da TV Globo. Exibido no dia Internacional da Mulher 8 de Março de 2015. Rio de Janeiro, no dia 03/03/2015.

- Maracatu Coração Nazareno participou de uma gravação para ser exibida na TV Pernambuco e na TV Universitária realizada pelo programa Pé na Rua. Nazaré da Mata, dia 06/03/2015;
- Maracatu Feminino Coração Nazareno participou do programa Esquentando de Regina Casé da TV Globo. No dia Internacional da Mulher. Rio de Janeiro, no dia 8/03/2015;
- Maracatu Coração Nazareno Participou da 25ª edição do Festival de Inverno de Garanhuns (FIG), no dia 23/07/2015
- Maracatu Coração participou do Re-circo (um projeto itinerante), no Recife, no dia 22/08/2015.

*Informações retiradas do Currículo Institucional, concedido pelo Maracatu Coração Nazareno.

ANEXO E - Letras das loas (músicas)

Primeiro CD - Maracatu Coração Nazareno: A Rosa do Maracatu

Gravado no estúdio Mestre Zé Duda do Ponto de Cultura Estrela de Ouro, sitio Chã de Camará, Aliança – PE, em julho de 2007.

Coração Nazareno – (Samba em dez) – mestra Gil/mestre Antônio Roberto/mestre João Paulo.

Buscando mais consciência me esforço pra cantar bem sem prejudicar ninguém ao povo eu dou preferência

Jesus me da paciência pra cantar com liberdade (repete)

Vivendo a realidade no samba e na rima pura valorizando a cultura que tem na nossa cidade

O Coração Nazareno tem quatro anos de fundado conhecido e registrado por todo esse terreno

Ele começou pequeno mais ta crescendo normal (repete)

Esse grupo é tão legal parabenizo com fé a cidade de Nazaré do maracatu rural

A mulher atualmente disputa cargo elevado pra governar o Estado ser deputado agente

Cabo sargento ou tenente depende do seu estudo (repete)

Ensina a lidar com surdo no amor ele penitência só não pode rezar missa mais resto pode tudo

Criança diariamente tem que ir para a escola saber que o fumo e a cola faz mal a todo vivente

Criança e adolescente não beber e nem fumar (repete)

O conselho tutelar é o órgão de segurança tem que ensinar a criança para não se avissiar

A criança tem direito de estudar e de brincar na escola no seu lar ser tratada com respeito

O professor sabe o jeito de como lhe educar (repete)

Os pais tem que lhe ensinar sem machucá-la jamais que a violência faz criança se arrevoltar

Nós temos adolescente com dez ou com doze anos que esta mudando de planos de maneira diferente

Roubando e matando gente no ato de crueldade (repete)

Criança de pouca idade engravida sem saber quanto é que pesa o dever da responsabilidade

Menina de hoje em dia que não quer mais nem estudar só pensa em namorar levando por fantasia

Seus pais aquela agonia reclamando do fracasso (repete)

Ela diz eu fiz e faço que a minha vida é zuera termina uma mãe solteira com a criança nos braços

Peço a toda mãe querida que não defenda o aborto, não deixe que nasça morto o sangue da sua vida

Deixe a criança nutrida escutar a sua voz (repete)

Que por baixo dos lençóis ninguém pediu pra nascer, mas nascido é pra viver que a vida é pra todos nós

Eu sendo uma mulher me sinto muito importante de cantar a todo instante tudo o que o povo quer faço

Tudo o que puder na marcha e no samba novo (repete)

Deus me ajuda eu resolvo vou cantar sem dar o tope fazer do samba e galope pra dar de presente ao povo

A vinte e três de janeiro e oitenta e oito foi a o ano que a mulher lutou fez planos teve o contato primeiro

A árvore foi o sombreiro que houve a primeira cena (repete)

A luta valeu a pena sem preconceito de nada foi assim que foi formada e associação nazarena.

Filha de Nazaré – (galope em seis) – mestra Gil/mestre Antônio Roberto

Sou filha de Nazaré da terra de mestre bamba (repete)

Nunca cantei farra samba nem canto que Deus num que sou a primeira mulher que brinca cantando samba

Meu samba é uma estrela brilhando no firmamento (repete)

Com o meu conhecimento faço macha sendo a tope que macha samba galope eu canto a todo momento

Cantando samba e galope nunca perdi a moral (repete)

O que eu decoro é normal o que eu escrevo é perfeito por isso é que eu tenho feito sucesso no carnaval

Daqui pra frente sambando vou aproveitar o clima (repete)

Deus me mandou de la de cima sucesso sem ter segredo meus samba vão fazer medo a mestre fraco de rima

Nunca sambei com ninguém mais sambo se precisar (repete)

Que o qui eu tenho pra cantar da pra encher armazem carro caçamba de trem barragem dentro do mar

Mestre que sambar comigo me respeite no brinquedo (repete)

Porque eu não tenho medo de cantar pra minha gente qualquer mestre em minha frente se for pra concorrer cedo

Mestre pra cantar comigo tem que ter muita coragem (repete)

Se ele não tiver bagagem leitura e conhecimento sabedoria e talento só vai levar desvantagem

Tem hora que eu canto samba que eu até me admiro (repete)

Que na hora que eu me espiro canto sem da nenhum tope que macha samba e galope tem sido o ar que eu respiro

Meu galope tem um jeito do caboclo nordestino (repete)

A luta do pompozino que acorda de madrugada despertando a filharada para o trabalho contino O maracatu rural significa nação (repete)

O caboclo folgazão manobrando no terreno e o Coração Nazareno mora no meu coração

Mulher hoje se encontra pelo meio social (repete)

Deputada federal senadora competente só falta ser presidente do poder nacional

Antes mulher só prestava pra lavar botar remendo (repete)

Mas hoje já estão vendo mulher soprando apito fazendo samba bonito do macho ficar roendo

Não havendo educação a nação não se envolve (repete)

Não é só jogo de bola que nos vai dar confiança que o futuro da criança começa pela escola.

Cantar é meu serviço – (galope) – mestra Gil/mestre Antônio Roberto

Não faço samba pequeno (repete)

Quando estou me apresentando principalmente cantando pro Coração Nazareno

Venho quebrando tabu (repete)

Tem mestre que dar fracasso porque não faz o que eu faço cantando maracatu

Cantando pro pessoal (repete)

Não faço samba quebrado porque Deus tem me ajudado no maracatu rural

Cantar é meu serviço (repete)

Eu não tenho como emprego mais cantando aonde eu chego assumo meu compromisso
Se eu for fazer sambada (repete)
Mestre que sambar comigo se não disser o que eu digo se perde na minha estrada
Eu nunca ensurtei ninguém (repete)
Mas se preciso eu insurto que quem tem medo de vulto não olha a sombra que tem
Começo o samba e termino (repete)
Só Deus pais homem potente saberá futuramente quando eu mudo o meu destino
Meu povão não se separa (repete)
Que minha rima é sustenta o mestre que me enfrenta não sabe onde bota a cara
Deus me ensinou fazer (repete)
Samba na ponta do pé comigo sujeito é ou então deixa de ser
Quando eu começo a sambar (repete)
Mestre que só tem boato nem se quer voando a jato consegue me acompanhar
Sambo sem levar revei (repete)
Dando de presente ao povo marcha com galope novo e samba feito de dez
Meu samba é especial (repete)
Enfeita todo o planeta voa igual à borboleta colorindo o matagal
Não sei cantar razoeira (repete)
Que marcha samba e galope eu sei cantar sem dar tope da segunda a sexta-feira
Passei a marcha primeira (repete)
Pra seguir a rodovia meu carro de poesia nunca estancou na ladeira.

**Segundo CD: Maracatu Coração Nazareno Nazaré da Mata. Coleção Ponto de Cultura
Engenho dos Maracatus – 2**

Gravado no Estúdio Canavial, Engenho Santa Fé, Nazaré da Mata – PE, entre agosto e dezembro de 2011.

Eu sou uma mulher – Mestra Gil

Terno apito e bengala me da mais inspiração (repete)

Levanto o troféu na mão cantando samba na praça foi aqui que Antônio Baracha se tornou um campeão

Por onde eu tenho passado a galera me conquista (repete)

Já tenho o nome na lista a hora que eu fico passando Nazaré se orgulhando por ter uma mulher sambista

Sou uma mulher guerreira cantando sem ter demora (repete)

Por isso que eu digo agora no maracatu rural uma mulher de moral cantando a sua história

Eu ingressei nesta arte e pretendo fazer renome (repete)

E onde eu faço samba novo improvisado e bem feito e se o terreiro for estreito ao dá pra caber meu nome

O pulmão da natureza tá quase sem respirar (repete)

Peixe morrendo no mar as matas se invadindo e o homem poluindo a água até ir pro ar

Tem mestre se preparando para pisar no meu terreno (repete)

Seja grande ou pequeno dentro ou fora do Brasil vai sofrer com a mestra Gil do Coração Nazareno

Porque sonora bonita nem toda pessoa tem (repete)

Que a minha inspiração vem da região infinita porque sou uma artista fazendo verso também

O homem tem que aprender respeitar sua mulher (repetir)

Ela faz tudo o que ele quer faz a sua ceia e jante de madrugada levanta para fazer o seu café

Tudo o que o homem faz a mulher sabe fazer (repete)

Ensina criança a ler faz curso vai a policia uma mulher dizer missa eu pago pra ver.

Eu agradeço – Mestra Gil

Eu agradeço a todos quem em mim confiou se eu canto é com amor com talento e emoção

Tenho consideração mostrando que sou capaz (repetir)

E o que o homem faz a mulher sabe fazer macha samba e galope tudo isso e muito mais

Com minha inspiração eu me sinto tão contente em hoje vê tanta gente que veio nos escutar

Quando eu começo a cantar muitos ficam emocionados (repete)

É samba pra todo lado pra ninguém botar defeito por isso eu canto direito que é pra não sair errado

Tenho fé e esperança em tudo o que eu vou fazer quando eu canto é pra valer isso me deixa contente

Esse é o maior presente que a natureza me dá (repete)
 Nada não pode faltar rima tem que ser bem feita pra não esquentar a cabeça na hora que for cantar
 Eu canto de improviso com toda dedicação
 É com muita emoção que eu canto pra meu povo
 Mostrando meu samba novo hoje aqui nesse terreno (repete)
 O Coração Nazareno quebrando todo tabu parabéns pra Nazaré terra do maracatu
 Pra cantar maracatu tem que ter inteligência e muita da paciência pra fazer samba rimado
 Dando conta do recado escutai meu irmão (repete)
 É com amor e emoção que eu faço verso contente pra cantar pra estar esta gente com prazer no coração
 O Coração Nazareno é formado por mulher que canta faz o que quer hoje aqui pro pessoal
 Mostrando que tem moral na hora que esta sambando (repete)
 E o pessoal gostando me aplaudindo de pé a poeta de Nazaré pra vocês está cantando
 Na cultura nordestina só não brinca quem não quer homem, menino e mulher que hoje está brincando
 E a televisão filmando fazendo a divulgação (repete)
 É só prestar atenção n que hoje está fazendo o Coração Nazareno causando admiração
 Olhe eu sendo mulher eu canto sem ter demora por isso que digo agora que cantar é meu destino
 E todos que estão me ouvindo que preste bem atenção (repete)
 Com muita dedicação isso me deixa contente fazendo o meu samba novo para alegrar essa gente
 Hoje eu me sinto feliz em fazer verso rimado dando conta do recado escuta ai minha gente
 Por eu ser inteligente eu canto sem ter demora (repete)
 Por isso que eu digo agora maracatu da mulher fazendo tudo o que quer por este mundão a fora
 Causando admiração hoje aqui a mestra Gil uma mulher que surgiu pra disciplina mostrar
 Na hora que eu vai cantar pra plateia dar um show (repete)
 Mostrando o seu valor hoje aqui pra tanta gente isso me deixa feliz animada e contente.

Minha pisada é assim – Mestra Gil

Minha pisada é assim e eu respeito e trato bem (repete)
 Eu não sei botar defeito nas pessoas que não tem
 Olhe eu sendo uma mulher dizem que eu canto muito bem (repete)

Não tiro chapéu pra mestre porque sou mestra também
 O homem tem que aprender a respeitar sempre a mulher (repete)
 Ela hoje já está sambando fazendo tudo o que quer
 Macha samba com fartura rima galope bem feito (repete)
 Toque de apito perfeito que tudo isso é cultura
 Minha estrela está brilhando o meu nome esta comentado (repete)
 O que eu sonhei no passado está se realizando
 Com o meu conhecimento faço macha sem dar tope (repete)
 Quem macha samba e galope eu cantar todo momento
 Na capital do maracatu todos se divertem como quer (repete)
 Além do Frevo e encontra maracatu de mulher
 Nesse brinquedo rural a gente faz propaganda (repete)
 Divulgando a canturia maracatu, coco e ciranda
 Maracatu de mulher mostrando a cultura vida (repete)
 Nos temos em Nazaré uma rádio alternativa
 Olhe eu sendo uma mulher sambando em cima da linha (repete)
 Mando um abraço apertado pra todas mães e a minha

Terno, apito e bengala – Mestra Gil

Sou uma mulher guerreira dominando uma nação com muita consideração que eu domino este
 brinquedo
 Porque não tenho medo de cantar pra o povão (repete)
 É aquela animação e a plateia gritando é a mestra Gil cantando com maior inspiração

Hoje eu tenho confiança em samba não me envergonho foi um trabalho medonho hoje me sinto contente

Por eu ser inteligente sambando maracatu (repete)

Eu vim pra quebrar tabu por este mundo a fora por isso que digo agora cantando maracatu

A cultura nazarena ta sendo valorizada na rádio sendo tocada isso pra mim valer a pena

E cena em cima de cena com Catita e Papangu (repete)

Bumba meu boi e Calu Frevo na ponta do pé parabéns pra Nazaré capital do Maracatu

Buscando mais consciência me esforço pra cantar bem sem prejudicar ninguém ao povo dou preferência

Porque eu tenho paciência de cantar com liberdade (repete)

Vendo a realidade no samba e na rima pura valorizando a cultura que tem na nossa cidade

Hoje já que estão vendo mulher assoprando o apito fazendo samba bonito do homem ficar roendo

A mulher está crescendo pelo meio social (repete)

Deputada federal senadora competente já tem ate presidente do poder nacional

Isso é pra vocês saber que a mulher é inteligente fazendo verso contente sempre que fica inspirada

Cantando pra rapazeada com carinho e com amor (repete)

Mais um ano se passou e eu continuando cantando no maracatu mostrando hoje aqui o meu valor

Se hoje eu estou fazendo versos novo pra meu povo, mostrando o meu samba novo que hoje eu fiz pra vocês

E voltar mais uma vez canto com muito prazer (repete)

Isso é pra vocês saber do que a mulher é capaz tudo o que o homem faz a mulher sabe fazer

Não jogue lixo no rio e pode prejudicar quando a chuva chegar vai ser grande o sofrimento

Por isso fique atento e nem jogue lixo no chão (repete)

Espera o caminhão passar na sua rua, jogue o lixo na sacola que é obrigação sua

Não é porque sou mulher que eu não posso cantar no maracatu mostrar do que sou capaz

Faço marcha e muito mais samba galope bem feito (repete)

Por isso é que eu canto direito que é pro povo escutar na hora que eu for cantar que é pra não sair com defeito

Quem nunca viu venha vê uma mulher de moral no maracatu rural a cultura defender

Cantando e dando prazer hoje aqui pra tanta gente (repete)

Fazendo samba contente com capricho e com respeito cantando verso bem feito hoje aqui pra tanta gente.

*Letras retiradas dos dois CDs do Maracatu Coração Maracatu Coração.

ANEXO F - Currículo Institucional da Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (AMUNAM) até 2015

Registros:

- Utilidade Pública Municipal – Lei 07/92 de 29 de abril de 1992;
- Utilidade Pública Estadual: Lei 13.142 de 21 de Novembro de 2006;
- Utilidade Pública Federal: Processo MJ nº 08026.013678/2004-16. Portaria nº 3.582 de 03/12/2004;
- Registro no Conselho Nacional de Assistência Social: Processo nº 23023.000684/90-43;
- Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social – Processo nº 28988.001674/1994-29;
- Registro no Conselho Municipal de Assistência Social: Livro 01 fls. 15 em 28/04/1998;
- Registro no Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente: Livro nº 01 fls. 05 em 10/02/1991.

Certificados e Diplomas:

- Prêmio Jornalismo Cidadão Radiotube 2015 – Agosto de 2015;
- Prêmio Leitura para Todos: Projetos Sociais de Leitura - Janeiro de 2015;
- 18º Prêmio CLAUDIA – Outubro de 2013;
- Prêmio Culturas Populares 2012 – 100 anos de Mazzaropi – Outubro de 2013;
- Prêmio Excelência – BrazilFoundation 2012. Fevereiro de 2013;
- Prêmio CRIAR BRASIL II Edição do Concurso Cultura Popular e Cidadania nas Ondas do Rádio /2008;
- Prêmio CRIAR BRASIL I Edição do Concurso Cultura Popular e Cidadania nas Ondas do Rádio /2007;
- Finalista do Concurso Brazil Foundation/2007;
- Prêmio Top of Mind Brazil 2006;
- Visita da Princesa Madeleine da Suécia, dia 05 de Abril de 2006;

- Prêmio Itaú-Unicef – Novembro/2005, Categoria Nacional – Menção Honrosa - Projeto Deixando Marcas;
- Prêmio Itaú-Unicef - Novembro2005, Categoria Regional Finalista – Projeto Deixando Marcas;
- Prêmio Telemar de Inclusão Digital – Dezembro/2005, Categoria 2º Lugar Região;
- Norte/Nordeste - Projeto Estação Digital Vivendo e Aprendendo;
- Primeiro lugar do Prêmio Vasconcelos Sobrinho, no ano de 2005, na Categoria Participação Comunitária, concedido à instituição, pelo Governo de Pernambuco, através da Agência Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (CPRH), pelas relevantes ações ambientais no estado de Pernambuco;
- Participação no Festival Mundial e Mundial On Tour na Holanda, de 27 de maio a 16 de junho de 2003;
- Finalista do Prêmio Itaú – UNICEF 2001, Projeto Crescer Sabendo;
- Visita da Rainha Sílvia da Suécia, na Sede da AMUNAM em 31/10/2001;
- 85º lugar na conferência Cairo-Brasil/2000. 05 anos de experiências relevantes em saúde, direitos reprodutivos e sexuais, com o Projeto Educar para Transformar;
- Diploma de participação na Campanha Latino-Americana e Caribenha dos Direitos Humanos das Mulheres/1998;
- Destaque do Ano – primeiro lugar na Pesquisa de Opinião Pública realizada pela ORNAPP nesta cidade/1999;
- Vargas e Fundação Ford, com o Projeto Formação de Agente de Cidadania/1999.
- Certificado de participação no Programa Gestão Pública e Cidadania, pela Fundação Getúlio Certificado de participação no programa Gestão Pública e Cidadania, pela Fundação Getúlio Vargas e Fundação Ford, com o Projeto “Educar para Transformar” /1999;
- 2º lugar no Concurso da Rede de Mulheres no Rádio com o tema: “Mulher e Paz no Terceiro Milênio” /1999.

Programas:**I – Programa Direito e Cidadania:**

Objetivo: Promover a garantia dos direitos e o fortalecimento desses atores no exercício de sua cidadania, por meio dos seguintes projetos:

1. **Projeto Exercitando a Cidadania:** Este projeto deu origem à AMUNAM e revela a essência da sua missão. O propósito é fortalecer as mulheres como cidadãs de direitos e desejos, a fim de conquistarem seu lugar ativo no enfrentamento da violência doméstica. Para isso, o projeto realiza oficinas de formação sociopolítica que influenciam na autoestima, no comportamento e nas atitudes em diferentes espaços de participação. O Exercitando a Cidadania, realizou mais de 53 capacitações profissionais, e tem estimulado a participação de mulheres nos conselhos e comitês municipal de saúde, educação, assistência social e de emprego e renda. Desde 1988, foram beneficiadas mais de 27.350 mulheres.
2. **Projeto Dando a volta por Cima:** Atende crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade socioeconômica e estudam prioritariamente na Rede Pública. O projeto trabalha a prevenção para minimizar a violência doméstica e sexual, por meio de oficinas temáticas e atividades voltadas para o lazer, esporte e cultura, oferecendo conteúdos relacionados à ética e a cidadania. O Dando a Volta por Cima, atende diariamente 50 crianças adolescentes, dos 08 aos 17 anos, além de manter uma Biblioteca aberta ao público para realização de pesquisas e acesso ao acervo literário. Desde 1992, o projeto já beneficiou em média 9.750 crianças e adolescentes.
3. **Projeto Cultura é Coisa Nossa:** O Maracatu Rural é Patrimônio Imaterial Nacional e o município de Nazaré da Mata foi reconhecido por lei como a capital dessa tradição cultural, historicamente organizada pelos homens. O propósito deste projeto é inserir as mulheres como protagonistas desta manifestação cultural, por meio da realização de oficinas de bordado, percussão e canto. O Projeto Cultura é Coisa Nossa viabilizou a criação do *Maracatu Feminino Coração Nazareno*, o único formado exclusivamente por mulheres, dos 8 aos 80 anos de idade, como uma das formas de levar delicadeza, leveza e feminilidade para um ambiente essencialmente masculino. Além desta ação, o projeto possibilitou a criação do *Grupo Cultural Flores do Coco e o Ponto de Cultura*

Engenhos dos Maracatus. Desde 2004, aproximadamente 1.058 mulheres se engajaram nessas atividades e os recursos mobilizados pelas apresentações tem sido uma valiosa fonte de geração de renda para essas pessoas.

II – Programa Comunicação Social:

Objetivo: Disseminar informações por meio das mídias escrita, falada, imprensa e web, que mobilizem a comunidade para a dimensão dos direitos e do exercício da cidadania a partir da correlação entre os fatos institucionais, locais e o global. *Radio Comunitária Alternativa FM*. Fundada em 08 de março de 2003, estimula e contribui para o desenvolvimento humano e social, através da veiculação de programas sociais, culturais, musicais, de entretenimento e informativos, produzidos e apresentados por comunicadores sociais, servindo de laboratório para jovens da comunidade, atingindo aproximadamente 15 mil ouvintes diariamente.

1. **Informativo Mulher Cidadã:** É uma publicação impressa e digitalizada, quadrimestral, que visa à transparência para a sociedade e parceiros das atividades e serviços prestados pela AMUNAM, com produção de 20 mil unidades por ano.
2. **Mídias Sociais:** Fazer parte do ambiente virtual com foco na ampliação da visibilidade dos conteúdos produzidos, contextualizando maior interatividade com o público. Com atualização diária, com média de 300 acessos dia.
 - Site: www.amunam.org.br
 - Blog: www.alternativafmamunam.blogspot.com.br
 - Twitter: https://twitter.com/radioamunam98_5
 - TV WEB: <https://www.youtube.com/user/amunam2011/videos>
 - Facebook: <https://www.facebook.com/radioalternativafmamunam>
 - Audioteca: <http://mais.uol.com.br/alternativafmamunam>
 - Galeria de Fotos: <https://www.flickr.com/photos/radioalternativaamunam/>
 - Jornal Online: <http://issuu.com/jornalamunam>

*Informações retiradas do Currículo Institucional, concedido pela AMUNAM.